Filipe Alexandre Reis da Silva Oliveira

Desenho de Observação:
Uma ferramenta primordial em Arquitetura

Orientadora: Professora Doutora Arquitecta Luísa Paiva Sequeira

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

Lisboa
2017

Filipe Alexandre Reis da Silva Oliveira

Desenho de Observação:
Uma ferramenta primordial em Arquitetura

Dissertação apresentada defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 29 de Janeiro de 2018, perante o Júri, nomeado pelo despacho, nº 401/2017, de Novembro com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Pedro Carlos Bobone Ressano Garcia;

Arguente: Prof.ª Doutora Inês Maria Andrade Marques;

Orientadora: Prof.ª Doutora Maria Luísa Alves de Paiva Meneses de Sequeira;

Vogal: Prof.ª Doutora Catarina Isabel Santos Patrício Leitão

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

Lisboa
2017

Aos meus pais, por toda a dedicação e sacrifício até hoje,

À minha família, especialmente aos meus pais e irmão que sempre souberam dar uma palavra de motivação nos momentos cruciais do curso.
Aos meus amigos, particularmente ao André Baptista, que sempre acreditaram e me incentivaram incansavelmente na conclusão do curso.
Aos trinta e um *Urban Sketchers* entrevistados que disponibilizaram o seu tempo precioso nas respostas.

À minha orientadora Professora Doutora Arquiteta Luísa Paiva Sequeira pela sua determinação, entusiamo, dedicação e paciência demonstrada na resolução da dissertação.

"Nenhum desenho me dá tanto prazer como estes: desenhos de viagem, (…). Por mim, gosto de sacrificar muita coisa, ver apenas o que imediatamente me atrai, de passear ao acaso, sem mapa e com uma absurda sensação de descobridor. Haverá melhor do que sentar numa esplanada, em Roma, ao fim da tarde, experimentando o anonimato e uma bebida de cor esquisita – monumentos por ver e a preguiça avançando docemente. De súbito o lápis ou a Bic começam a fixar imagens, rostos em primeiro plano, perfis esbatidos ou luminosos pormenores, as mãos que os desenham. Riscos, primeiro tímidos, presos, pouco precisos, logo obstinadamente analíticos, por instantes vertiginosamente definitivos, libertos até à embriaguez; depois fatigados e gradualmente irrelevantes. Num intervalo de verdadeira viagem aos olhos e, por eles, a mente ganha insuspeita capacidade. Aprendemos desmedidamente; o que aprendemos reaparece, dissolvido nos riscos que depois traçamos." *(Siza, 1988, p.15).*

(Desenho…) "Simples Sinal visível numa superfície, para descrever ou explicar um Mundo de fenómenos; instrumento tão simples, mas intrinsecamente elástico que permite a narração, dos mais diversos modos, da complexidade e, cada vez mais, dilatável para cobrir a possibilidade expressiva". *(Manfredo Massironi, 1982).*

Resumo

A presente dissertação propõe apresentar e justificar que o Desenho de Observação é uma ferramenta primordial de investigação / perceção da identidade dos lugares no desenvolvimento de um projeto de arquitetura.

Palavras-chave: Desenho; Desenho de observação; Arquitetura; Representação

Abstract

The Present dissertation proposes to present and justify that the Deseign of Observation is a primordial tool of investigation/ perception of the identity of the places in the development of an architecture project.

Key Words: Drawing; Observation drawing; Architecture; Representation

Abreviaturas

APL – Autoridade do Porto de Lisboa

ULHT – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

UsK- Urban Sketchers

UsKP- Urban Sketchers Portugal

UsKB- Urban Sketchers Brasil

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO……14

CAPÍTULO 1 | Contexto Histórico/ Os suportes do desenho 15

1.1 Da Pedra aos cadernos – evolução do desenho 15

1.2 O Romantismo e o desenho / Ruskin 35

CAPÍTULO 2 | Desenho / Risco em Portugal 42

2.1 Francisco d´Hollanda 42

2.2 Escola do Porto.....50

2.3 Análise do Lugar lugar através do desenho de observação.....60

CAPÍTULO 3 | desenho "in situ"..... 66

3.1 O desenho no percurso académico do Autor.....66

3.1.1 A disciplina do desenho 69

3.1.2 O desenho nas cadeiras de projeto.....73

3.1.3 A relação com os *Urban Sketchers* 78

3.1.4 Suportes e materiais 83

3.2 USk : Fenómeno mundial.....88

3.3 Entrevistas a 40 Urban Sketchers.....91

CONCLUSÃO…..……..98

ANEXOS……..106

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1 - Caverna Lascaux.

Figura 2 - Neolítico – pintura rupestre.

Figura 3 - Baixo-relevo egípcio pintado.

Figura 4 - Cyperus papyrus - Planta de Papiro.

Figura 5 - Papiro antigo.

Figura 6 - Papiro antigo.

Figura 7 - Papiro antigo.

Figura 8 - Coliseu romano.

Figura 9 - O Homem de Vitrúvio, desenhado por Leonardo Da Vinci.

Figura 10 - Basílica Romana.

Figura 11 - Papiro antigo.

Figura 12 - Desenho de Leonardo Da Vinci.

Figura 13 - Autorretrato de Leonardo da Vinci.

Figura 14 - Desenho de Rafael.

Figura 15 - Capela Sistina.

Figura 16 - Pormenor do tecto da Capela Sistina – A Criação de Adão.

Figura 17 - Esboço para A Criação de Adão.

Figura 18 - Florença. Uma das ilustrações desenvolvidas por J.W. Turner no livro Italy

Figura 19 - Palácio do Cristal – 1851. Arq. Joseph Paxton (1803-1865). Considerada a obra-prima da época mecânica. Mais de 70.000m2 de área de construção

Figura 20 - Frontispício do Livro “The Present Revival Christian Architecture” em 1843, escrito por Pugin.

Figura 21- Álbum dos Desenhos das Antigualhas. Francisco de Holanda.

Figura 22 – Álbum dos Desenhos das Antigualhas. Francisco de Holanda.

Figura 23 – Álbum dos Desenhos das Antigualhas. Alegoria da Caridade. Francisco de Holanda.

Figura 24 – Álbum dos Desenhos das Antigualhas. Girândola do Castelo de Sant'Ângelo. Francisco de Holanda.

Figura 25 – Tratado da Pintuta Antiga – Primeira obra Literária de Francisco de Holanda.

Figura 27 - Planta da cidade de Lisboa, proposta pelos arquitetos Carlos Mardel e Eugénio dos Santos Carvalho.

Figura 27 - Estudo de Vieira Lusitano para o tecto de uma igreja do Chiado arrasada em 1755.

Figura 28 - Desenho de Jean Pillement. "Chinoiserie".

Figura 29 - Desenho de Vieira Portuense.

Figura 30 – Rua da Volta. Construção Vernacular em ruína. Sistema construtivo tradicional

Figura 31 - Paços do Concelho de Torres Vedras (esq.). Chafariz dos Canos e Largo Infante D. Henrique.

Figura 32 – Estação de Metro Sr. Roubado

Figura 33– Registo da "Lomba" em memória dos Incêndios do verão 2017.

Figura 34 – Encontro internacional dos USkP. Runa.

Figura 35 – Caderno de Campo – Encosta de S. Vicente – Torres Vedras.

Figura 36 – Centro Histórico de Torres Vedras

Figura 37 – Marvila – Armazéns Abel Pereira da Fonseca

Figura 38 – Aulas de Desenho e Geometria Descritiva leccionadas pelo Professor Aguilar, com assistência do Professor João Borges da Cunha.

Figura 39 – Ao acordar nas Casinhas na Costa da Caparica.

Figura 41 – As traseiras da casa da Avó Fernandinha. (tardoz da Rua do Passadiço. Lisboa).

Figura 41 – Projeto para um Espaço de “Barbecue”.

Figura 42 – 55º encontro de USkP no Convento do Carmo,

Figura 43 – Bicho de conta – os primeiros esquissos do 1º Projeto académico em 2007,

Figura 44 – Desenho elaborado à vista, nas aulas de Desenho.

Figura 45 – No Aeroporto de Lisboa, enquanto o Autor aguardava o OK,

para a manobra de “PushBack”.

Figura 46 – Semana Da Arquitecura 2012 – Luís Simões e Filipa Antunes

a serem entrevistados no estúdio de T.V.,na U.L.H.T..

Figura 47 – O 1º encontro com Eduardo Salavisa (à esq), no Cinema São Jorge.

Figura 48 – Na estação Férrea de Tomar para Lisboa.

Figura 49 – Entrevista ao Arqtº Álvaro Siza na Calouste Gulbenkian.

Decorrente da exposição: Inside A Creative Mind.

Figura 50– Projeto do 3º ano, Regeneração Urbana em Benfica, Lisboa.

Figura 51 – Projeto do 3º ano, Regeneração Urbana em Benfica, Lisboa.

Figura 52– Projeto do 3º ano, Regeneração Urbana na Arroja- Odivelas

Figura 53 – Projeto do 4º ano, Regeneração Urbana na Arroja- Odivelas

Figura 54 – Projeto do 5º ano- Reformulação da Escola Secundária de Cascais

Figura 55 – Projeto do 5º ano- Reformulação da Escola Secundária de Cascais

Figura 56 – Projeto do 5º ano- Reformulação da Escola Secundária de Cascais

Figura 57 – No Convento do Carmo, com Eduardo Salavisa

Figura 58 – No Convento do Carmo, com Eduardo Salavisa

Figura 59 – Estação de Metro das Olaias. Lisboa

Figura 60 – Nos Restauradores- Agência de Espetáculos Públicos.

Figura 61 – Largo do Carmo. Lisboa

Figura 61 – Os materiais de desenho para o Exterior pelo Autor

Figura 62 – Diários Gráficos do Autor.

Figura 63 – No Parque do Autoridade do Porto de Lisboa.

Figura 64 – Os materiais de desenho para o Exterior pelo Autor

Figura 65 – Macau, por Álvaro Silva.

Figura 66 – Workshop com a Prof. Filipa A. Oliveira, na Semana da Arquitetura na U.L.H.T.

Figura 67 – Exposição: O que é Inovação e Arquitetura.

Figura 68 – Entrevista decorrente da Exposição, Inside a Creative Mind, na Calouste Gulbenkian. a José Mateus e Nuno Mateus.

Figura 69 - 1º Encontro Internacional de Aguarelistas e os USkP I Arruda dos Vinhos

Figura 70 – André Duarte Baptista, Filipe Oliveira,Gabi Campanário, Tomás Duarte Baptista e Paulo Brilhante.

Figura 71 – Foto de Grupo dos UskP na Arruda dos Vinhos, Feira Medieval

Figura 73 – workshop nas Escadinhas de são Francisco com João Catarino.

INTRODUÇÃO

Ao finalizar o 2º ciclo de estudos de licenciatura em Arquitetura, escolhi como tema central para a dissertação: "O Desenho de Observação, uma ferramenta primordial em Arquitetura"

A razão da escolha deste tema prende-se, primeiro com o facto de gostar de desenhar, daí a opção de enveredar por uma licenciatura em Arquitetura; depois, porque querer desenhar implica muito trabalho e muita dedicação e, acima de tudo, um modo de pensar e observar o mundo. Como tudo na vida, quando estamos dispostos a prosseguir um caminho académico, profissional ou outro, uma grande vantagem para o sucesso é gostar do que fazemos!

Assim, a paixão do Autor desenho permitiu-lhe que enveredasse pelos caminhos da Arquitetura. Através do desenho torna-se possível transmitir uma ideia ou representar uma realidade, transpondo-a para o papel.

O Desenho é uma linguagem que, tal como o alfabeto, o ser humano inventou, para transmitir um modo de pensar e comunicar com os seus semelhantes.

Ao longo da sua existência o ser humano evoluiu, inventou e aperfeiçoou os seus métodos de comunicação, associados à sua matriz cultural e identitária.

Atualmente, as funções do desenho são o resultado da sua evolução ao longo dos séculos. Os desenhos mais antigos que chegaram aos nossos dias tinham um carácter realista, vindos do Egipto e da Grécia, desenvolvidos por artistas que representavam a paisagem física e social, onde a arquitetura tinha um papel determinante. Não obstante, Vitrúvio, cidadão romano do séc. I a.C, já utilizava o desenho de forma mais livre e com um maior nível de abstração. Para muitos autores, esses registos são a génese do esquisso.

Desde a Pré-história, ao Renascimento, com a descoberta da perspetiva e sua aplicação na arquitetura como capacidade de representação da tridimensionalidade num plano bidimensional, o desenho, como afirma Juhani Pallasmaa, tem sido uma das primeiras formas de expressão, funcionando como intenção de registo ou documentação/catalogação, Este desenvolvimento metodológico (intenção de desenho), gráfico (tipo de desenho), e técnico (técnica de desenho) permitem, na disciplina de arquitetura, melhor investigar e comunicar ideias num sentido de relação entre o desenho e o lugar, o desenho, consegue experienciar e registar um espaço ou um lugar, como um instrumento de registo, e posterior análise.

A importância do desenho, ao longo dos tempos, como forma de expressão e comunicação e a sua aplicação nas mais variadas vertentes, quer ligadas às artes ou em

particular à Arquitetura será objeto desta dissertação. Inicia-se por um resumo histórico das várias épocas, passando pela contribuição dos vários elementos, quer humanos quer documentais e outros, no processo da evolução do desenho até à atualidade.

"O desenho é uma coisa mental" é uma expressão de Leonardo da Vinci que já lemos e ouvimos várias vezes ao longo da nossa formação. Na verdade, pode ser interpretada de diferentes formas. "Como revalorização da atividade intelectual do sujeito no tempo do renascer individualista moderno; como associação do desenho a instrumento do conhecimento sobre a realidade física; como transportador daprópria capacidade de representar o espírito, mesmo que ele se refugie no sorriso de uma dona; enfim como recusa da condição de "trabalho artesanal" – Sinónimo de estatuto social inferior. Apesar disso, encontram-se obras e autores que não recorrem ao desenho, e que, portanto, não lhe podem reconhecer a importância que, com esta dissertação, lhe pretendo conferir não se pretende afimar que sem desenho não possa existir edificação.

Certos autores foram capazes de realizar projetos sobre a vida das formas e do espírito por diversos métodos analógicos. Historicamente, muitas obras construídas noutras épocas são a reprodução de modelos que encerram a sabedoria face à natureza e às exigências do projeto da altura. Não se pode negar que o desenho à mão é ainda a forma mais rápida e directa de produzir reproduções visuais de uma ideia. A maior parte dos Arquitetos, mesmo os que estão mais ligados à tecnologia, desenham com lápis e papel as primeiras ideias sobre o projeto. As diversas interpretações que o desenho à mão confere, permitem que o autor esteja aberto a diferentes alternativas e possibilidades.

Preside à escolha a necessidade de indagar acerca da participação do desenho de observação junto das primeiras fases do trabalho de análise projetual do Arquiteto, e aí entender em que sentido este constitui um elemento primordial no campo analítico do "sitio".

A nossa relação com o mundo – as pessoas, a natureza, qualquer coisa que nos envolva – faz-se através da nossa mão. "A possibilidade de interferir com a nossa envolvênvia próxima e de pensar a intervenção na envolvência longínqua é feita através das disposições e das memórias da experiência da nossa observação".

CAPÍTULO 1 | CONTEXTO HISTÓRICO/ OS SUPORTES DO DESENHO

Da Pedra aos cadernos – evolução do desenho

Suporte é o apoio ou a base onde alguma coisa assenta, neste caso o desenho. A história dos suportes do desenho é complexa e transversal à história da Humanidade. A evolução progressiva das civilizações e consequentemente do desenho, tanto no campo

artístico, como no campo técnico, levou ao aperfeiçoamento natural dos suportes. As soluções estavam quase sempre na natureza, como as rochas (gravuras rupestres) e o papiro. Afinal, a "(…) pedra, a matéria orgânica, o bronze, o marfim, o papiro, o pergaminho, ou outros suportes, constituem um capítulo importante na história do Homem, por várias razões: não só permitem entender o andamento das civilizações em relação directa com os desenvolvimentos técnicos, como também, servem para o entendimento do sentido e mostram os legados culturais que foram sendo deixados ao longo da História, em processos organizativos do desenho quer na arte vernacular, quer na erudita; isto é, colocam no terreno dos tempos e da vida nos tempos a relação do Homem com a arte." (A. Pinheiro, 2007) .

Desde as gravuras rupestres até à atualidade, não obstante as diferenças, podemos afirmar que ao longo dos séculos foram persistindo alguns princípios, sobretudo na relação entre os materiais "riscadores" e as superfícies. Verifica-se igualmente uma evolução estética, resultando da simbiose da qualidade dos materiais, e da sua relação com os suportes. Não menos importante terá sido a alteração conceptual e organizacional dos desenhos, assim como a evolução cultural e técnica dos desenhadores.

A evolução conceptual do desenho está intimamente ligada à evolução intelectual do Homem e à articulação entre desenho e superfície.

A rocha assume-se como a primeira superfície de desenho da Humanidade, pelo menos desde o Paleolítico. Poderão ter existido outros suportes na Pré-História, mas não chegaram até à atualidade.

A Arte Paleolítica está na génese da gravura e da pintura mural. O homem pré-histórico marcava as rochas com animais, figura Humana e objetos do quotidiano. São cenas de caçadas, de acasalamento e outras. No fundo, esses desenhos tentavam representar o quotidiano de uma determinada comunidade. As representações eram feitas nas superfícies das rochas, tanto ao ar livre como em grutas: baixos-relevos, pinturas e gravuras. Para o efeito, utilizavam pigmentos naturais. Para além do carater representativo, estas cenas tinham um objetivo espiritual, já que quem as desenvolveu, acreditava que contribuíam para a sua sobrevivência. Apesar da sua aparente simplicidade, incorporavam uma enorme criatividade.



Figura 1 - Caverna Lascaux.
(Fonte: https://3.bp.blogspot.com)

O interior das grutas era o local preferencial para a pintura rupestre. Por outro lado, as gravuras eram geralmente aplicadas em rochas no exterior. Apesar do carácter intuitivo do desenho, é notória a rentabilização de recursos e articulação entre desenho e superfície, como "a utilização da superfície da parede para evidenciar melhor o motivo representado, como se a forma acidentada da rocha indicasse ao artista o caminho a seguir: uma ondulação podia servir para representar o ventre de uma animal, um pequeno orifício natural podia ser utilizado como um olho. No caso das silhuetas, a técnica mais geral parece ter sido desenhar os contornos das imagens em tom escuro e depois colorir as áreas interiores." (A. Pinheiro, 2007)

Apesar da descoberta do ferro, do bronze, do sílex e da cerâmica, a pedra continua a ser o suporte fundamental no Neolítico. No entanto, verifica-se uma alteração do ambiente onde as pinturas rupestres se apresentavam: deixam de estar apenas nas grutas e passam para os abrigos ao ar livre.

Os temas eram quase sempre os mesmos: danças e guerras tribais, relação entre homem e animal, caça, entre outros do quotidiano da comunidade.



Figura 2 - Neolítico – pintura rupestre.
(Fonte: http://www.buscaescolar.com/historia-geral/a-pre-historia/)

A grande diferença entre o Neolítico e o Paleolítico é o dinamismo introduzido às cenas. A introdução do movimento leva-nos ao surgimento de um novo conceito: A arte esquemática, ou seja, a estilização dos movimentos. Este tipo de arte começa a ser utilizado noutras superfícies, como a cerâmica e o sílex. Mas é o bronze que traz a mudança de paradigma: afirmação da estratificação social, fruto do investimento das classes sociais mais favorecidas nas artes decorativas, como forma de demonstração de poder e riqueza.

Nas civilizações orientais, o desenvolvimento do desenho está intimamente associado ao fabrico da seda. Tendo em conta a fragilidade do material é muito difícil referenciar uma data ao início da sua utilização, sendo a mais antiga o espaço temporal associado à Dinastia Shang (séc. XVII e XI a.C.), tendo sido encontradas partículas de seda nos túmulos reais. Durante quase três milénios, os chineses conseguiram manter a exclusividade da produção deste material. Actualmente existem evidência do início da sua comercialização muito antes da denominada “Rota da China”, que terá ocorrido entre os séculos 500 a. C. e 500 d. C) e a prova disso terá sido a descoberta de uma múmia egípcia de 1070 a. C acompanhada por fragmentos de seda. No ano 30 a.C. dá-se o acontecimento que terá contribuído para a globalização da ceda: A conquista do Egipto e o início das trocas comerciais entre Roma e Ásia.

O papel é o principal responsável pela mudança de paradigma das superfícies de desenho. Foram os chineses que descobriram que do linho, da palha, da seda, do arroz, ou do bambu, poderiam produzir papel, aquele que viria a tornar-se o suporte de desenho universal. Já no séc. III a.C. produziam-se vários tipos de papéis na Ásia. A produção de papel através da seda, era uma produção cara, apenas ao alcance das elites, mas era mais

resistente, prático, flexível e que melhor correspondia à exigência de utilizadores que procuravam um maior rigor e qualidade estética dos seus registos.

Também o Egipto, uma cultura com cerca de cinco milénios teve um papel determinante no desenvolvimento dos suportes de desenho, destacando-se a invenção do papiro. A pintura mural continua a existir, refletindo sempre o quotidiano das elites e o seu domínio sobre os extratos sociais mais desfavorecidos. Os registos mais frequentes eram os baixos-relevos, geralmente associados a elementos arquitetónicos diversos: paredes, colunas, pórticos, entre outros, à semelhança das pinturas a fresco. Algumas composições também tinham elementos salientes.



Figura 3 - Baixo-relevo egípcio pintado.
(Fonte: http://lealuciaarte.blogspot.pt)

A argila e as tábuas continuavam a ser utilizadas como suporte de desenho, mas não eram práticos e eficientes para o Homem, cuja exigência era cada vez maior. A insatisfação levou a uma pesquisa constante para encontrar alternativas. Mais uma vez, foi a natureza a oferecer a matéria orgânica para a produção de um novo suporte, neste caso o papiro, uma planta abundante das margens do rio Nilo.



Figura 4 - Cyperus papyrus - Planta de Papiro.

(Fonte: http://oslusonautas.blogspot.pt)

O papiro já era utilizado para outros fins, mas os egípcios descobriram que a sua pasta fibrosa seria ideal para receber a tinta dos pincéis. Assim surgiram os rolos de papiro, que permitam um registo contínuo de desenhos.

O papiro mais antigo que se conhece, remonta à I dinastia (anos 2920 a 2770 a.C.), designado por Hemaka, encontrado numa mastaba de um nobre, localizada em Saqqara.



Figura 5 - Papiro antigo.

(Fonte: http://papirododujones.blogspot.pt/)

Elie Faure, historiador de arte mundial considerava "(…) que o Egipto, pela sua solidariedade, unidade e diversidade bem organizada dos seus produtos artísticos, pela sua

enorme duração e pela sua continuada superioridade, seja aclamado como a maior civilização até agora surgida à face da Terra". Não obstante outras opiniões, esta afirmação não deixa de ter fundamento, pois a civilização egípcia perdurou 3909 anos: de 4241 a.C. até à conquista em 332 a.C. Os egípcios, para além da sua organização política e administrativa, tiveram um papel determinante na história da arquitetura, tanto ao nível estético como na tectónica, com uma qualidade incontestável como o exemplificam as edificações que resistiram até à atualidade. Os faraós das várias dinastias esbanjaram riquezas na edificação dos seus palácios e cidades bem como na construção das célebres pirâmides e dos seus sarcófagos.

A grandiosidade da arte egípcia foi, e é semelhante às artes romana e grega, exercendo uma influência incontestável para a posteridade. Para o efeito, o desenho teve de progredir, acompanhando as aspirações de quem financiava as obras, quer artísticas, quer as edificações. Para os artistas e artesãos, o desenho assumia-se como ferramenta indispensável ao processo criativo: reflexão, imaginação e comunicação. Por outro lado, o desenho era também ele, o produto artístico representado nas paredes dos edifícios e nos túmulos, através de hieróglifos ou de pinturas que representavam o quotidiano da civilização.

O desenho, desde as civilizações mais antigas que tem sido utilizado como forma de comunicar: ideias e sentimentos. Na Civilização Egìpcia o que marca a sua Arte é a sua constante homegeneidade pictórica, existem caracteristicas na manifestação artistica ao longo dos diferentes periodos, que na sua generalidade são representados através dos Canones de Proporção segundo planos geométricos, com a representação da figura humana com a cara de Perfil, mas com um olho virado para a frente, o busto representado de frente, o tronco a três quartos e as pernas de Perfil (lei da Frontalidade).



Figura 6 - Papiro antigo
(Fonte: https://aminoapps.com)

Após a sua conquista pelos gregos no ano 332 a.C. a cultura egipcia foi absorvida em parte pela nova civilização que se expandia por todo o mundo mediterrâneo. Iniciava-se assim o domínio da Cultura Helénica. A civilização grega é considerada por muitos autores como o berço da civilização ocidental, tal como a conhecemos. Para além da filosofia, da dialéctica, do teatro e da aritmética, os gregos deixaram-nos a arquitetura, a escultura e o desenho.

Esta nova civilização nasceu de uma amálgama de povos vindos da Ásia Oriental, de Creta, do Egipto, dos Balcãs e até mesmo do Sul da Rússia. Por aqui podemos ficar com a ideia de diversidade de culturas que vieram a constituir este povo, naturalmente culto.



Figura 7 - Papiro antigo.
(Fonte: https://www.coladaweb.com/historia/civilizacao-grega)

A figura acima é de um afresco da Tomba del tufattore em Paestum (Salermo, Itália) e data do século IV a.C. É uma das poucas pinturas helénicas originais, que chegam à actualidade, encontradas por acaso num túmulo durante uma campanha de escavações arqueológicas, no ano de 1968.

Também a Grécia contribuiu para esta procura de mais e melhores suportes de desenho, sobretudo com a produção do pergaminho, resultante de um processo de tratamento da pele de animal, esticada e lisa. O pergaminho ganhou uma maior preponderância, sobretudo por ser mais resistente do que o papiro. Esta mudança dá-se em pela época helenística, muito associado ao esplendor da arte grega: escultura, arquitetura, literatura e pintura. Foi nesta altura que surgiram dois conceitos base da arte grega: téchne e mimese. A mimese tinha como principal objectivo mimetizar a realidade, invocando valores

culturais, sociais e morais. Tratava-se de tentativas de imitações da realidade existente, mas também da realidade imaginada. Por outro lado, a téchne surge de forma "(…) paralela à filosofia. A "techné" é' um outro tipo de conhecimento, distinto da técnica no sentido geral, que não se limitava à pura contemplação da realidade, mas era uma atividade interessada na solução dos problemas práticos, em servir de guia para os homens na sua luta para melhorar e aperfeiçoar a sobrevivência, na cura de doenças, na construção de instrumentos e edifícios e outros. Talvez pudéssemos chamá-la de técnica altamente desenvolvida em relação ao seu estagio inicial." (A. Pinheiro, 2007)

Na Grécia, havia como que uma ideia de unidade no que diz respeito à pintura, escultura e arquitetura. A diferenciação surge apenas numa fase mais avançada da cultura grega: o período helenístico. Mesmo nesta fase da história, a pedra assumia-se como a superfície de desenho mais utilizada, seguida pela terracota e o bronze, o marfim e o ouro. Também existia a tabula busuli, utilizada pelos alunos gregos, que aprendiam a desenhar através de pauzinhos, que marcavam a superfície de resina. Quando se encontravam numa fase mais avançada da sua aprendizagem, faziam os desenhos com peças metálicas, designados por estiletes. O progresso da Humanidade deve-se e muito ao evoluir do desenho e das suas superfícies, conforme o refere Maria Pinheiro:

"A obsessão pelo despertar e sistematizar do pensamento filosófico, o rigor científico e o sentido estético de equilíbrio e da harmonia da relação Homem-Natureza, próprios da cultura helénica, determinarão a cultura ocidental não só, mas também no comportamento da abordagem do desenho como sequência do Homem e da sua relação com o espaço. O desenho, implicando a ideia de projeto, tornou-se uma ferramenta fundamental de organização do pensamento."

A Grécia influenciou e dominou quase todo o mundo mediterrâneo até ao apogeu de Alexandre e da conquista pelo império Romano. Para tal, muito terão contribuído Pitágoras e Péricles ou Aristóteles no desenvolvimento da filosofia e no desenho da estrutura do Estado materializadas nas cidades-estado Esparta e Atenas. Na arquitetura, como na escultura, para além do desenho, que nos interessa em particular, a civilização grega deixou-nos um valioso legado, cujos exemplos podem ser admirados ainda hoje.

Concretamente, no que se diz respeito ao desenho, é inequívoco o seu uso na pintura dos vasos cerâmicos, onde se percebe que o pensamento do artesão já é um pensamento pelo desenho, não sendo possível uma dissociação. Vários autores defendem que terá sido a cerâmica o suporte de desenho mais utilizado e mais rico da História.

Paralelamente, o pergaminho assumia-se cada vez mais como o novo suporte de registo, mas da escrita. O pergaminho enquanto superfície de desenho viria a acontecer com maior frequência e rigor, apenas na Idade Média.

Idade Média

Antes de entramos no período da Idade Média, torna-se fundamental analisar o período do Império Romano e o seu precioso contributo para o desenvolvimento e progresso da humanidade, reflectindo-se na arte e na arquitetura.

A par do que acontecera noutros povos, a arte e a arquitetura tiveram um papel determinante na edificação da matriz cultural da Grécia Antiga. A sua dimensão e importância viriam a influenciar outra civilização, que em pouco tempo passou a dominar quase todo o mundo, a partir do mediterrâneo: Civilização Romana.

A civilização romana absorveu a cultura e os costumes dos povos que foi conquistando. Roma tornou-se o centro de um império e durante quinhentos anos conseguiu dominar o mundo clássico. O seu poder militar determinante na conquista de vastos territórios, impôs-se nos territórios ocupados através da organização administrativa e política.

Para governar tão vasto império, foi necessário criar infra-estruturas, que servissem os interesses da administração instalada em Roma. Por todo o território construíram-se cidades e vias terrestres de modo a facilitar a deslocação de pessoas e mercadorias. Roma tornou-se uma metrópole, construída à imagem do seu poder. Para construir os seus edifícios, aquedutos e monumentos, foram necessários arquitetos experientes. A arquitetura baseava-se na experiencia adquirida dos seus arquitetos e construtores provenientes dos mais variados pontos do território. De entre eles destacou-se Marcus Vitrúvio Polião, que viveu em Roma no século I a.C., tendo sido arquiteto/ engenheiro do Imperador César Augusto, numa época de grandes conquistas, em que a principal preocupação seria a ocupação e a defesa do território. Um Império de tal dimensão originou o desenvolvimento de técnicas de construção, para a sua defesa, tal como muralhas e fortificações, mas também ao nível das infra-estruturas criou sistemas sofisticados de esgotos e saneamento básico.



Figura 8 - Coliseu romano.
(https://www.umviajante.com.br)

Esta civilização opera numa lógica de macro escala, já que é das primeiras a demonstrar uma visão ampla do mundo, manifesta na sua ocupação territorial, quer no modo como tece uma teia complexa ao nível da rede viária quer no modo como se implanta nos territórios conquistados, dando importância às caraterísticas geográficas e defensivas desses lugares e afirmando-se nesse território através da construção das novas cidades todas elas orientadas e planeadas obedecendo a uma lógica tipificada de organização e hierarquização, dos seus espaços urbanos.

O saber do arquiteto era empírico, baseava-se, em primeiro lugar, na prática adquirida e só depois vinha o conhecimento teórico. A teoria provinha da prática. A importância prática do arquiteto “mestre-de-obras”, vai manter-se até ao Renascimento.

A importância do saber empírico, fez com que Vitrúvio, graças à sua experiência e reflexão sobre a matéria se dedicasse pela primeira vez a compilar textos e desenhos que foram aproveitados como exemplos práticos de construção até ao Renascimento.

A importância da sua obra não se deve apenas ao facto de se tratar do único texto de arquitetura romana da época, mas sim à forma como o autor valoriza a formação do arquiteto dando particular relevância à pormenorizada descrição das técnicas construtivas.

As suas preocupações eram avançadas para a época, pois grande parte dos princípios orientadores que veicula, foram usados ao longo da história da arquitetura. Muitos dos fundamentos em arquitetura sustentável ou bioclimática da atualidade baseiam-se, em certa medida, em teorias de Vitrúvio descritas na sua obra ***Architectura Libri Decem,*** composta por dez livros. Na leitura dos textos podemos reter a procura constante da ordem e da proporção, sempre com um referencial comum: o Homem.

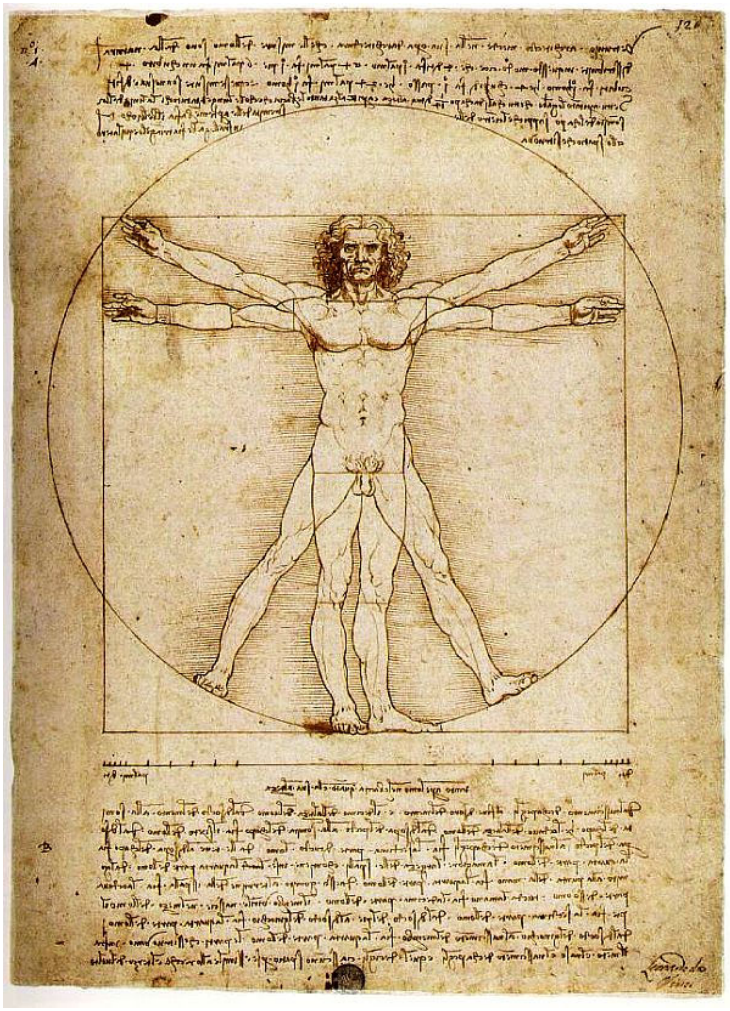


Figura 9 - O Homem de Vitrúvio, desenhado por Leonardo Da Vinci.
(Fonte: http://www.desenhoonline.com)

Acabamos de rever uma pequena retrospetiva histórica do período romano que terá sido fundamental para a história da arquitetura, com particular influência na contemporaneidade.

Na Idade Média, segundo Franklim Toker, o arquiteto socorria-se de desenhos tipificados e proporcionados. Segundo este autor a comunicação não verbal entre os

mestres de obra era uma prática comum, porque era o desenho quem comunicava. Existiam uma espécie de cadernos conhecidos por exemplo onde se desenhavam imagens esquemáticas que serviam de exemplo para a execução da arquitetura.

Antes de executar a obra o mestre tinha a possibilidade de consultar estes cadernos, de forma a poder escolher qual o modelo que melhor se adequava. Estes modelos viajavam entre mosteiros ou acompanhavam os próprios artífices nas suas deslocações itinerantes, daí a uniformidade de estilos conhecidos por toda a Europa. Por sua vez, os exempla eram copiados nos Mosteiros por monges cujos desenhos tinham que obedecer às leis canónicas. Os cadernos formavam como que um "catálogo", à disposição do interessado pela obra, cujo caderno de encargos ficava, desde logo, vinculado ao seu executor, qualquer que fosse a sua área artística.

A arquitetura medieval não tem origens precisas, mas, juntamente com alguns elementos da época, sobretudo ao nível da decoração e do espirito religioso medieval, foi buscar diretamente à antiguidade romana as soluções técnicas para os seus problemas de construção[1].

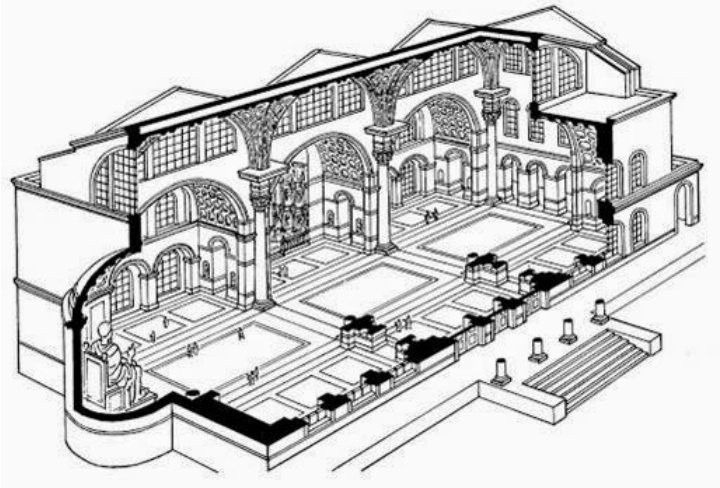


Figura 10 - Basílica Romana.
(https://angelinawittmann.blogspot.pt/2015/04/arquitetura-do-neolitico-ao-romanico.htm)

A arquitetura que podemos designar como românica carateriza-se pelo aspecto maciço, por grandes quantidades de pedra distribuídas segundo planos horizontais ou verticais. O conjunto é formado por paredes de grande espessura, que suportam uma cobertura em abóboda de berço ou semicilíndrica. No exterior, as paredes são lisas com contrafortes, que constituem praticamente a sua única decoração, e integram pequenas fenestrações. A fachada principal costuma ser decorada com elementos geométricos, por esculturas e outro tipo de ornamentos. O Interior era decorado com pinturas murais, onde o

[1] (veja-se a estrutura da Basílica romana)

desenho tinha um papel determinante. Segundo Joaquim Caetano, a arquitetura românica já contava com a aplicação da cor, tanto em paramentos, como em elementos ornamentais. A pintura parietal tinha uma função didática – transmitir a uma sociedade maioritariamente analfabeta, os ensinamentos.

O desenho tinha caraterísticas simples e era despido de qualquer cunho pessoal ou de autor. Não era reconhecido como uma obra de arte e além disso, era considerado um trabalho manual como qualquer outro, com reflexo na própria arquitetura. A universalidade dos símbolos cristãos sobrepunha-se a qualquer liberdade de gosto individual. Nos *exempla,* as formas geométricas traduziam o pensamento da época. Considerava-se que através da utilização da geometria se captava a essência das formas[2].

Os desenhos de pessoas e outros seres na natureza estavam sujeitos aos índexes (directórios) religiosos. Assim, a liberdade do esquisso não existia, pelo contrário, a geometria era mais do que um código ou uma construção inerente à forma, era sobretudo uma interpretação espiritual do mundo e de tudo o que nele habita.

Renascimento

No Renascimento, o desenho ganha um novo estatuto. Podemos afirmar que nasce uma nova época de luz e criatividade individual em que no centro está o Homem e os seus valores inerentes a uma nova consciência do mundo que o rodeia.

As primeiras manifestações do Renascimento verificaram-se na cidade italiana de Florença. Do mesmo modo que a arquitetura gótica nascera em consequência de uma série de necessidades de construção a que os povos nórdicos tiveram de dar resposta, sobretudo a necessidade de iluminação interior concretizada em enormes janelões que permitiam a entrada de luz, a sul, a presença constante das soluções clássicas e o apogeu económico das cidades estado italianas impulsionaram, no séc. XV, a evolução da arquitetura para um aproveitamento dos conhecimentos tradicionais em matéria de construção.

Não deve entender-se o Renascimento como uma recreação da arte e da cultura clássicas, mas antes um aproveitamento, para as necessidades das novas formas de vida e dos elementos que já anteriormente tinham dado provas de valor e eficácia na Antiguidade clássica, que na realidade nunca tinham desaparecido por completo, como prova a sua vigência através do românico e do gótico.

[2] Herança do Pensamento Platónico, aparente contradição entre o politeísmo grego e o monoteísmo medieval, 5 elementos (tetraedro-fogo, hexaedro-terra, octaedro-ar, icosaedro-água, dodecaedro-universo)

Em Itália, o Renascimento surgiu assim que se verificou uma série de circunstâncias favoráveis ao seu florescimento, pois existiam já todas as condições necessárias para isso: presença de abundantes vestígios clássicos, e notórios fatores económicos de florescimento mercantil que incrementavam a construção. As manifestações do Renascimento não aparecem subitamente; antes começaram por ser uma simples aplicação dos elementos clássicos sobre as estruturas medievais preciso dizer-se que, nesta altura, a evolução artística em geral e a arquitetónica em particular, já não se deve a escolas ou grupos, mas sim a personalidades intelectuais.

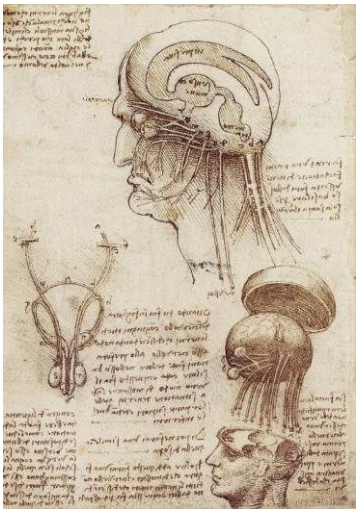


Figura 11 - Papiro antigo.
(Fonte: http://papirododujones.blogspot.pt/)

Serão estas personalidades que darão origem a uma série de inovações prodigiosas que produzirão transformações radicais nas tendências ou estilos. Deveremos ter igualmente em consideração que, nesta altura, se valorizam todos os textos referentes às técnicas clássicas, sobretudo os de Vitrúvio.

O desenho passou a ter um papel privilegiado como instrumento de criação artística. Desenhar era agora considerado um privilégio de muitos artistas e alguns considerados como génios ainda hoje, que conseguiram através da sua arte descrever os valores da sociedade vigente, não só em relação à natureza como da pessoa humana.

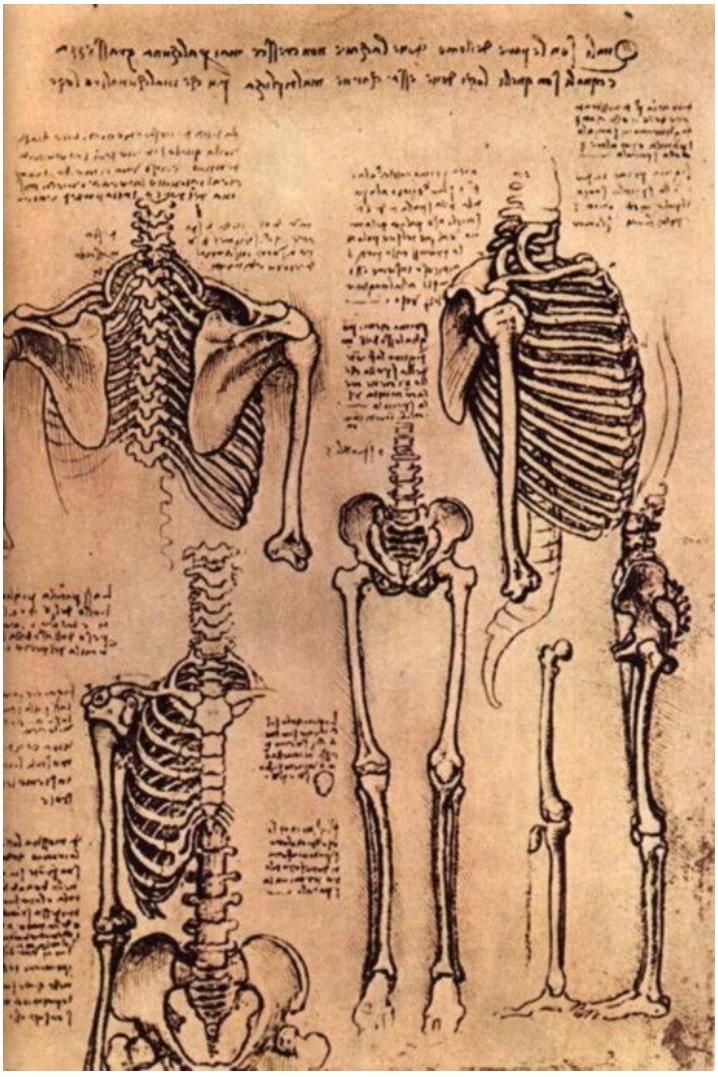


Figura 12 - Desenho de Leonardo Da Vinci.
(Fonte: https://img.ibxk.com.br)

O *cinquecentto* é considerado por vários autores, como a "Idade de Ouro" do desenho, fruto de um conjunto de circunstâncias, artísticas e teóricas que percorreram cerca de um século. Os desenhos utilizados no processo criativo da obra dita final, começam a ser valorizados, e pela primeira vez a serem coleccionados, como se de uma obra de arte se tratasse. Foram escritos vários tratados de arte, influenciados pelo texto de De *Architectura* de Vitrúvio, que já era do conhecimento dos arquitetos medievais. Dessa vasta panóplia de tratados, destacamos os *De re aedificatoria, De statua e De pictura*, todos de Léon Battista Alberti (1404-1476). Estes tratados tinham como principal objetivo a ruptura com a tradição da Idade Média e a afirmação da arte como uma prática livre e criativa e não mecânica. O ensino de desenho nas academias só terá lugar nos finais do séc. XVI, mas são os ateliês dos pintores os primeiros laboratórios técnicos, artístico e conceptuais. É aqui que começa a formação do artista. Um desses exemplos é a oficina do mestre Verrocchio, que acolheu um

jovem aprendiz que viria a ser uma das figuras predominantes no progresso da Humanidade: Leonardo da Vinci (1452-1519.

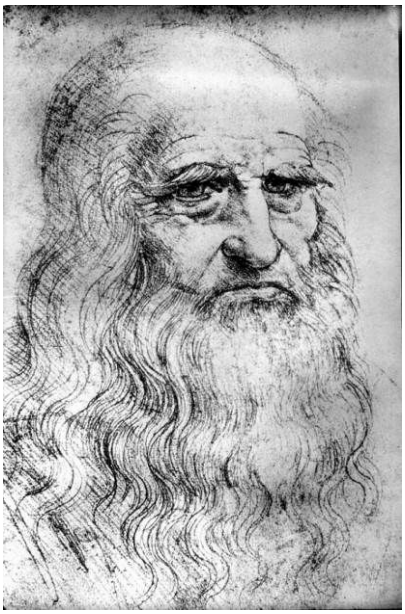


Figura 13 - Autoretrato de Leonardo da Vinci.
(Fonte: https://www.biography.com)

Tal como em épocas anteriores, o desenvolvimento do desenho esteve associado ao forte crescimento do uso do papel, desde os séculos XV e XVI. Este fenómeno está associado a uma das maiores invenções da História: a imprensa, inventada por Gutenberg no séc. XV. Leonardo da Vinci foi, sem dúvida, uma figura incontornável no desenvolvimento prático do desenho, mas também na sua componente teórica teve um papel determinante. O desenho, para Leonardo, servia como laboratório experimental, onde registava as suas reflexões sobre arquitetura, mecânica, física, engenharia, plantas, anatomia ou animais. Leonardo interessava-se por tudo o que o rodeava, tinha uma grande curiosidade e o desenho assumia um papel determinante nessa pesquisa. Nesta altura, o artista já não recorria aos habituais rolos de papiro ou pergaminhos, mas sim aos cadernos de desenho. A sua metodologia era materializada em registos desenhados e escritos, interligados, como forma de expressão. Podemos atribuir a Leonardo a invenção de conceitos como “desenho projetual, desenho científico ou caderno de campo” como o estudo do desenho do corpo humano. As suas composições gráficas eram feitas sobretudo com o recurso a contornos e sombras.

Outro artista que teve um papel importante no desenvolvimento do desenho foi Rafael (1483-1520). Apesar de não se conhecerem muitos desenhos de Rafael, sabe-se que dedicou grande parte do seu trabalho ao retrato, inspirado na obra de Leonardo.



Figura 14 - Desenho de Rafael.
(Fonte: http://www.falasantos.com.br)

Desde cedo que Rafael percebeu que a gravura poderia ser determinante na divulgação da sua obra. A produção artística desta época é marcada pelos jogos cromáticos e pelo claro-escuro.

Não menos importante terá sido Miguel Ângelo (1475-1564), que também se destacou pelo desenho da figura humana. A sua obra mais conhecida é o tecto da Capela Cistina, considerada por muitos, uma verdadeira “aula de anatomia”.



Figura 15 - Capela Sistina.
(Fonte: http://www.desenhoonline.com)

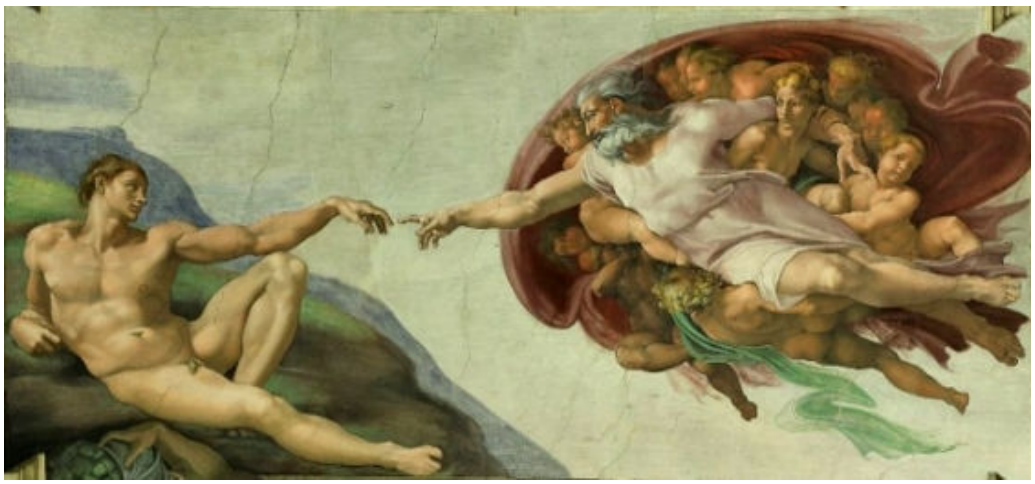


Figura 16 - Pormenor do tecto da Capela Sisitna – A Criação de Adão.
(Fonte:http://www.desenhoonline.com)

Miguel Ângelo destacou-se pela diversidade de temas e pela emoção que imprime às suas obras. Muitos dos seus desenhos foram destruídos pelo próprio Miguel Ângelo devido ao facto de entender os desenhos como parte do processo e não como obra de arte. Assim, deveriam ser destruídos, para que o processo não pudesse ser copiado e a obra replicada. Assim era ocultada a "fórmula para a perfeição".

Os desenhos que chegaram à atualidade, são sobretudo esboços inacabados, que transmitem o estudo contínuo da figura humana e a importância do corpo humano como medida de todas as coisas, mas também, como consequência do desenho anatómico, do desenho de observação do nú.

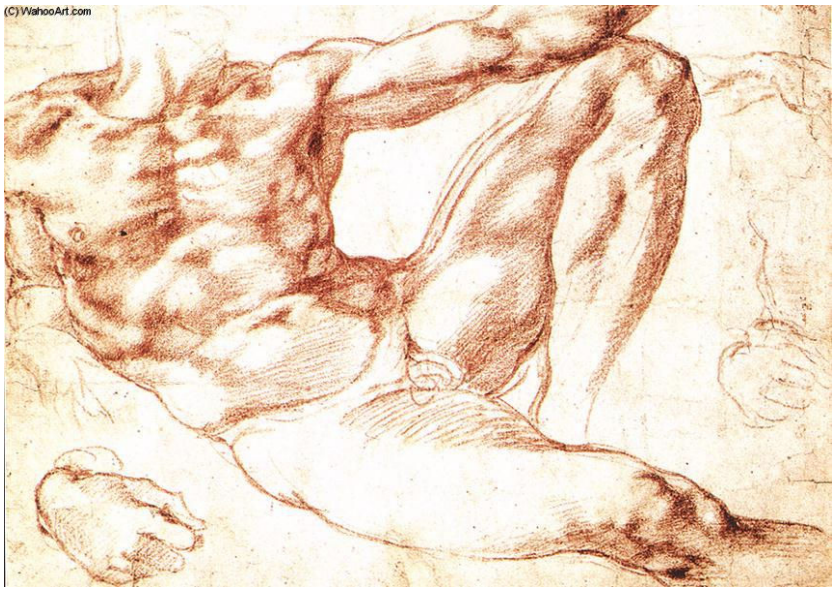


Figura 17 - Esboço para A Criação de Adão.
(Fonte: http://pt.wahooart.com)

Felizmente, os seus descendentes perceberam o valor dos seus desenhos, tendo decidido coleccionar muitos desses registos, até que no início do séc. XVII criaram um pequeno museu na casa de família, dedicado à obra do mestre. Hoje é a Casa Buonarroti.

Miguel Ângelo foi dos primeiros mestres a assumir o desenho como a génese de todas as artes, enquanto ferramenta que permite a materialização da ideia, firmando-se assim como processo intelectual do artista - A ideia imaginada pelo cérebro que é concretizada pela mão.

No campo da arquitetura, Miguel Ângelo desenvolveu vários desenhos, como é o exemplo da fachada da Igreja de S. Lourenço. Entre 1528 e 1529 foi governador das fortificações, tendo desenhado várias fortificações. No final da sua vida, em plena Contra-Reforma, Miguel Ângelo deixa-se influenciar pela intensidade espiritual dessa época. Verifica-se uma simplificação estética dos desenhos. Esta mudança viria a afirmar-se como o início do Barroco.

Paralelamente às obras destes três mestres, o Renascimento trouxe-nos ainda a publicação de tratados de arquitetura, com desenhos a ilustrar as reflexões. De todas as obras, destacam-se as edições de Vitrúvio de Fra Giocondo (1511). Também houve uma publicação de Daniele Barbaro (1556), com ilustrações de Palladio.

Barroco

Tal como o Renascimento, também o barroco teve origem em Itália. Depois de um intenso período clássico sujeito a uma rigidez estrutural e a fórmulas severas de construção, os arquitetos vão dar início a um período de inovação e criatividade arquitetónica e artística conhecido por estilo barroco. Em pleno século XVII, depois de um período de austeridade imposto pelos movimentos protestantes que lançaram fortes criticas ao papado (que segundo eles viviam no luxo e desvirtuavam o sentido bíblico das escrituras), exigindo assim, a reforma da Igreja católica romana. Este movimento deu origem a uma resposta do poder papal que ficou conhecido por Contra-reforma e, por sua vez, fez nascer um movimento artístico de formas luxuriantes e imponentes dando livre curso à imaginação dos artistas.

O papado sente-se de novo firme nas suas posições, após considerar dominado e contido o movimento expansionista protestante.

A arquitetura barroca aprofundou as técnicas da edificação oriundas da época renascentista pelo que nada mais restou inovar ao nível estrutural. No entanto, é no interior que a decoração se distingue e se torna luxuriante e até mesmo resplandecente. As colunas retorcem-se com curvas. Os entablamentos são dominados por caprichosas molduras, ornamentadas por toda a espécie de motivos florais ou escultóricos. A severa escultura, que no renascimento decora os nichos, agora adota posições e mesmo formas muito pouco consentâneas com a serenidade e as proporções clássicas, substituídas pelo rigor de corpos fortes e musculados em relação às figuras masculinas e formas arredondadas e roliças no que diz respeito às figuras femininas. Desaparece toda a rigidez funcional da construção, passando os palácios, igrejas e outros templos de culto a ser enriquecidos pela arte de decoração. Por toda a parte se veem colunas ou aduelas cheias de águas-marinhas, lajeados com desenhos caprichosos, além de combinações faustosas e deslumbrantes esculturas e pinturas. Estas são as principais caraterísticas mais importantes da arquitetura no período barroco.

Segundo Diana Patrão, “são as tendências maneiristas de Miguel Ângelo que fazem surgir o estilo barroco”. (Patrão, 2013)

É também, nesta época que o desenho ganha um papel importante, uma vez que estabelece uma ligação entre o fenómeno do desenhar e a sua simbologia. Permite a inclusão de caraterísticas particulares como números e as formas geométricas base, que ajudam a ordenar e simplificar os sistemas de códigos, que até então poderiam apenas ser compreendidos por quem estivesse já especializado neles.

1.1 O Romantismo e o desenho / Ruskin

A metodologia desta reflexão resulta da necessidade de relação entre arquitetura, pintura e escultura com outras disciplinas tão importantes no contexto histórico em que Ruskin vive, tais como economia, política, sociologia e religião. Só assim se consegue perceber a sua grande preocupação: o bem-estar do ser humano. Para o teórico o mundo industrial estava a destruir o equilíbrio da humanidade, logo o equilíbrio da natureza. As suas teorias surgem quase como um manifesto contra o mundo industrial.

Existe a tendência dos críticos de arte moderna para definirem Ruskin como um revivalista defensor do neogótico veneziano. Para que não houvesse dúvidas, Ruskin vê-se

obrigado a desmentir tais afirmações, chegando a desmenti-las no prefácio de “As sete lâmpadas da Arquitetura” (edições de 1849 e 1855). Hoje sabe-se que o teórico era completamente contrário ao revivalismo Gótico e ao ecletismo. Para ele não havia mistura de estilos, ou era Gótico ou então não era arquitetura. Apesar de ser um admirador e seguidor de Pugin, ele jamais projetaria o Parlamento Inglês daquela forma, devido à mistura de estilos (gótico e medieval).

O que importa reter da obra “As Sete Lâmpadas da Arquitetura” é que Ruskin não pretendia criar um novo estilo de arquitetura, com uma linguagem universal, à imagem do que os racionalistas ou os neoclássicos propunham. O romântico inglês pretendia uma arquitetura que seguisse um raciocínio de concepção da imagem, um raciocínio que só é lógico na concepção, e sensível na percepção. Para Ruskin a arquitetura não deveria ser estática e racional, mas sim dinâmica, sensível, emotiva, espiritual, tudo o que o romantismo defendia: uma arquitetura que convidasse à experimentação e que transcendesse a compreensão do homem.

É importante contrariar a visão simplista e redutora de que Ruskin seria um teórico e arquiteto neogótico. Ruskin foi um autor sensível às questões da condição humana e do desrespeito pela natureza, onde ele encontrava o equilíbrio que desejava para a sociedade inglesa, daí o seu fascínio pela época Medieval. Ele não pretendia voltar atrás, não, o que ele pretendia era projetar-se nesse equilíbrio entre o ser humano e a natureza dessa época, mas o que lhe interessava mesmo era o futuro, que desejava que fosse melhor, mais equilibrado. Este equilíbrio começa a ser estudado na pintura com representações da paisagem natural. Ruskin não era arquiteto, mas a sua admiração pela arquitetura leva-o a escrever a obra “As Sete Lâmpadas da Arquitetura”, que resultam da necessidade em assumir que a arquitetura seria a arte onde era possível representar da melhor forma esse tão desejado equílibrio. Este aspecto marca uma viragem na sua concepção artística e teórica, mas sempre com a mesma lógica de concepção com que olhava para a pintura. Nesta obra, além de termos como a verdade da arquitetura, da beleza, da estética e da sociedade, também se destaca o valor do desenho na atividade do arquiteto e o respeito que este deve ter pela arte, pelo homem e pela natureza. A beleza estava na essência da arquitetura que não precisava ser complexa, mas sim “simples”, devidamente adequada às necessidades dos seus utilizadores. Para Ruskin, bastava o essencial, dando o exemplo da coluna grega em que, segundo ele, o capitel estava a mais. O que importa não é a proporção racional, mas sim a expressividade, o ornamento e o trabalho artesanal. Hersey e Helsinger defendiam que Ruskin possuía um “pensamento visual, um pensamento espacial”. Para estes autores a lógica visual nada tem a ver com a lógica formal. A sua obra revela a

sua preocupação em ensinar a ver, a observar e a respeitar a história. O desenho para ele era uma forma de consolidar e aperfeiçoar a sua teoria sobre percepção do espaço e, acima de tudo, uma forma de diálogo entre profissionais qualificados: arquitetos, artesãos, canteiros, carpinteiros, entre outros.

Ruskin nasce em Londres, em 1819, filho de John James Ruskin, comerciante de vinhos e de Margaret Ruskin, ambos escoceses. A sua infância é passada em Herne Hill, uma pequena localidade a sul de Londres. A sua educação fica marcada pela literatura romântica e artes visuais, influência de seu pai e pela doutrina religiosa de sua mãe, que era protestante conservadora e que teve um papel determinante na sua educação, tendo-o ensinado a escrever e a ler. Mais tarde começa a ser acompanhado por professores particulares e posteriormente a frequentar a Universidade de Oxford, onde viria a estudar arte, terminando a sua licenciatura em 1842. Em termos de personalidade, Ruskin era considerado arrogante e tímido, mas um aluno muito aplicado e interessado pelo valor da vida e pelas artes. A Universidade de Oxford será marcante para o seu percurso académico e profissional, já que será aqui que em 1843 terminará o seu mestrado em História da Arte e mais tarde iniciará a atividade de professor dessa mesma disciplina (1869-1878 e 1880-1885).

Revela-se desde cedo um apaixonado pela leitura, começando a ler as obras literárias de Scott e Byron. Aos treze anos tem o primeiro contacto com a obra *"Italy"*, escrito por Samuel Rogers, com ilustrações de J.W. Turner.

"Os livros podem ser divididos em dois grupos: aqueles do momento e aqueles de sempre." John Ruskin



Figura 18 - Florença. Uma das ilustrações desenvolvidas por J.W. Turner no livro Italy.

A sua admiração por Turner leva-o a coleccionar várias obras desenvolvidas pelo prestigiado pintor e aos dezasseis anos, Ruskin escreve um artigo a defender Turner dos críticos que o acusavam de ultrapassado e demasiado conservador. Este artigo nunca fora publicado, contudo, é um documento onde o autor deixa expressa a sua visão enquanto crítico de arte, o melhor e o mais importante do séc. XIX em Inglaterra, segundo Argan. Este artigo influenciará a sua obra *Pintores Modernos*, escrita em 1843, que devido ao seu sucesso acaba por ser desenvolvida em 5 volumes, mas inicialmente prevista para apenas 3. O 5º volume é publicado apenas em 1860.

Ruskin já tinha testado as suas capacidades enquanto escritor em artigos nas áreas mais variadas, como na mitologia, geologia e arquitetura. *A Poesia da Arquitetura* foi escrita em fascículos em 1837, no Architectural Magazine. Aqui o autor já dissertava sobre a relação entre a arquitetura e a paisagem. Ruskin expressava no seu texto a essência da mensagem das fábulas de Walter Scott, ou seja, o conceito de pitoresco, aliada à poética do natural, ou a brutalidade da natureza que absorve as construções vernaculares. *A Poesia da Arquitetura* serviu também para o autor afirmar o seu fascínio pelos desenhos de dois arquitetos que muito admirava: Clarkson Stanfield e Samuel Prout. Estes arquitetos elegeram como tema preferido a época medieval, bem visível nas suas ilustrações.

A relação entre as suas referências começa a despertar-lhe o interesse pelo Gótico, levando-o a escrever em 1849 a sua obra *As sete lâmpadas da arquitetura,* que surge quase como que um manifesto contra a nova tendência de intervenção nos edifícios antigos, atribuindo-lhes elementos contemporâneos, como é o caso do ferro, material cada vez mais utilizado após o processo de industrialização, mesmo na conservadora Inglaterra.

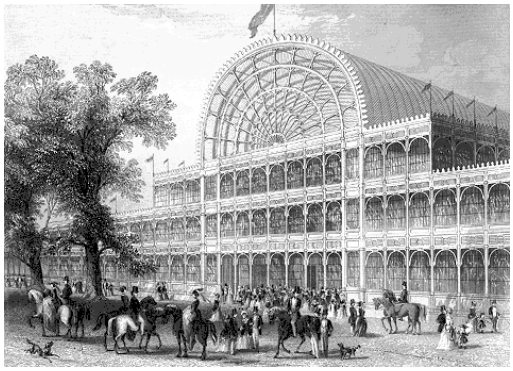


Figura 19 - Palácio do Cristal – 1851. Arq. Joseph Paxton (1803-1865). Considerada a obra-prima da época mecânica. Mais de 70.000m2 de área de construção.

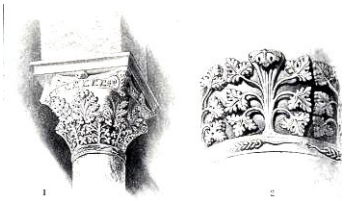
Ruskin era completamente contrário a este pensamento, chegando a afirmar que a arquitetura do ferro não era arquitetura, mas sim uma coisa puramente estrutural do domínio da engenharia. Defendia que as obras antigas originais não deveriam ser falseadas e o seu fascínio pela ruína, uma das caraterísticas do romantismo inglês, leva-o a defender que a ruína é o auge da arquitetura, já que é aí que ela alcança a sua magnitude, devido ao seu

valor histórico. Era contra as reconstruções ou imitações, já que a história não é repetível, mas sim única e dinâmica. Ele defendia a autenticidade histórica. Daí a sua incompreensão quanto ao Parlamento Inglês, desenhado por Pugin, que curiosamente será o "pai dos seus princípios teóricos". Se quiséssemos que o edifício não chegasse à ruína devíamos fazer-lhe uma manutenção regular, artesanal, com materiais originais que respeitassem a essência da arquitetura.

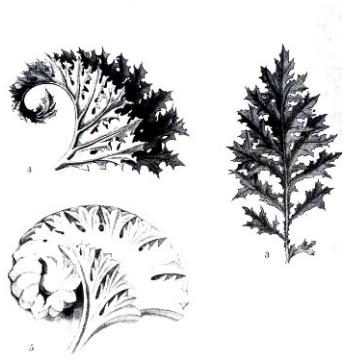
No início da década de 1850, escreve um artigo no Jornal The Times, que o aproxima de um grupo de artistas autodenominado de Pré-Rafaelitas, fundado em 1848 pelos revolucionários Dante Gabriel Rossetti, William Holman Hunt e John Everett Millai, ambos pintores da escola da Academia de Artes que defendia um estilo de pintura Naturalista, onde eles não se reviam. Defendiam a "a arte pela arte", ou seja, uma arte livre sem as "amarras" académicas, uma arte no estado bruto.



(esquerda)
Pórticos de inspiração Gótica e Bizantina, com elementos naturais.



(direita)
Acanthus of Torcello, ornamento derivado da planta original.



"Ninguém que não seja um grande escultor ou pintor pode ser um arquiteto. Se não é um escultor ou pintor, apenas pode ser um construtor." John Ruskin

Entre 1851 e 1853 escreve o famoso livro "*As Pedras de Veneza",* fruto da sua viagem a Itália em 1835, onde dedicou grande parte do seu tempo a observar e a desenhar edifícios antigos, como igrejas, templos e habitações, assim como a sua relação com a cidade e a sua própria história.

Foram várias as viagens que Ruskin fez a Itália com o objetivo de encontrar todos os elementos naturais representados na arquitetura gótica. Segundo Clive Wilmer, esta obra foi escrita para enaltecer a arquitetura desenvolvida em Veneza, nomeadamente aquela onde os arquitetos venezianos do século XV deixaram-se influenciar pelo estilo gótico e bizantino,

criando um novo estilo fruto da relação dos dois estilos. Ruskin, apesar de não pretender criar um novo estilo, considera estas formas belas, devido à valorização dos elementos naturais, onde a ornamentação tinha muita importância.

Enquanto nesta época, o habitual era estudar as obras de **Andrea Palladio** e reinterpretá-las nos jardins e palacetes ingleses, ele sente a necessidade de afirmar-se contra a concepção de palácio defendida por Palladio, não só pela racionalidade e "falta de integração com a natureza", mas também pelos aspectos sociais que tanto o atormentavam. O palácio que representava apenas uma classe: os ricos.

Ele era contrário aos estilos influenciados pela racionalidade das ordens clássicas, como o neoclassicismo, apesar deste já não ser tão estático e até convidar a nossa experiência sensível. Segundo Ruskin faltava-lhe a espiritualidade e a emoção. Para Ruskin a arquitetura renascentista, e a da Antiguidade Clássica, era a representação suprema do estado de degradação da humanidade.

É impossível dissociar o Neogótico do Romantismo, cuja ideia resulta do problema da Industrialização das cidades inglesas do século XIX. Assim sendo o Romantismo surge como uma reação contra a Industrialização, ou seja, contra a desumanização da sociedade, brutalmente dividida em duas classes sociais que se confrontam permanentemente: ricos e pobres. Em 1853, Ruskin foi o primeiro a afirmar-se contra a divisão do trabalho capitalista e a crescente degradação do operário transformado e dominado pela máquina. Ele não era contra a máquina, mas sim contra o domínio da máquina sobre o Homem.

Apesar do seu nacionalismo, Ruskin viria a ser influenciado pelos ideais políticos de Carlyle, que era contra o consumismo e materialismo da sociedade Vitoriana e a pobreza e mal-estar dos operários, daí o seu fascínio pela arquitetura doméstica. Ambos defendiam que havia uma falsa riqueza na sociedade. Este tema será desenvolvido por ele na obra *"As Sete Lâmpadas da Arquitetura",* no capítulo dedicado à Lâmpada da Verdade.

É desta ideia de caos que sai a ideia de Romantismo, a nostalgia que leva ao desejo do regresso a uma sociedade ideal, mais equilibrada até na sua relação com a paisagem e com a natureza. E para os românticos, esse "momento ideal" da história seria a época Medieval.

Quem muito contribuiu para estes ideais foi **Pugin** que escreveu o livro *The Present Revival Christian Architecture* em 1843, que será lido por Ruskin e que o terá inspirado nas suas teorias do restauro e estética. Ambos condenavam a cidade industrial e valorizavam a cidade medieval.



Figura 20: - Frontispício do Livro "The Present Revival Christian Architecture" em 1843, escrito por Pugin. Valorização da cidade Medieval.

Um aspeto revolucionário do romantismo é que esta ideia do ideal inspirado no Medieval projeta-se sobre o passado, mas está a pensar acima de tudo no futuro, ou seja em melhorar a sociedade actual e as vindouras.

John Ruskin influenciou bastante o movimento estético e social denominado de Arts and Crafts, fundado em Inglaterra na segunda metade do séc. XIX, tendo como principal mestre o arquiteto William Morris (1834 - 1896). Este movimento vai desenvolver grande parte dos princípios fundamentais da obra *"As sete lâmpadas da Arquitetura"*, onde Ruskin defende o trabalho artesanal, como um trabalho criativo e qualificado que dava prazer ao ser efectuado, em contraponto à produção em série feita pela máquina.

De todos os princípios gostaria de salientar o desenho como linguagem universal do arquiteto e do artesão. A importância de saber desenhar, saber expressar-se. Ruskin enaltece a importância dos contrastes provocados pela luz e sombra. A luz e a sua amplitude que introduzem um novo conceito na história da arquitetura: luz e sombra como parte integrante da composição do edifício.

Quando observava os edifícios e reproduzia-os, como fez em "Pedras de Veneza", o que Ruskin tentava perceber acima de tudo era o que tinha sido feito bem e o que estava mal e o que poderia ser melhorado. Alguns dos desenhos que desenvolve de obras existentes é com a intenção de resolver alguns aspectos que ele considera não estar bem resolvidos, que ele considera que devem ser repostos para devolver a verdade, a essência do edifício. É fácil perceber este raciocínio ao olhar para os seus esquiços de viagem, onde chega a sugerir alterações ou reposições. Na sua autobiografia ele sente a necessidade de o explicar.

Tal como Alberti, Ruskin sentiu a necessidade de demonstrar que era conhecedor das coisas que falava, daí as suas famosas viagens a Itália. Esta forma de contemplação da ruína ou dos problemas, o estudo do antigo, são muito semelhantes ao pensamento de

Francisco de Holanda ou Piranesi, acima de tudo sobre a importância do desenho para representar a expressão das ruínas, tão bem retratadas por Piranesi.

O dinamismo e a expressão como a essência da arquitetura são bem representativos do seu lado romântico. Mas Ruskin era acima de tudo contra o racionalismo rígido e estático. Ele queria que a arquitetura convidasse o sujeito a experimentá-la, a percebe-la de uma forma sensorial e não racional.

Hoje quando se fala em património é impossível não falar de Ruskin ou de Viollet-le-Duc, acima de tudo pela forma diferenciada como eles defendiam a intervenção nos mesmos. Ruskin, o conservador romântico que era contra a introdução de novos elementos, aquele que defendia a conservação absoluta, mas que ao mesmo tempo era contra as imitações. Viollet-le-duc, o racionalista estrutural, pai da arquitetura moderna, aquele que aceita a introdução de novos elementos, que vê no ferro a oportunidade para aproveitar o melhor da arquitetura clássica: a estrutura.

As questões do património estão intimamente ligadas ao desenho, ao desenho de observação e desenho em cadernos de viagem.

CAPÍTULO 2 | DESENHO / RISCO EM PORTUGAL

2.1 Francisco de Holanda

Para uma melhor perceção da história do desenho em Portugal, iniciamos com uma breve análise à vida e obra de Francisco de Holanda. Na sua biografia, daremos especial destaque à sua formação e ao contexto histórico em que viveu. No que diz respeito à sua obra, destacaremos o papel do desenho no seu processo de produção artística e teórica, enquanto pintor, arquiteto e tratadista. Para tal, foram analisadas três obras fundamentais*: Album das Antiguallas, Da Pintura Antiga e Da Fábrica que falece à Cidade de Lisboa.* A análise destas obras reflete a importância que Holanda teve na implementação do desenho como disciplina de análise, experimentação e criação de ideias, assumindo a pintura como a base de todas as artes e o caderno como laboratório de experiencias e divulgação da arte.

Procurámos encontrar o caráter inovador das suas obras, desenvolvendo-se uma análise sucinta, sustentada pelas várias obras consultadas. Para uma melhor compreensão da época e do seu pensamento, apresentam-se várias citações e imagens do autor, necessárias para perceber as diferenças e as semelhanças das várias obras.

Francisco de Holanda nasceu na cidade de Lisboa, conforme refere na *obra Da Pintura Antiga*, não se sabendo exatamente o ano, mas pensa-se que terá nascido em 1517 ou 1518, no reinado de D. Manuel I. Faleceu em Lisboa, em 1584.

Filho de António D'ollanda, iluminista, desenhador, retratista, de origem holandesa que terá nascido em 1480 e falecido por volta de 1557. Artista ligado à corte portuguesa cuja profissão terá exercido clara influência no futuro do seu filho, que começou desde logo a mostrar os seus dotes pela arte da pintura. Mais tarde Francisco agradece a Deus por ter nascido com o dom da pintura. Ao seu pai, agradeceu o facto de lhe ter permitido estudar na sua escola e ter-lhe transmitido os valores fundamentais para ser um bom profissional. Este agradecimento público surge no prólogo de Da Pintura Antiga: *"E* muito grandes e infinitas graças dou eu primeiro ao Summo Mestre e imortal, e depois as dou a meu pai …de me não desviar minha própria índole natural, e me deixou seguir a arte da Sabedoria a mi mais segura e excelente de quantas há neste grão mundo". (Hollanda, s/d, prol.)

O seu pai vivia em Évora, que na altura era um forte pólo cultural, sendo aí a residência da corte portuguesa. Era em Évora que se encontravam os principais mestres da corte, desde os artistas aos homens das letras. Foi neste ambiente que Francisco de Holanda cresceu, tendo recebido os ensinamentos e a formação necessários para se iniciar no mundo das artes, mais precisamente nas "artes figurativas". Para além das artes, estudou ainda Humanidades.

Com 20 anos dá-se o acontecimento fundamental na vida de Francisco de Holanda, e que o iria marcar no seu percurso profissional: a obtenção de uma bolsa a fim de se dirigir a Roma para contactar com os grandes artistas da arte renascentista. Quando parte para Itália, já é um pintor claramente erudito, mas ansioso por se encontrar com os grandes mestres do seu tempo, com os grandes monumentos da antiguidade e com as maiores referências da arte contemporânea. Esta viagem é financiada por D. João III, que era claramente favorável à cultura humanística, que viria a ser travada apenas em 1555, quando o ensino é entregue à Companhia de Jesus.

A jornada, por ele tão ansiosamente esperada, teve uma duração de cerca de dois anos (1538-1540), sendo um marco central na sua vida, como ele mesmo menciona no agradecimento que faz a D. João III, no prólogo de Da Pintura Antiga: "E a Vós, muito Glorioso e Augusto Rei e Senhor, dou eu outras tantas graças pela ajuda que até agora me tem dado (mandando-me ir ver Itália) em bens que, ainda quando se a nau alagasse, e a cidade saqueada e estivesse ardendo, eu posso sem impedimento de carga que levo

comigo trazer a nado…porque dizem que o saber é só de todos o que em nenhuma alheia pátria é estrangeiro". (Hollanda, s/d, prol.)

Destinava-se esta viagem, segundo Jorge Segurado, a corresponder ao desejo do rei D. João III, de o jovem artista se poder instruir em arquitetura e "adquirir técnica segura para construir castelos e fortalezas à maneira italiana, tendo em vista, sobretudo, a defesa e a soberania do património de além-mar." (Segurado, s/d)

O itinerário da viagem é descrito, no último diálogo de Da Pintura Antiga, pondo em evidência as cidades e os lugares por onde passou à ida, como exemplo: Santarém, Valhadolide, Lérida, Barcelona, Salces, Narbona, Nimes, Avinhão, Fréjus, Antibes, Mónaco, Nice, Génova, Pisa, Florença, Siena, Roma. Deste itinerário registou em desenho muitos dos lugares que visitou, num livro para tal efeito: "que fortaleza,…não tenho eu ainda no meu livro?" (Holanda, s/d).. Refere-se ao conjunto de desenhos que deram origem ao seu Álbum de Antigualhas, aquele que terá sido um dos primeiros cadernos de viagem feitos em Portugal que terão chegado ao nosso conhecimento.

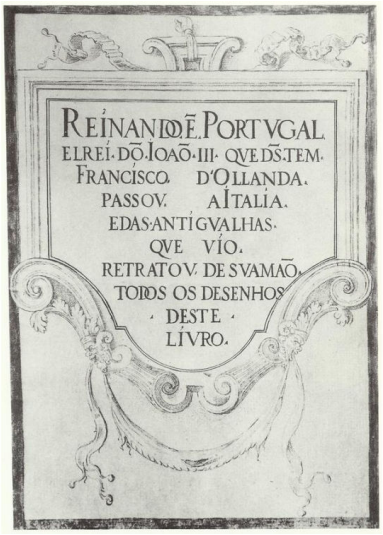


Figura 21- Álbum dos Desenhos das Antigualhas. Francisco de Holanda. Fl. 1r.
(Fonte: Biblioteca do Mosteiro de São Lourenço do Escorial).

Chegou a Roma no verão de 1538, tendo logo acesso à casa papal. D. João pretendia que Francisco conseguisse alcançar os seguintes objetivos: observar, desenhar e contactar com as obras de arte dos principais artistas italianos e absorver todo o espírito renascentista, para quando fosse chamado a regressar a Portugal, colocar em prática tudo o viu e aprendeu. Era, simultaneamente, uma missão e uma devoção. Na Páscoa de 1539, em Roma, recebe a comunhão das mãos do Papa, facto que muito o emocionou. O seu grande fascínio por esta grande metrópole tinha uma componente artística e outra

claramente religiosa. Durante esta jornada, o artista deslocou-se a outros lugares, quer do Sul quer do centro da Itália, mais uma vez desenhando os lugares por onde passava, registando o que considerava mais significativo e digno de reter. Podemos apreciar o seu critério *no Álbum dos Desenhos das Antigualhas*. Viajou até Tivoli, Nápoles, Barletta, no Sul de Roma, Orvieto, Spoleto, Ancona, Pesaro, na região centro, Veneza, Ferrara, Pádua, Bolonha, Milão e Pavia, na região norte.

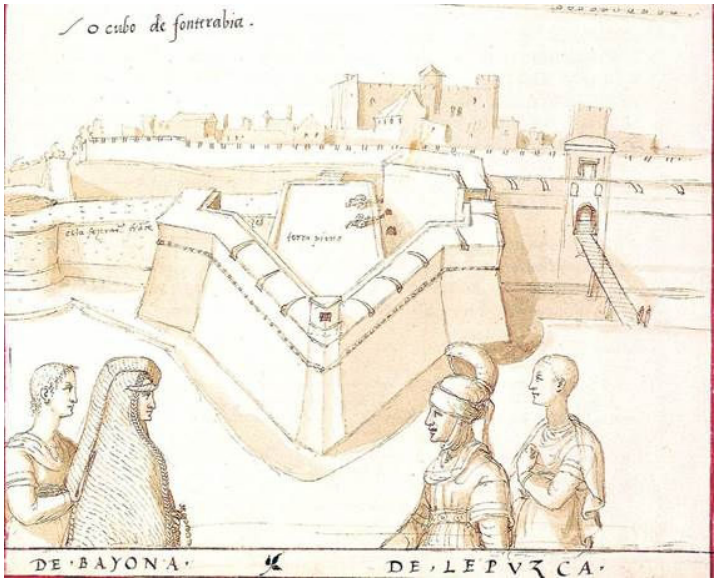


Figura 22 – Álbum dos Desenhos das Antigualhas. Francisco de Holanda.
(Fonte: Biblioteca do Mosteiro de São Lourenço do Escorial.)

Entre 1541 e 1542, regressa a Lisboa. Segundo Jorge Segurado, Francisco vem pelo Norte de Itália, passando a Turim, Toulouse, Nîmes, Bayona, San Sebastien, entre outras. Se quando partiu de Portugal para a sua viagem de aprendizagem, Francisco de Holanda já tinha em mente adquirir uma sólida formação no contacto com os novos paradigmas artísticos da sua época, quando regressou vinha fascinado e todo ele respirava a atmosfera renascentista, tornando-o, sem dúvida, um dos seus representantes máximos. Na bagagem traz uma imensa coleção de desenhos e anotações, assim como o tratado de Sebastiano Serlio, que terá sido oferecido pelo próprio autor. Alguns autores defendem que também terá sido Francisco a introduzir em Portugal a obra fundamental de Alberti: *De Re Aedificatoria.*

Após a chegada a Portugal, D. João III encarrega-o de algumas obras de natureza arquitetónica. Só mais tarde redige a sua obra-prima, de caráter teórico, a Da Pintura Antiga, cuja primeira parte terminou a 18 de fevereiro de 1548, enquanto a segunda parte foi acabada a 18 de outubro do mesmo ano. O regresso a Portugal assinala a

emergência do artista e do literato. Toda a sua atividade será a de um homem do renascimento, com todo o peso que este termo tinha nessa época.

Trabalha intensamente no período compreendido entre o seu regresso de Itália e a morte de D. João III, em 1557, tendo neste período viajado pelo País e também por Espanha. Com a morte súbita de D. João III, que era seu inequívoco protector, a carreira de Francisco de Holanda é afetada. Com efeito, é afastado da corte e dos trabalhos de arquiteto que estavam em curso.

Francisco de Holanda terá falecido a 19 de junho de 1584, com 66 ou 67 anos, de acordo com uma carta de Filipe II à viúva do artista, Luísa da Cunha Sequeira, de 9 de agosto de 1584. A sua obra, literária e plástica, permanece praticamente silenciada até meados do século XVIII, início do século XIX. Contudo, ao analisarmos a obra, no seu conjunto, verificamos que nos deparamos, sem sombra de dúvida, perante um dos grandes vultos do Renascimento português.

Da sua obra, gostaríamos de destacar, desde já, as duas primeiras obras que se cruzam com o tema desta dissertação: *O Album da Antigualhas e o tratado Da Pintura Antiga.*

Começamos pelo *Álbum das Antigualhas*, onde o pintor renascentista nos presenteia com um conjunto de desenhos de observação, fruto da sua viagem a Roma: edifícios antigos e contemporâneos, obras de arte, paisagens urbanas e rurais, objetos do quotidiano, pessoas, fortificações, entre outros. Conforme referido anteriormente, a viagem acontecera entre 1538 e 1540, quando Holanda se juntou à comitiva de D. Pedro de Mascarenhas, que era na altura embaixador português.

O Album resulta da publicação dos seus desenhos feitos naquele que terá sido um dos primeiros diários de viagem, com um conteúdo riquíssimo, repleto de composições gráficas que nos transmitem a simbiose entre o desenho e a escrita.

Esta viagem, assim como os desenhos que a ilustram, terão estado na génese do seu tratado Da Pintura Antiga, a primeira grande obra literária ligada às artes, produzida em Portugal. As suas ilustrações despertam, ao autor, enorme curiosidade e interesse, devido ao carácter inovador do seu diário de viagem, não apenas pela componente estética, mas sobretudo pelo conteúdo filosófico e ideológico.

O Album divide-se essencialmente em dois grandes núcleos temáticos, sendo o primeiro dedicado à Antiguidade Clássica. O segundo núcleo é dedicado às fortificações e às paisagens que traduzem o percurso da sua viagem.



Figura 23 – Álbum dos Desenhos das Antigualhas. Alegoria da Caridade. Francisco de Holanda. Fl. 12r.
(Fonte: Biblioteca do Mosteiro de São Lourenço do Escorial.)

Os desenhos apresentados por Holanda têm um forte carácter humanista, característica identitária do Renascimento. Os edifícios são desenhados, não numa perspectiva arqueológica, mas sim de forma realística: os edifícios são representados com todas as marcas do tempo, incluindo rachas e vegetação parasitária que comprometem a integridade estética e física dos exemplares estudados. Por outro lado, não se limita a representar as ruínas, já que através dos seus desenhos, tenta reconstituir as mesmas, através da sua imaginação e interpretação da realidade. Para além de restituir a integridade física dos edifícios, confere-lhes um ambiente humanizado, através do desenho de pessoas. Holanda não se limita à análise morfológica, através dos desenhos dá uma nova vida aos edifícios e lugares. Porém, estes desenhos não são meros esboços da obra pretendida. Estes desenhos são eles próprios uma obra.

O desenho associado à representação de obras da Antiguidade Clássica, culmina no reconhecimento do desenho como obra original, com valor artístico, tal como outras obras.

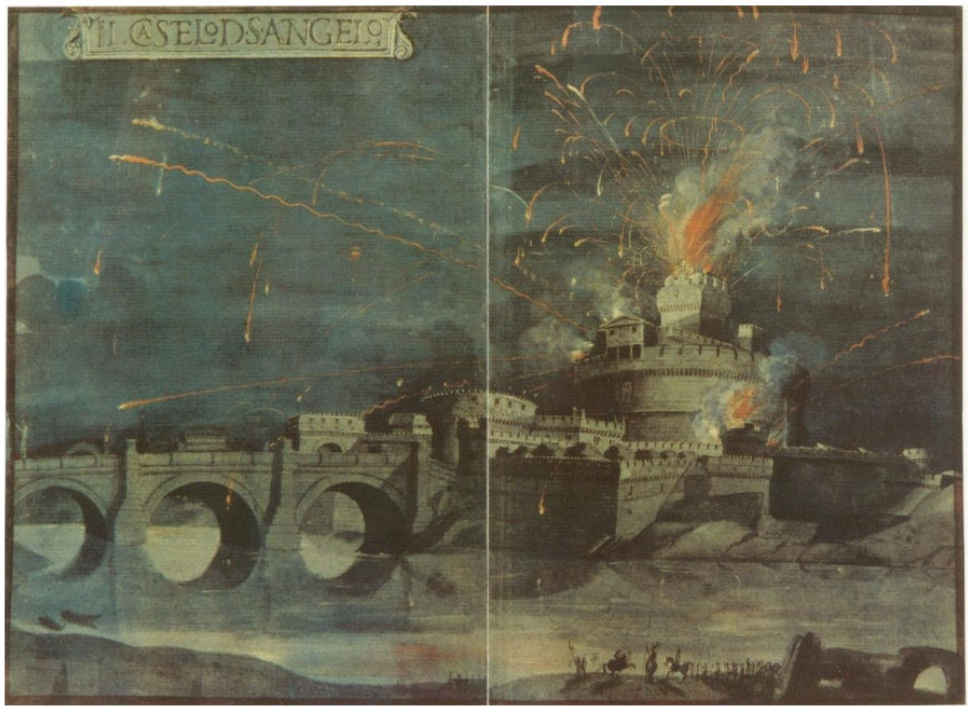


Figura 24 – Álbum dos Desenhos das Antigualhas. Girândola do Castelo de Sant'Ângelo. Francisco de Holanda. Fl.10/11 bis.
(Fonte: Biblioteca do Mosteiro de São Lourenço do Escorial).

No entanto, tal como refere Arnold Nesselrath, no seu artigo *I libri di disegni di antichita*, o recurso a cadernos de desenhos ou de cópias de obras antigas, já era usual na Idade Média, com o objetivo da reprodução de modelos de cariz arquitetónico. Importa referir que o interesse pela imitação da Antiguidade Clássica, é anterior à Idade Média, surgindo pelo menos desde Carlos Magno. Porém, os livros de desenho da época medieval não chegaram à atualidade, por várias razões: a primeira é que grande parte dos desenhos não era feita em papel, mas sim em tábuas de madeira encerada, que eram reutilizadas. O papel era escasso e a sua difusão em grande escala, só acontecera a partir do séc. XIV. A sua difusão levou ao surgimento "de cadernos de desenhos com modelos, constituindo um corpus imagético, um taccuino – o qual poderia se constituir de desenhos de um único autor ou daqueles que se relacionavam a ele". (Holanda, s/d)

Com o Renascimento surgem dois tipos de cadernos: o Taccuini e o Album. Para Nesselrath, os taccuini seriam livros de desenhos, repositórios formais de modelos clássicos. Já os Albuns seriam uma mescla de desenhos, que não se limitavam à reprodução de modelos clássicos, mas sim à coleção de desenhos. Segundo Rogeria Olimpio dos Santos, a *"(…) ordem do material geralmente era pensada por um colecionador, podendo às vezes ser usado para ensino, assim como podendo se prestar à conservação*

de peças delicadas. O álbum é entendido enquanto objeto de um colecionista. Não é o caso de Francisco de Holanda. Os taccuini ou livros de desenhos podem, segundo a sua variedade, ser classificados como de desenhos originais ou de cópias. Estes últimos, por sua vez, se subdividem em seis tipos: libro di modelli, libro di disegni autobiográfico, libro-souvenir, libro-trattato, librocorpus e tipo di libro misto 14. É na categoria de libro-souvenir que ele situa o álbum de Francisco de Holanda." (Fonte: O Album das antigualhas de Francisco d´Hollanda)



Figura 25 – Tratado da Pintuta Antiga – Primeira obra Literária de Francisco de Holanda.
(Fonte: http://www.livroshorizonte.pt/catalogo_detalhe.php?idLivro=928/)

O tratado Da Pintura Antiga é a primeira obra literária de Francisco de Holanda, tendo sido terminada em Lisboa em 1548, após o seu regresso de Roma. Trata-se de um documento composto por duas partes essenciais, que funcionam de forma autónoma e distinta, embora complementares.

No prólogo do livro primeiro, Francisco de Holanda faz referência ao pouco interesse que costumamos dar ao que não conhecemos "Assim que a muitas coisas dignas de grande louvor e honra, costumamos não dar seu inteiro merecimento e lugar por não serem conhecidas". (Holanda, s/d). Com esta afirmação, o autor procura identificar a pintura como sendo uma coisa digna de louvor e honra e que era uma arte que no passado fora muito apreciada por reis e por grandes e nobres homens, tendo sido os gregos os grandes dinamizadores. O autor procura nesta obra, transmitir tudo o que viu e estudou em Roma, pretendendo divulgar a arte da pintura aquando do seu regresso a Portugal. O autor não

pretende ser mestre e ensinar a arte da pintura, mas sim divulgar todo o seu conhecimento adquirido e transmiti-lo para que os pintores portugueses possam aplicar os seus princípios na arte e não a deixem ao abandono, já que para ele, ser pintor profissional é difícil, tanto na aprendizagem, como no reconhecimento público. Para tal, há que apostar na formação teórica e prática, adquirindo diferentes conhecimentos que devem ser assimilados e colocados ao serviço pintura. Só assim o aprendiz poder tornar-se, em mestre pintor. - "também lembro aqui quão dificilmente a quão devagar nasce um pintor em muitos anos" – o autor trata a pintura como uma ciência em que Deus dá autorização para que os homens possam ter este digno e grande oficio, que era principalmente feita pelos ". Reis e príncipes católicos e cristãos para serem mais perfeitos", procuravam o conhecimento e o enriquecimento cultural. A Pintura para o autor é a pintura antiga, dos gregos e dos romanos da antiguidade clássica, que segundo Francisco tinham o pleno domínio da pintura enquanto arte.

2.2 Escola do Porto

O desenvolvimento do desenho é indissociável ao ensino artístico. Em Portugal, o ensino de artes de forma institucional e organizada, surge apenas no reinado de D. Maria, no séc. XVIII. Até aí só existiam estabelecimentos dispersos pelo país, cuja formação era dada de forma avulsa e sectorial: Escola de Mafra (oficinas artísticas associadas às obras de Mafra), Casa do Risco (aulas de desenho e arquitetura, associadas à reconstrução de Lisboa), Fundição de Artilharia do Arsenal Real do Exército (escola de desenho e gravura), Colégio Real dos Nobres (aula de debuxo), Fábrica de Estuques e da Real Fábrica de Sedas (aulas de desenho direcionado à produção industrial) e Imprensa Régia (aulas de gravura). A Aula de debuxo era a aula onde se praticava o desenho/esboço.

Paralelamente, existia a educação informal, que acontecia nas oficinas dos mestres pintores e escultores. Para a presente dissertação, destaca-se a criação da Casa do Risco das Reais Obras Públicas, no ano de 1756, uma escola de arquitetura e desenho fundada após o Terramoto de Lisboa, de 1755, com o objetivo de planear a reconstrução da capital. Teve como diretor Eugénio dos Santos (1711-1760), engenheiro militar e arquiteto, tendo como sucessor o engenheiro e arquiteto Carlos Mardel (1695-1766). Ambos estavam ao serviço do Marquês de Pombal. O plano geral da reconstrução da cidade, incluindo os edifícios das ruas e praças principais foi desenhado sob as orientações destas duas figuras incontornáveis da engenharia e arquitetura portuguesa.

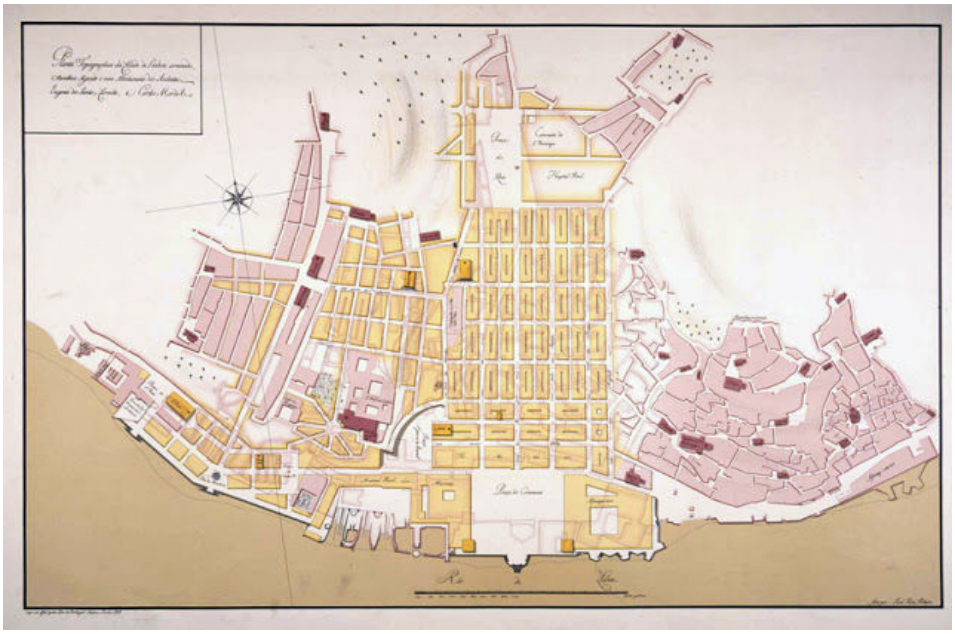


Figura 27 - Planta da cidade de Lisboa, proposta pelos arquitetos Carlos Mardel e Eugénio dos Santos Carvalho. Litografia colorida, 1947. Dim.: 57mm X 83mm.
(Fonte: http://papirododujones.blogspot.pt/)

A referência à criação de uma academia de artes, surgiria apenas em meados do séc. XVIII. A tentativa partiu de André Gonçalves (1685-1762) e Francisco Vieira Lusitano (1699-1783), ambos pintores. Aspiravam criar uma academia à semelhança daquelas que já funcionavam pela Europa fora, fortemente inspirados nos modelos de ensino de França e Espanha. Chegaram a ministrar aulas de pintura, ocupando parte de uma habitação em Lisboa. Rapidamente viram-se confrontados pela crítica mais conservadora que conseguiu o encerramento da escola, tendo como base o boato de que ali se ensinava o desenho de modelo nu. O "boato" teve os seus frutos. Nunca se soube se tal desenho se produzia naquele espaço, no entanto, coincidência ou não, Vieira Lusitano, em 1780 é nomeado diretor da Academia do Nu. Esta mudança é natural, já que o desenho de nú era a base do ensino académico.



Figura 27 - Estudo de Vieira Lusitano para o tecto de uma igreja do Chiado arrasada em 1755 (Fonte: Público, 2016)

O desenho De Vieira Lusitano (Fig. 27) comprova a importância desta forma de registo no (re)conhecimento da História. Trata-se de um esboço para o teto de uma igreja localizada no Chiado que ficou destruída aquando do Terramoto de 1755. O desenho é conhecido, mas não se sabia onde estava há décadas. A notícia do Público refere que se trata de "um desenho em que D. Afonso Henriques aparece ajoelhado aos pés da Virgem no cumprimento de um voto que lhe fizera pouco antes da conquista de Lisboa aos mouros. A composição desta sanguínea, um estudo feito numa espécie de giz avermelhado, acabaria por ser pintada no teto da Basílica de Nossa Senhora dos Mártires, no Chiado, a mando de D. João V, integrada numas obras de reconstrução que só ficaram prontas em 1750, cinco anos antes do terramoto que haveria de a destruir por completo. Desaparecido durante décadas, este desenho de Francisco de Matos Vieira (1699-1783), conhecido como Vieira Lusitano, foi recentemente localizado pelo antiquário António Pereira da Trindade, o seu actual dono, e é apresentado esta quinta-feira, às 18h, numa conferência de imprensa na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL)." (Público, 2016).

Atento ao interesse do autor no que diz respeito ao percurso académico e profissional do arquiteto Siza Vieira, destacando-se a sua relação com o desenho e os

cadernos, o autor focar-se-à no ensino do desenho na cidade do Porto, e nas pedras basilares que viriam suportar esse grande "edifício" que é a "Escola do Porto".

A cidade do Porto também contou com algumas experiências de ensino das práticas artísticas, no entanto também aí os resultados foram pouco duradouros e/ou profícuos. Destacamos os exemplos da oficina de Santo Ildefonso e a Porta do Olival, escola dirigida pelo pintor de paisagens Jean Pillement (1728-1808). No entanto, é neste ecossistema artístico que nascerá, em 1779 por decreto régio, o estabelecimento de ensino artístico. É D. Maria, que a 27 de novembro desse ano viabiliza a criação na cidade do Porto da primeira Aula Pública de Debuxo (desenho/esboço). Esta aula ficaria sob a tutela da Junta de Administração da Companhia Geral da Agricultura e das Vinhas do Alto Douro. As aulas teriam início a 17 de fevereiro de 1780 nas instalações do Seminário dos Meninos Órfãos do Porto.



Figura 28 - Desenho de Jean Pillement. "Chinoiserie".
(Fonte: http://surfacefragments.blogspot.pt)

O edital que decretou a criação desta instituição, referia ainda que aulas deveria servir "à Mocidade Portuense, e todas as pessoas que a quizerem frequentar". (Coelho dos Santos, 1980, pp. 21-22.)

Dava-se assim o inicio ao ensino público do desenho em Portugal. As aulas ocorriam todos os dias da parte da tarde.

Esta aula terá inspirado outras disiplinas e assim em Lisboa, no ano de 1781 é criada a Aula Régia de Desenho de Figura e Arquitetura, onde «(…) se ministrava um ensino elementar, baseado na cópia de desenhos e relevos, e para cuja frequência se exigia

apenas que o candidato soubesse ler, escrever e executar as quatro operações aritméticas.» (GOULÃO, Maria José. 1989)

Importa referir que as aulas de desenho na cidade do Porto estavam muito direcionadas à produção industrial, logo o ensino tinha um forte carater prático, satisfazendo os desejos dos comerciantes e industriais da cidade.

No ano de 1800, o pintor Francisco Vieira, mais conhecido como Vieira Portuense (1765-1805) é nomeado como Lente da Aula de Desenho, mas só começa a exercer o cargo em 1802, numa altura que já havia excesso de alunos, mais cento e vinte. Este acentuado incremento de alunos deveu-se, sobretudo à reputação do mestre. As aulas terão de passar a ser ministradas no Hospício dos Religiosos de Santo António da Província da Soledade.



Figura 29 - Desenho de Vieira Portuense.
(Fonte: http://aarteemportugal.blogspot.pt/2011/05/vieira-portuense-1765-1805.html)

A partir de 1802, o pintor terá de dividir o seu trabalho na cidade Porto, com as funções que viria a assumir em Lisboa, enquanto primeiro Pintor da Real Câmara e Corte. Mas a constante presença na capital não o afastou totalmente da cidade do Porto, já que em 1803, o pintor assume a direção da Aula de Desenho do Porto, escolhendo Raimundo José da Costa e José Teixeira Barreto para ministrarem as aulas.

Segundo Maria José Goulão, em 1803, "(…) é criada a Academia Real da Marinha e Comércio, que agrupava agora numa única instituição as já existentes Aulas de Desenho e de Náutica e as recém-criadas Aulas públicas de Matemática, Comércio e Línguas. Alguns

anos depois, inicia-se a construção de uma sede para esta nova Academia, com planos de Costa e Silva e Carlos Amarante, que é hoje a Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. A Aula de Desenho, que em 1806 fora transferida para a Câmara Eclesiástica, nas escadas dos Grilos, passa agora a ocupar as construções provisórias levantadas pela Companhia das Vinhas no terreno junto ao Colégio dos Órfãos, que devia ser ocupado pelo edifício da Academia ainda em fase de construção. Nos estatutos desta instituição, datados de 1803, prevê-se a existência de um professor para o ensino do desenho, incumbindo-lhe dar em cada ano letivo um curso completo, «de maneira que faça públicas as obras de arte, assim naturaes, como de convenção, explicando distinctamente os princípios de perspetiva, o modo de preparar as tintas e de dar as aguadas».

Por outro lado, os estatutos dão orientações bem claras aos professores, pedindo que os mesmos promovam aulas ao ar livre, em contacto com a natureza, para que a mesma possa ser estudada e representada. Não obstante a prioridade dada ao desenho ligado às artes, a escola viria a proporcionar aulas de desenho noutros domínios, como a marinha; projetos para portos e cartografia. No acto da inauguração da Aula de Desenho, em 1802, Vieira Portuense define a linha estratégica daquela escola, dando especial atenção ao desenho artístico e numa tentativa de acabar com estigma associado a estes ofícios, o pintor terá designado esta aula como “Academia”. Vejamos um trecho do seu discruso: “O Desenho, e Pintura, são huma das mais solidas, e nutritivas bases de muitas bellas idéas. Dellas depende a apuração do bom gosto, resulta a perfeição das fábricas, e Manufaturas; por ellas vimos no conhecimento do genio dos Antigos; pulem-se as maneiras e costumes de huma Nação, tomando hum ar de elegancia, que a distingue dos Povos menos adiantados nestas sublimes artes» (Coelho dos Santos, ob. cit, p. 26.)

Vieira Portuense defendia uma cultura eclética, incluindo nas artes, só assim o artista poderia atingir a “a perfeição”. Por outro lado, alertava os alunos para o seguinte: «aprende-se melhor vendo exemplos, do que ouvindo regras. Os preceitos são quasi sempre estereis, e inúteis».

Por outro lado, existem notícias da aula de Desenho poder contar com uma bibliografia rica, com obras de Perspectiva, Arquitetura, Geometria e Escultura. Segundo Maria José Goulão “em 1787 aparecem as primeiras traduções da obra de Vignola, uma delas da autoria de um lente do Porto, e em 1805 a Academia de Marinha e Comércio desta cidade, onde funcionava a Aula de Desenho, tinha já uma biblioteca notável, com obras de Vitrúvio, Alberti, Sérlio, da Vinci, Palladio, Le Brun, Greuze, Guercino e outros.”

Existem autores que defendem que este ensino não preenchia os requisitos dos aprendizes e mestres mais exigentes e a prova é que rapidamente, no âmbito da Aula de

Debuxo, vários artistas vão requerer bolsa para estudar em Roma. Entre outros alunos, por lá passaram José Teixeira Barreto, Vieira Portuense e Domingos António de Sequeira.

"Desde o início das invasões francesas, e sobretudo durante o cerco do Porto, de 1832 a 1834, as aulas da Academia foram encerradas várias vezes, sofrendo as consequências da instabilidade geral que então se vivia. Em 1822, Adrien Balbi, ao debruçar-se sobre a situação das artes em Portugal, refere o seu atraso crítico, afirmando que este se devia à «falta de estabelecimentos convenientes» e à «falta de encorajamento»".(Goulão, 1989, p. 21- 37).

A verdade é que as artes em Portugal viveram tempos conturbados, que resultam num retrocesso em relação aos restantes países europeus, conforme o refere Adrien Balbi, em 1822, para quem o principal factor de atraso se devia à falta de instituições de ensino de qualidade, estáveis e devidamente apoiadas e apoiadas pelo poder régio.

Se por um lado, a revolução liberal terá melhorado alguns aspectos, por outro a Vilafrancada (1823), voltou a trazer alguns constrangimentos. Percebe-se claramente que a evolução do ensino artístico ficaria refém das vontades políticas. Por outro lado, é a década de 1820 que traz uma visão moderna da política e das artes, mas traz sobretudo uma consciência coletiva do papel social da arte. Em 1836, o governo presidido por Passos Manuel, decreta a criação da Academia de Belas Artes de Lisboa e do Porto. Os estatutos seriam os mesmos, mas as verbas atribuídas eram desproporcionadas, com franca vantagem para a capital, refletindo-se obviamente na qualidade do ensino.

Na academia do Porto a oferta de cinco cadeiras (Arquitetura Civil, Desenho de História, Escultura e Gravura Artística e Pintura Artística). Os alunos entravam na Academia com dez anos de idade, saindo de lá aos quinze anos, aptos a exercer a sua profissão.

As aulas decorriam em instalações precárias, que terá contribuído para o decréscimo do número de inscrições. Entre 1847 e 1858, o número de inscritos desceu para mais de 50%, ou seja, de 159 para 72 alunos. Segundo Maria José Goulão, «em 1853 a Academia se encontrava a funcionar provisoriamente no edifício do Colégio dos Órfãos, sede da Academia Politécnica, vindo a ocupar depois desta data o edifício do extinto Convento de Santo António, junto ao Passeio de S. Lázaro, destinado desde 1939 a albergar a Academia de Belas Artes, o Museu Portuense e a Biblioteca Pública.»

Em 1836, João Batista Ribeiro assume o cargo de diretor, propondo-se a contrariar a decadência do ensino que se instalava na instituição da Academia. Não obstante as suas intenções, tais objetivos não foram alcançados, muito por culpa dos professores contratados. À excepção de Joaquim da Costa Lima que ministrava a discilplina de Arquitetura, todos os professores não tinham o nível exigido para uma Academia que se

pretendia ambiciosa e moderna. Perante este ambiente, lá ia o ensino sendo desenvolvido dentro dos padrões clássicos, tanto no âmbito da arquitetura, como na escultura e pintura.

O arquiteto Joaquim da Costa Lima (1806-1864) foi director da Academia em 1853. Em 1844 destacou-se ao escrever o Programa para o Estudo da Aula de Arquitetura Civil. Durante a sua vida profissional, desenvolveu vários projetos, sobretudo na zona norte do país, sendo um dos nomes incontornáveis do ensino e da prática da arquitetura nacional.

Na viragem para a segunda metade do séc. XVIII, são introduzidas as disciplinas Ótica e Anatomia e Perspectiva. Os alunos não tinham acesso a qualquer disciplina teórica, nomeadamente História da Arte.

Entre 1865 e 1910, a Academia foi liderada pelo Conde de Samodães, que terá imposto uma mudança de paradigma no ensino que ali era praticado. Nos mais de quarenta anos como director da Academia, dedicou-se à luta por uma escola melhor, enaltecendo sempre a importância de um ensino artístico de qualidade.

Por outro lado, também foi ele que contribuiu para o atraso de algumas disciplinas, como por exemplo o desenho de modelo nú feminino, que em 1880 ainda não era permitido na Academia.

Desde 1836 terão iniciado as bolsas para estudantes, tendo Paris como principal destino. Pelo ambiente e mestria das "Beaux-Arts" passaram Marques de Oliveira, Soares dos Reis, Silva Porto e José Geraldo Sardinha.

Em 1879, o Governo solicita uma reestruturação da Academia, no fundo uma reforma do ensino. Apesar dos constrangimentos orçamentais, a direção propõe a introdução de novas disciplinas: Pintura de Paisagem, Desenho Elementar, Gravura em Madeira e Talha Doce, Arqueologia e Arte Orçamental e Decorativa. Apelam ainda às diferenças abismais de orçamento entre a Academia de Lisboa e do Porto. A Reforma só teve em conta a Academia de Lisboa. A maioria das solicitações apresentadas pela Academia, não foi considerada pelo Governo, agravando ainda mais a qualidade do ensino da Escola portuense. Em Lisboa, as disciplinas passaram para treze, enquanto que o Porto se manteve nas quatro. Os vencimentos dos professores também refletiam a enorme diferença favorável a Lisboa.

Soares dos Reis, em 1881, enquanto professor da Academia propõe uma reforma arrojada: «Acho absurdo em belas-artes obrigar-se qualquer individuo a ter um curso completo, de qualquer dos seus ramos, num determinado prazo de tempo. Na arte não se dá tempo ao ofício: aprende-se consoante as disposições e vontade de cada um.» Ver: A arte portuguesa, Ano I, nº 9, setembro de 1882, p. 80

A reforma de 1881 define que a Academia passa a denominar-se por Escola Portuense de Belas-Artes.

Nessa época a Escola contava com quatro cursos com uma duração de cinco anos: Pintura Histórica, Arquitetura Civil, Escultura e Desenho histórico. A maioria dos cursos baseavam-se na cópia. Apenas os cursos de Desenho Histórico, de Pintura Histórica e Escultura contavam com desenho de modelo vivo. Só em 1882 é que há referência a um aluno do sexo feminino.

Uma nova reforma das Belas Artes, só viria a existir em 1901, no Governo liderado por Hintze Ribeiro. Os mesmos constrangimentos – orçamentos. A Escola do Porto fica novamente prejudicada em relação a Lisboa. Não obstante as questões orçamentais, a alteração mais significativa e inovadora, foi a introdução do curso de História de Arte, que já existia em Lisboa antes da implantação da República.

Em 1918, é nomeada uma comissão para promover a alteração do ensino artístico, dividindo-se em três níveis: primário, secundário e superior. As Escolas de Belas Artes de Lisboa e do Porto teriam a incumbência de ministrar o ensino superior. Outra orientação dada por esta comissão é a necessidade de investimento no ensino teórico, sobretudo no Porto. Apesar de o Governo não ter dado resposta a todas as solicitações da comissão, o ensino nas duas escolas equiparou-se mais, também ao o nível da quantidade de professores: 14 em cada Escola.

Quanto ao ensino superior, em 1932, com a reforma do ensino artístico, dá-se classificação das Escolas de Belas Artes de Lisboa e Porto como “estabelecimentos superiores”. Apesar da elevação do estatuto das Escolas e das exigências para a admissão, ainda não estávamos perante ensino superior. Existem autores que afirmam que esta reforma acentua a descriminação entre Escultura e Pintura, comparativamente à Arquitetura, pois para o para a admissão no curso de arquitetura era exigido o 7º ano do Liceu em contraponto ao 5º ano exigido para entrar em Pintura e Escultura.

As políticas de ensino não conseguiram imprimir as reformas necessárias à implementação de um ensino de qualidade e inovador. A modernização da Escola seria alcançada graças à visão e trabalho desenvolvido por professores de excelência como o pintor Dordio Gomes (1890-1976), o escultor Barata Feyo (1899-1990) ou o arquiteto urbanista Carlos Ramos (1897-1969). Estes três professorres acompanharam, compreenderam e assimilaram as correntes estéticas da primeira metade do séc. XX, sobretudo dos anos 30, 40 e 50.

Em 1957, com a publicação da nova reforma, o curso de arquitetura continuava associado à Escola Superior de Belas Artes do Porto. Esta reforma trouxe poucas novidades de relevo. A discriminação negativa entre ensino prático e teórica manteve-se. Em 1965, Carlos Ramos, enquanto professor e director, demonstrava o seu desagrado: “Devemos confessar que somos, por temperamento, pássaro de campo e não de gaiola, e que só

transitoriamente grande afeição que dedicamos a esta Casa, há precisamente um quarto de século, nos terá conduzido a aparentar aquilo que nunca fomos e não desdenharíamos ter sido: - um erudito, na melhor aceção do termo, homem de gabinete, investigador, em suma. Tarde piaste!" (Ramos, 1965)

Por outro lado, Carlos Ramos considerava que a Escola vivia demasiado fechada e que o público deveria ter conhecimento do que era produzido por alunos e professores. Assim nasce, em 1952, «a primeira Exposição Magna», uma mostra de trabalhos realizados pelos professores, mas também dos alunos mais destacados. Estas exposições terão acontecido anualmente até 1968. Para além do ensino do desenho «(…) A Escola do Porto foi determinante para a investigação da relação da arquitetura com o contexto, tendo como principais representantes Fernando Távora, Siza Vieira ou Souto Moura. Siza Vieira defende que a ideia do projeto não está apenas na cabeça do arquiteto, mas sim no local de intervenção. Apesar de defenderem que o vernacular não é a solução, admitem a importância que essa arquitetura deve ter na investigação diária do arquiteto. Por outro lado, existem arquitetos que contariam esta visão, afirmando que o tempo encarrega-se de alterar e transformar o Lugar, independentemente das intervenções dos arquitetos, daí a sua defesa pela ruptura com as pré-existências. Não será coincidência que ainda hoje o ensino da arquitetura gravite em torno destas duas visões: arquitetura de contexto e arquitetura objetual.» (Baptista. A, 2017, no prelo)

Para a presente dissertação, a fenomenologia tem um papel fundamental, porque associa o desenho e morfologia urbana. «Leitura sensorial ou fenomenologia são termos/conceitos que ganharam maior importância a partir das décadas de 1950-60, sobretudo como reacção ao urbanismo desenvolvido pelos arquitetos do movimento moderno, para os quais o Lugar não condicionava as opções tomadas, revelando a sua total confiança num modelo conceptual de valor universal que poderia ser reproduzido em qualquer Lugar. » (Baptista. A, 2017, no prelo)

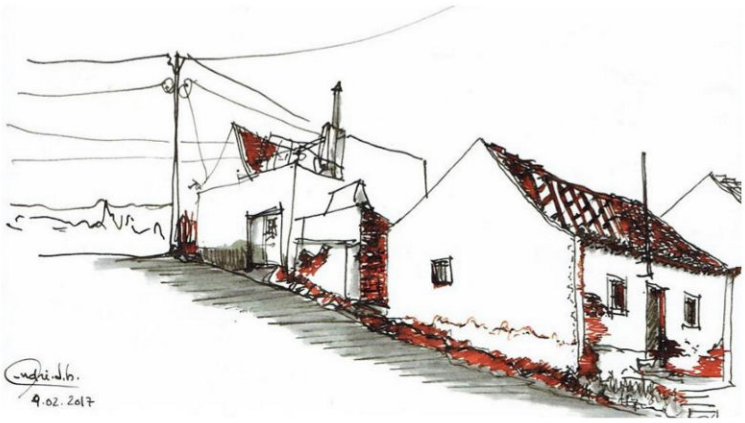


Figura 30 – Rua da Volta. Construção Vernacular em ruína. Sistema construtivo tradicional – adobe. (Fonte: Baptista, A. 2017, no prelo)

2.3 Análise do Lugar através do desenho de observação

"Desenhar é, primeiramente ver com os olhos, observar, descobrir. Desenhar é aprender a ver, a ver nascer, crescer, expandir-se, morrer, a ver as coisas e as pessoas. É preciso desenhar para interiorizar aquilo que foi visto, e que se dará escrito em nossa memória para o resto da nossa vida." (Le Corbusier, s/d)

O desenho é uma linguagem gráfica e uma fonte de conhecimento do espaço que nos rodeia. Por outro lado, também é uma forma de expressão. Tais considerações atestam a existência de um sujeito, que se relaciona com esse mesmo espaço. Autores como Bachelard, Merleau-Ponty ou Norberg-Schulz, defendem que a essência da existência do homem está intimamente ligada à sua relação com o espaço.

Entendemos que a compreensão espacial é fundamental para a arquitetura e que o desenho pode e deve afirmar-se como a ferramenta fundamental para conseguir alcançar esse objetivo. Para além do auxílio na análise e compreensão do espaço, o desenho também permite ao arquiteto exprimir-se e dialogar através desse registo gráfico.

Defendemos que o arquiteto, antes de intervir nos lugares, deve conhecê-los bem, afinal «Apenas através desta simbiose, entre arquiteto e contexto, será possível conhecer a verdadeira Identidade do Lugar. Neste contexto, a arquitetura assume-se como o elo de ligação entre o Homem e o Lugar e só através dela é que se consegue compreender a verdadeira essência, ou seja, o '*genius loci',* a *"vocação do lugar"* (Schulz, 1976, in: Nesbit,

2006). O conceito '*genius loci'* foi recuperado por Norberg Schulz da mitologia romana, defendendo que cada lugar tinha a sua espiritualidade, a sua alma. Este pensamento refletia-se no urbanismo e na arquitetura das urbes romanas: a relação com o contexto, topografia, localização, qualidade do solo e orientação das ruas e dos edifícios. Porém, é injusto atribuir aos romanos a génese do conceito de Lugar. Afinal, os romanos apenas copiaram as teses defendidas pelos filósofos gregos da antiguidade clássica: Hipócrates, Platão ou Aristóteles. Com a modernidade e as facilidades proporcionadas pelo trabalho mecânico, o homem deixa de lado a relação harmoniosa e secular que tinha com o Lugar onde trabalhava ou vivia. É sobre estes princípios que estudiosos das mais variadas áreas de investigação, começam a refletir e a combater o estado de alienação da sociedade na relação com o espaço vivenciado. Um dos filósofos a despertar-nos para esta problemática foi Heidegger (1889-1976), apontando a falta de capacidade do homem moderno moderno para reflectir sobre a sua própria existência.» (Baptista, A. 2013)



Figura 31 - Paços do Concelho de Torres Vedras (esq.).
Chafariz dos Canos e Largo Infante D. Henrique (dir.).
(Fonte: Desenho de análise morfológica de André Baptista, 2013).

Desenhar *in situ*, tem várias vantagens, mas destaca-se a principal – a relação na primeira pessoa, sem filtro, entre arquiteto e Lugar. O desenho não é a representação da realidade, mas sim o resultado da percepção do observador, perante o espaço observado. Ou seja, o arquiteto passa para o papel os aspectos mais marcantes, fruto dessa experiência enquanto observador.



Figura 32 – Estação de Metro Sr. Roubado
(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)



Figura 33– Registo da “Lomba” em memória dos Incêndios do verão 2017.
(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)

O desenho de observação, com todas as fragilidades subjacentes, é um instrumento crucial para o arquiteto, pois os desenhos resultantes desse processo traduzem mais do que a imagem do espaço representado, traduzem sobretudo a personalidade do desenhador, a forma como ele olha e entende o espaço, aquilo que ele dá importância, mas também o que "despreza".

"Eu prefiro desenhar, a falar. O desenho é mais rápido, e deixa menos espaço para mentiras. Desenhar é, primeiramente, olhar com os olhos, observar, descobrir. Desenhar é aprender a ver (...). Há que desenhar para interiorizar aquilo que se viu, e que ficará então escrito na nossa memória para o resto da nossa vida". *Le Corbusier (1887-1965).*



Figura 34 – 3º Encontro internacional de Desenho de Rua de Torres Vedras. Runa.
(Fonte: Autor,2015)

Para o arquiteto e urban sketcher André Baptista, "o que o atrai no desenho de observação é a "necessidade" de relação entre desenhador/observador e o objecto/espaço que pretende desenhar/compreender – um profundo e eterno jogo de sedução." (André Baptista, 2017 – O desenho e o arquiteto, no prelo). Por outro lado, "o desenho tem-no ajudado no exercício da sua atividade profissional, durante a pesquisa/investigação, no processo criativo de desenvolvimento de ideias de intervenção e na forma de comunicação. Não tem a certeza de que a prática diária do desenho o tenha tornado num melhor

desenhador, mas sente que, o desenho tornou-o um arquiteto mais competente, mais observador, mais conhecedor do mundo que o rodeia (…).” (André Baptista, 2017 – O desenho e o arquiteto, no prelo)

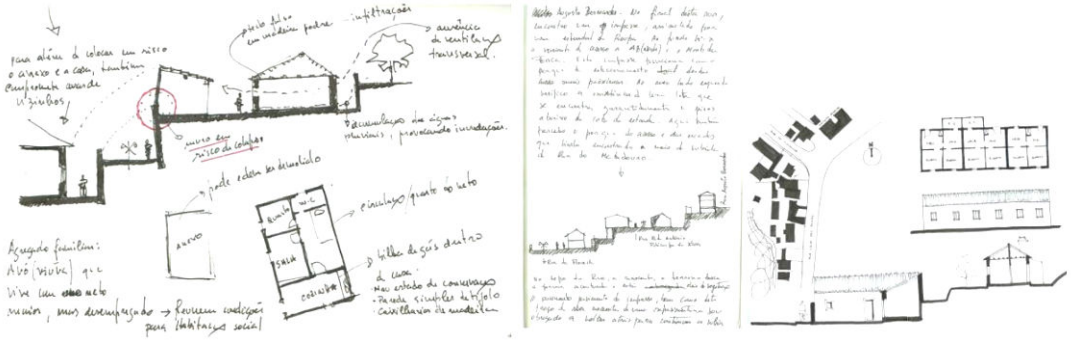


Figura 35 – Caderno de Campo – Encosta de S. Vicente – Torres Vedras. Estes desenhos resultam da análise e caracterização do território, resultando na caracterização e definição da Área de Reabilitação Urbana da Encosta de S. Vicente. Actualmente o arquiteto coordena o Programa ENCOSTA – Programa de Regeneração Urbana e Social da Encosta de S. Vicente. Continua a utlizar o desenho como ferramenta fundamental, tanto no planeamento como na comunicação. (Fonte: André Baptista, 2017 – O desenho e o arquiteto, no prelo)



Figura 36 – Centro Histórico de Torres Vedras
(Fonte: André Baptista, 2017 – O desenho e o arquiteto, no prelo)

Conforme refere Daniela Mendes Cidade, “*De acordo com Le Corbusier, desenho é o meio de servir-se daquilo que se deseja observar e compreender, e logo traduzir e expressar. A disciplina de desenho, atualmente inserida nos primeiros semestres dos cursos de arquitetura, deveria ter como objetivo principal a sensibilização do aluno não só para o*

desenho como técnica, mas para inseri-lo no universo da arquitetura. Nesta etapa do curso é importante inserir o aluno no contexto da realidade de sua formação, despertando-o de forma sensível, refletindo sobre a sua própria condição humana, de acordo com Morin quando nos diz que esta é uma das preocupações para a educação do futuro. Ensinar a condição humana é conhecer o humano e situa-lo no universo (…).» (Fonte: Cidade, 2000)

As cidades são feitas de vivências e sensações, de perceções e sentimentos. Daí que seja impossível captar a essência de uma cidade numa fotografia perfeita. A imagem real, mesmo a três dimensões, não tem tanto da interpretação humana que permite sentir o modo como a arquitetura se forma em cor, e os sons em traços. Daí que o desenho, em particular o sketch, seja a forma ideal e humana de vermos uma cidade, neste caso Lisboa, pelos olhos de quem não só a conhece, mas a ama e vive.



Figura 37 – Marvila – Armazéns Abel Pereira da Fonseca
(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)

O Tempo que envolve a observação é o factor crítico deste meio, o facto de passarmos determinado tempo num local a desenhar, depreendemos ínumeras situações, que só são possiveis a partir dessa presença , desde o bater das asas dos pombos às buzinas dos veículos urbanos, a abundância de cheiros, as cores, o calor e a luz zenital a ofuscar-nos com a beleza da natureza ao nosso redor, como as pessoas se movimentam no espaço, a topografia do lugar. Esta panóplia de sentidos, só é possivel quando vivenciado o espaço presencialmente. É preciso “estar” para avaliar as circunstâncias mundanas.

CAPÍTULO 3 | DESENHO "IN SITU"

3.1 O desenho no percurso académico do Autor

O Desenho foi um dos principais motivos por enveredar no percurso académico, o qual, desde a infância o autor estava decidido que rumo profissional tomar e uma das estratégias para a concentração é o "Desenho de Observação".

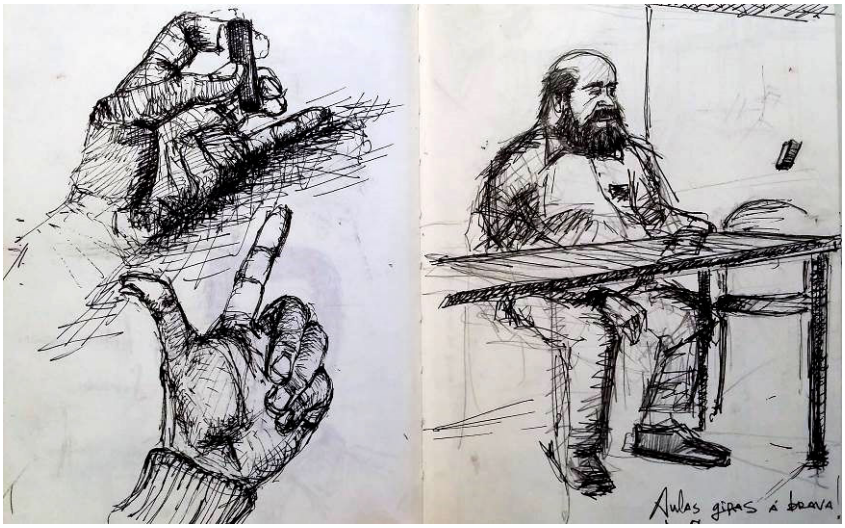


Figura 38 – Aulas de D.G.D. do Professor Aguilar, com assistência do Professor João Borges da Cunha.
(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)

O contato com o corpo docente na disciplina de Desenho, cruzou-se com as expectativas criadas, o que resultou sempre no bom aproveitamento e aprendizagem. No percurso académico do autor, a disciplina de Desenho teve sempre algo transcendental, algo que não se explica, que não se quantifica e para isso é preciso estar atento, aprender a observar e a contemplar, porque a beleza está nas coisas simples ao nosso redor.

O Desenho como disciplina despertou-o para o mundo, no que respeita, à sensibilidade e ao belo. Este justifica-se por si só , desde a primeira impressão que nos provoca, seja um objecto, um edificio, uma praça ou até mesmo uma pessoa, *"fomos condicionados a pensar compulsivamente e isso nos fez perder a conexão com o belo: nós olhamos para uma paisagem e não vemos; ouvimos uma música, mas não escutamos. Isso acontece porque a mente está muito ocupada tentando classificar e rotular. O máximo que*

surge é uma interpretação rasa do que os sentidos estão interpretando e não uma experiência real da verdade." (Sri Prem Baba, s/d)

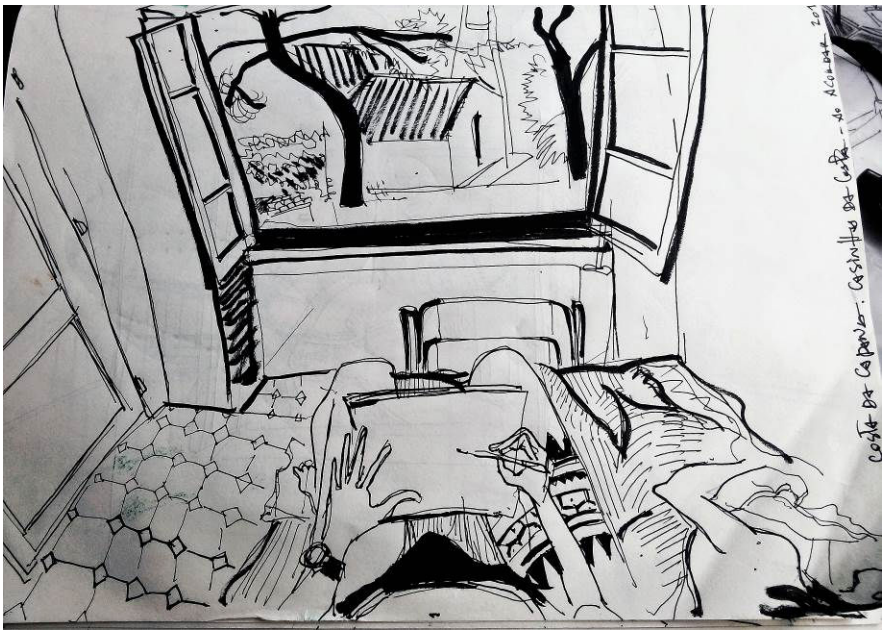


Figura 39 – Ao acordar nas Casinhas na costa.da Caparica.

(Fonte: Autor, Filipe reis Oliveira)

O ato de desenhar é o meio de refletir e apreender algo sobre o observado.



Figura 40 – As traseiras da casa da Avó Fernandinha. (tardoz da Rua do Passadiço.Lisboa).

(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)

O Desenho sempre foi a melhor forma de comunicar do Autor, sendo uma das ferramentas com que se identifica pela liberdade de expressão gráfica, e na resolução imediata na procura da resposta arquitetónica. O acto de comunicar através do desenho abre um diálogo directo com o outro, como serviu a figura infra na resolução de uma pequena obra doméstica, que representa o espaço que em tempos serviu de Lagar para o processo de fermentação do vinho a ser transformado num espaço de confeção de grelhados, para a família do Autor.

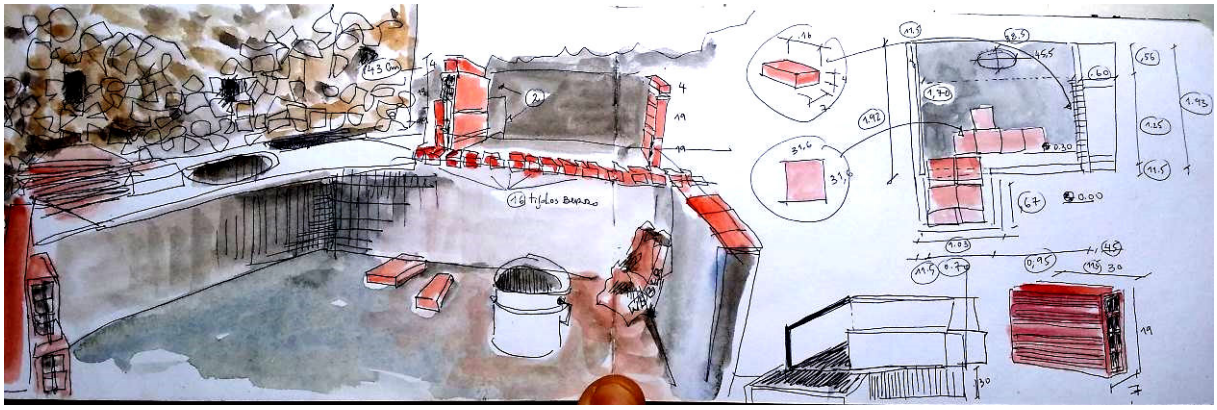


Figura 41 – Projeto para um Espaço de "Barbecue"
(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)



Figura 42 – 55º encontro de UskP no Convento do carmo,
Com os colegas do Curso de Arquitetura e amigos, André Baptista e Luís Martins.
(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)

No percurso académico, o autor teve a oportunidade de entrar no universo do Desenho, e desde cedo percebeu a importância do "tempo no desenho", do captar o momento e registá-lo no caderno. O desenho de observação *in loco* obriga a ativação de todos os sentidos, desde a visão ao olfacto, por estarmos "simplesmente ali", a passar tempo com o local ou objeto.

3.1.1 A disciplina do desenho

Há vários tipos de desenho, que partem do principio de que existem vários enfoques, como os desenhos que reproduzem a realidade, os desenhos que representam a memória do próprio Autor e o desenho que representa propostas originiais que passo a caracterizar como:

O desenho de criação: como o próprio nome indica é um desenho de pura imaginação em que o autor reformula e abstrai a combinação de outras formas já existentes, com inspiração na realidade, e que os olhos apreendem. Este desenho foi, e continua a ser também uma ferramenta conceptual.

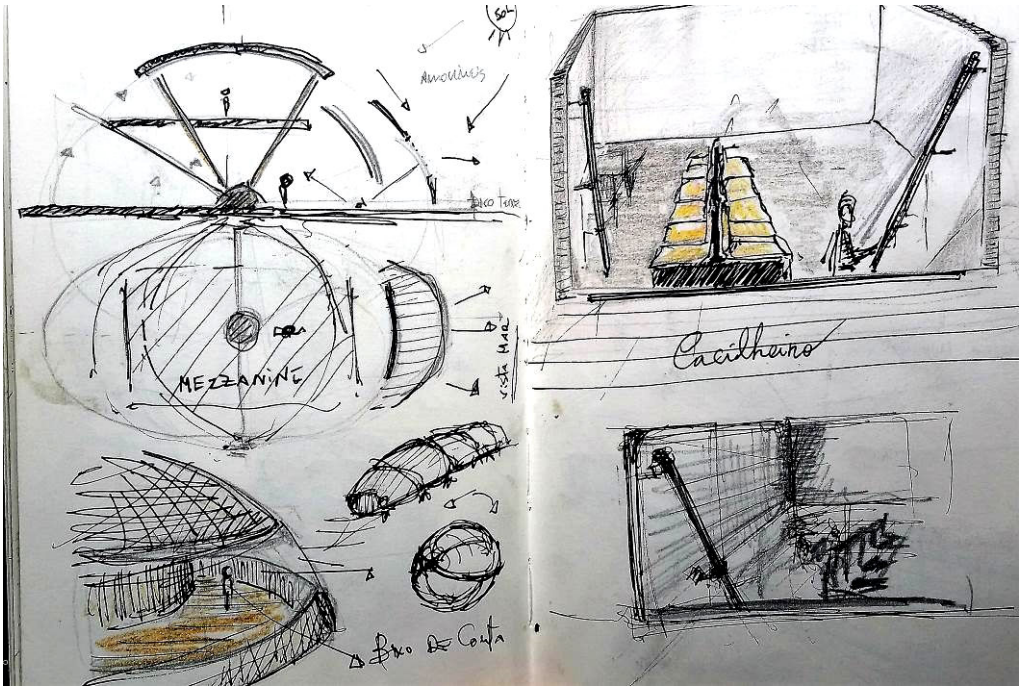


Figura 43 – Bixo de conta – os primeiros esquissos do 1º Projeto académico em 2007, elaborados no cacilheiro (Lisboa/Cacilhas, Cacilha/Lisboa)
(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)

O **O Desenho de memória:** É o Desenho de representação gráfica, daquilo que anteriormente foi observado como as formas e elementos da realidade.

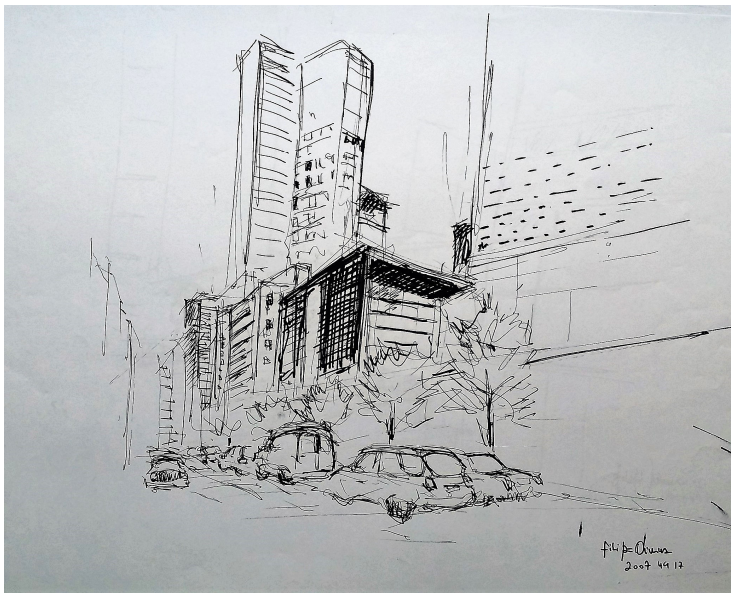


Figura 44 – Desenho elaborado à vista, nas aulas de Desenho.
(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)

O Desenho de Observação: É o desenho feito *in situ*, que resulta da obervação entre observador e observado, entre desenhador e lugar, entre a forma e o tempo. Trata-se de um desenho que não tenta representar o que é observado, mas sim, a interpretação que o observador faz daquele objeto, daquele lugar, daquele momento.

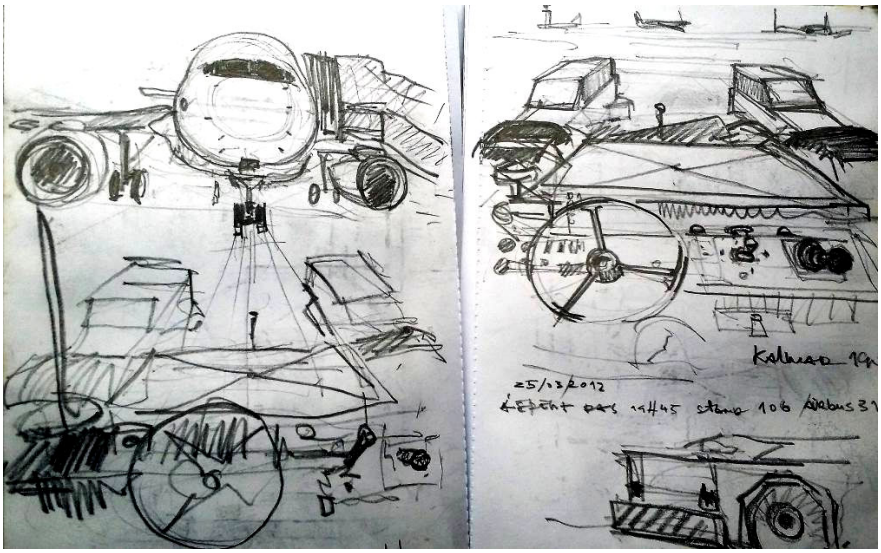


Figura 45 – No Aeroporto de Lisboa, enquanto o Autor aguardava o OK,
para a manobra de “PushBack”.
(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)

Os Professores de desenho no percurso académico na Univesidade Lusófona foram exímios na docência, dos quais enumero, o Professor Nuno Geraldes Freire que apresentou de uma forma sistemática a importância do desenho na nossa profissão em Arquitetura e que desenhar bem implica muito trabalho e repetição e “Repetir nunca é repetir” .(Siza, A., 2006. Pp15)

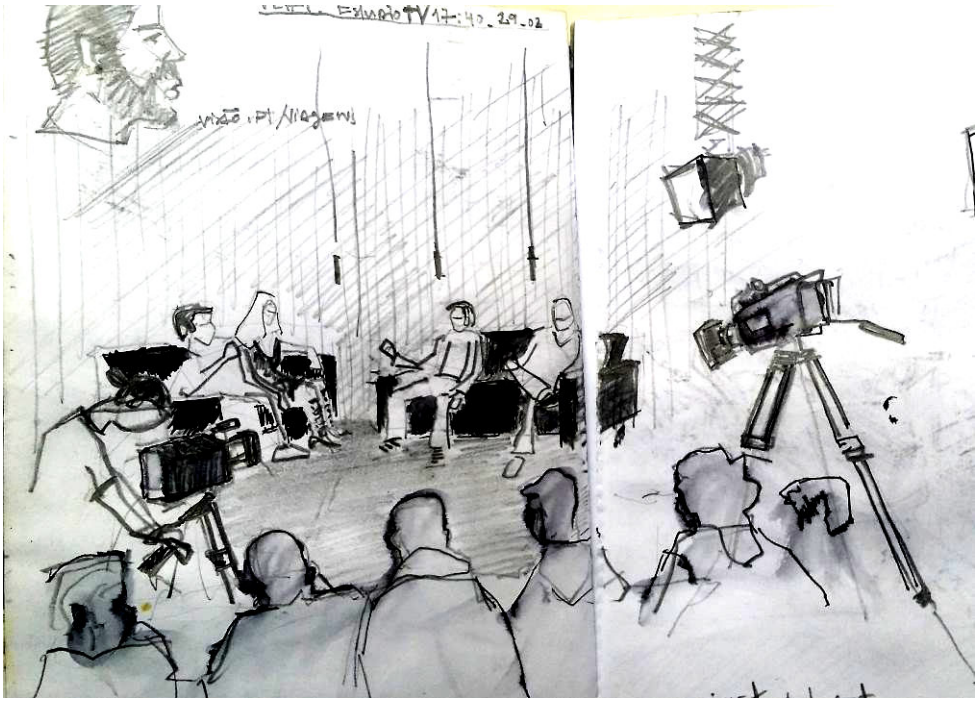


Figura 46 – Semana Da Arquitecura 2012 – Luís Simões e Filipa Antunes
a serem entrevistados no estudio de T.V.,na U.L.H.T.
(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)

Mais tarde, ter tido o privilégio do contato com a Prof. Arq. Filipa Antunes, num workshop organizado por si, na semana da Arquitetura de 2012, no qual apresentou inúmeras personalidades do Desenho, quase todos associados ao movimento Urban Sketchers, com os quais o autor ainda hoje mantém o contacto pessoal, onde encontra referências que o inspiram diariamente no seu percurco profissional.



Figura 47 – O 1º encontro com Eduardo Salavisa (à esq), no Cinema São Jorge.
A convite da Professora Filipa Antunes
(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)

O que é o desenho, para que serve o desenho e o que ele nos mostra? São questões que perduram no tempo, às quais só teremos respostas praticando diariamente. Por outro lado, a partilha de experiências e conhecimentos com outros urban sketchers têm um papel determinante na "evolução do traço", quer seja pelos suportes de desenho, pelos riscadores, pelas técnicas ou pela forma de olhar o mundo que nos rodeia.



Figura 48 – Na estação Férrea de Tomar para Lisboa.
(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)

Através do desenho somos levados a “ver” e a perceber”.



Figura 49 – Entrevista ao Arqº Àlvaro Siza na Calouste Gulbenkian.
Decorrente da exposição: *Inside A Creative Mind.*
(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)



Figura 50 – Levantamento métrico, na Rua Rafael de Andrade
(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)

3.1.2 O desenho nas cadeiras de projeto

A articulação das aulas de desenho com as de Projeto, foram uma mais valia para o bom resultado à disciplina de projeto, pela destreza que se adquire da boa prática no desenho no processo conceptual e no exercicio prático da Arquitetura pois “ao fazer esquissos, registam-se um grande número de detalhes que com a fotografia não é possivel reter. Pois esta não é tão rica, mesmo sendo um bom complemento. O desenho permite selecionar, fazer coincidir diferentes ângulos ou pontos de vista, como Picasso faz com os rostos. Mais do que um desenho propriamente dito, é uma forma de análise, de assimilação da atmosfera de uma cidade. É um meio de pesquisa e de invenção tão válido como tantos outros”. (Álvaro Siza- uma questão de medida, Pp104).

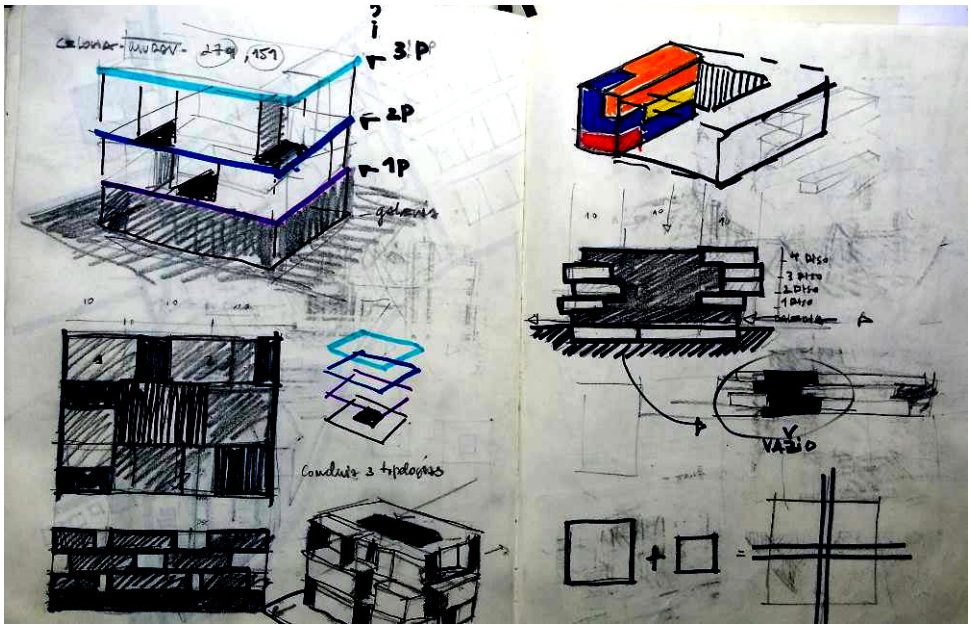


Figura 51 – Projeto do 3º ano, Regenereção Urbana em Benfica, Lisboa.
(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)

Os esquissos apresentados nas figuras 51 a 55, evidenciam já uma maturidade relativa aos exercícios propostos nas cadeiras de Projeto, já que não são aqueles primeiros traços embrionários na folha do papel que correspondem a traços imprecisos, mas sim, traços já impregnados da vontade em fixar trajetos. Esta é a ferramenta primordial com que o Autor explora e comunica os pretextos e ideias. Os registos desenhados são o meio, ao longo das várias fases do projeto, onde o autor avalia os limites e constrangimentos, interroga, antecipa, experimenta e regista as suas pretensões.

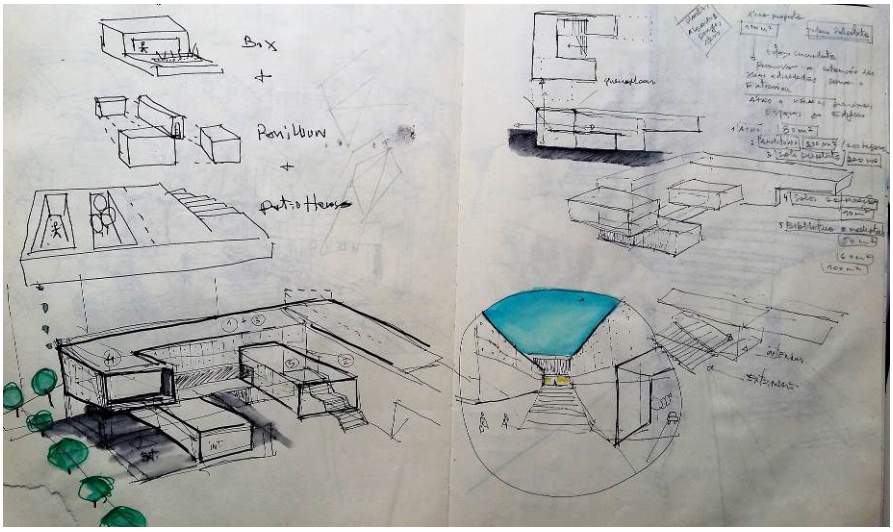


Figura 52– Projeto do 3º ano, Regenereção Urbana na Arroja- Odivelas
(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)

O desenho é a conjugação de dois fatores. De um lado, é o treino constante de uma prática continuada de traços que traduzem a observação de objetos que despertam a nossa atenção e também uma forma de expressão de ideias e conceitos artísticos. Por outro lado, a expressão gráfica do desenho em Arquitetura, que designamos por "esquisso", é o elemento fundamental. Como refere Baeza, o esquisso é o resultado do "pensar com as mãos", é a forma de verter para o papel uma determinada ideia, subjacente à criação de um determinado projeto ou ideia artística**.**



Figura 53 – Projeto do 4º ano, Regenereção Urbana na Arroja- Odivelas
(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)

Pessoalmente, sinto muito a necessidade do desenho, enquanto esquisso de comunicação comigo mesmo e com os outros." (Siza. A., 2012 Pp.97)

O autor acredita que o papel do arquiteto é saber ler o território, o contexto dos lugares onde vai intervir, porque afinal "...projectar, planear, desenhar, não deverão traduzir-se para o arquiteto na criação de formas vazias de sentido, impostas por capricho da moda ou por capricho de qualquer outra natureza. As formas que ele criará deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la, tão intensamente que conhecer e ser se confundem." *(Arq. Fernando Távora, 1962)*

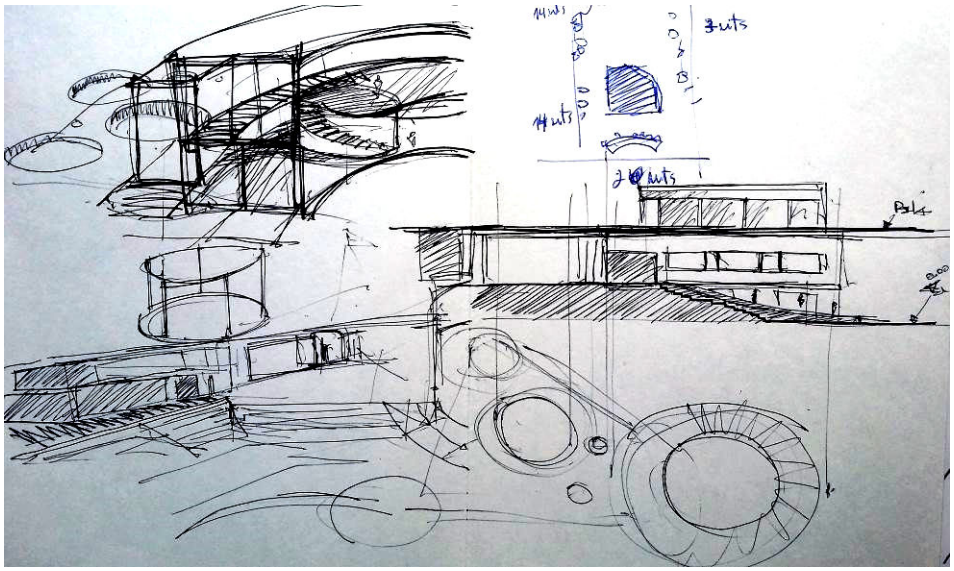


Figura 54 – Projeto do 5º ano- Reformulação da Escola Secundária de Cascais
(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)

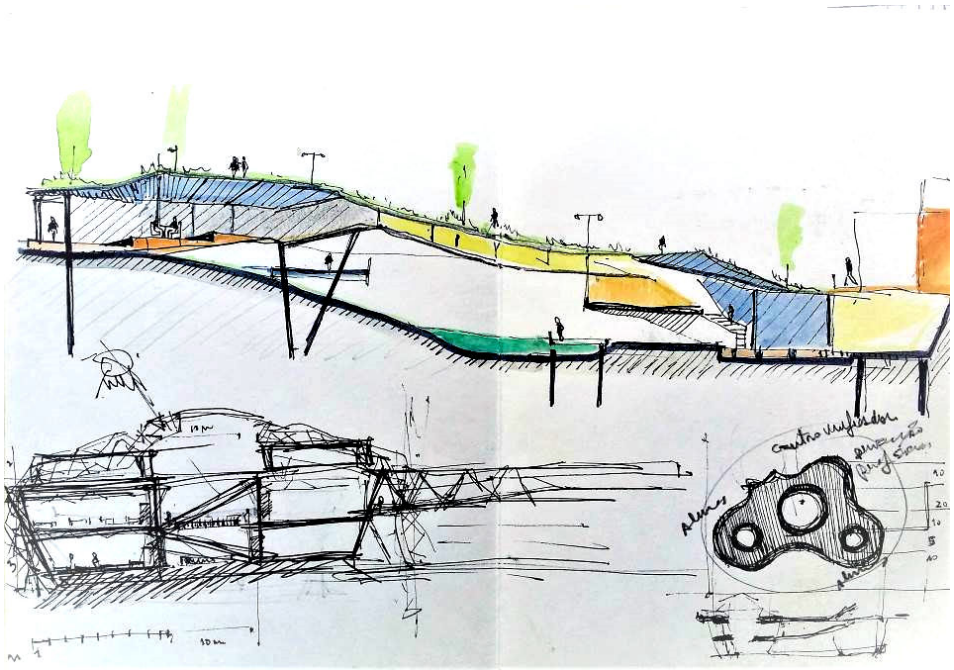


Figura 55 – Projeto do 5º ano- Reformulação da Escola Secundária de Cascais
(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)

"A ligação entre o desenho e a aprendizagem da prática da prática e da teoria arquitectónica também se refere a um aspecto, tão sensível como importante, que caracteriza a relação entre a liberdade criadora e a disciplina "diária" e como sentido contínuo ao longo da vida, que é vital para atingir bons resultados tanto no desenho livre como na Arquitetura. Afinal o desenho melhora com o tempo e a prática, sem limites do tempo, desde que continuamente praticada e observada; matérias gémeas em termos formativos e do verdadeiro gosto que por elas pode e deve haver, designadamente, por quem viva estas matérias numa base diária, que é a única forma de as fazer viver."… (Coelho, 2016 Pp14)

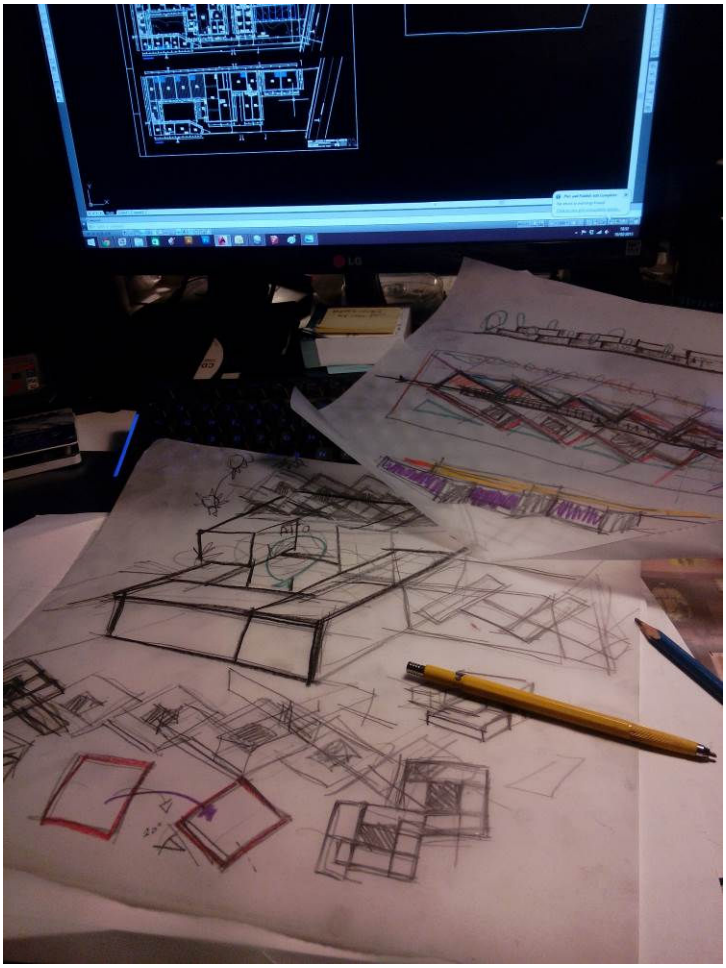


Figura 56 – Projeto do 5º ano- Reformulação da Escola Secundária de Cascais
(Fonte: Autor, Filipe Reis Oliveira)

"Repetir nunca é repetir". (Siza A., 2006 Pp15)

3.1.3 A relação com os *Urban Sketchers*

A relação do autor com os urban sketchers começou em 2012 na Universidade Lusófona, quando Eduardo Salavisa é convidado pela Prof. Arqª Filipa Antunes a orientar um workshop sobre desenho de observação. Naquela altura, o autor não associou logo a relação com os urban sketchers, mas percebeu de imediato, a importância do uso do diário gráfico no quotidiano, para além do uso que habitualmente lhe dava: disciplinas de desenho e de projeto. A partir desse momento, passou a usar o caderno com maior regularidade, dedicando-se sobretudo ao desenho de observação, desde edifícios a pessoas.

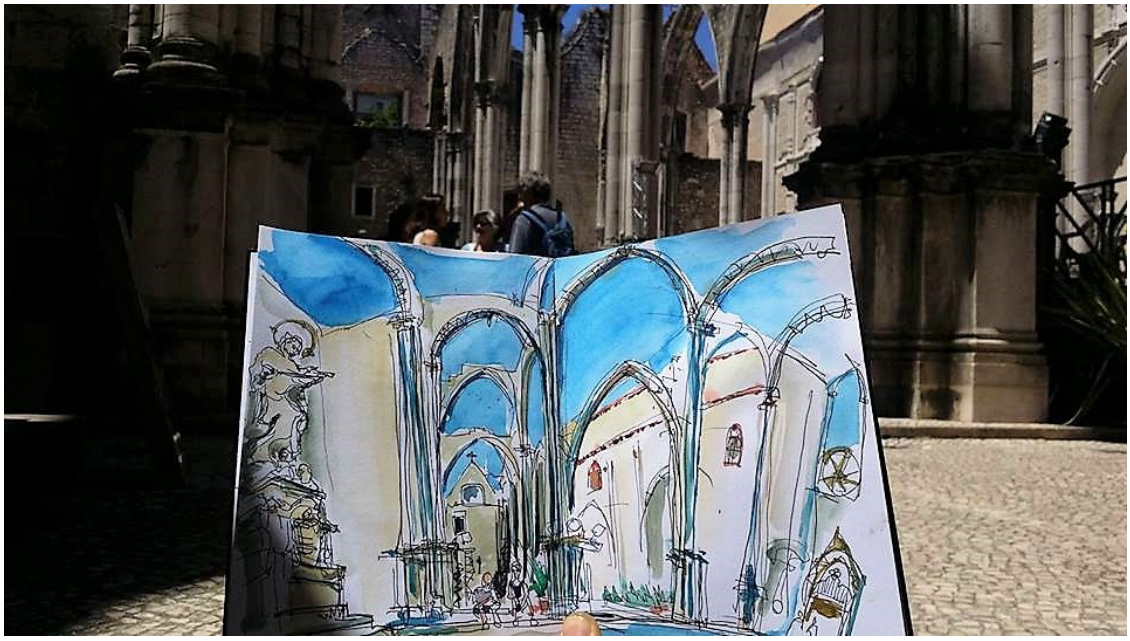


Figura 57 – No Convento do Carmo, com Eduardo Salavisa
(Fonte: Autor, Fillipe reis Oliveira)

Após essa primeira experiência, investigou sobre os urban sketchers e rapidamente passou a participar nalguns encontros em Lisboa, sendo que o primeiro terá sido no Museu Arqueológico do Carmo no ano de 2012.

Aquando da conclusão da licenciatura e o afastamento natural dos colegas de curso, dedicou-se sobretudo ao desenho de observação solitário, nas suas viagens entre a cidade onde vive, Odivelas e a cidade onde trabalha, Lisboa. O desenho de observação levou-o a olhar para as cidades de outra forma, ou seja, mais inquieto, mais curioso, mais observador.

Em 2016 volta a juntar-se aos urban sketchers com maior frequência. A mudança de paradigma terá acontecido numa visita a Torres Vedras, onde participou num encontro de

desenho de rua, organizado pelo seu colega de curso, o arquiteto André Duarte Baptista. A partir daí, começou a frequentar vários encontros, tanto em Torres Vedras, como em Lisboa e outras cidades. Esta regularidade permitiu-lhe o contato com urban sketchers, cujas técnicas e materiais são bastante diversificados. Essa variedade, associada ao espírito de partilha dos urban sketchers, levou-o a experimentar várias técnicas, materiais e motivos de desenho. Este processo tornou-o mais criativo e preocupado com a composição estética dos desenhos. O uso frequente da aguarela teve um papel determinante nesta alteração da identidade dos seus desenhos.

A participação frequente nas atividades organizadas pelos urban sketchers, encontros e workshops, reforçou a sua relação com o desenho de observação, que por sua vez concorre para um desenho criativo mais fluído e profícuo.



Figura 58 – No Convento do Carmo, com Eduardo Salavisa
(Fonte: Autor, Fillipe reis Oliveira)

António Lagoa Henriques (1923-2009), reconhecido escultor e Professor da Escola de Belas-Artes de Lisboa e mais tarde do Porto, teve um papel determinante no incentivo à utilização do diário gráfico como ferramenta experimental e primordial do aluno e do artista. Em várias ocasiões teve oportunidade de partilhar a sua experiência com o diário gráfico, como numa conversa gravada e transcrita (Diário Gráfico, s/d), que tivémos oportunidade de analisar, onde o escultor refere que teve “um grande mestre de Diários Gráficos que foi um pintor-escultor e arquiteto. De manhã frequentava o seu atelier de pintura-escultura e à tarde ia para o atelier de arquitetura. Estou-me a referir ao homem notável, um dos grandes mestres da Arquitetura Moderna, o Le Corbusier. Nasce na Suiça, filho de um relojoeiro, apaixona-se pelo desenho, vai para Paris fazer um curso de Arquitetura, matricula-se, assiste às primeiras aulas e chega à conclusão que ali não ia aprender nada e resolve “dar a

volta ao mundo", e leva consigo os tais cadernos onde vai escrever o seu diário que tem o nome muito expressivo. (Diário Gráfico, s/d).

Ainda nesta conversa, Lagoa Henriques fala-nos dos "Cadernos de Procura Paciente". Se assistisse a esta conversa, Picasso diria: "Ó Corbusier, atenção, eu não procuro, encontro". E o Diário Gráfico é realmente um encontro permanente. Eu citei aqui o Corbusier, mas muitos artistas, em várias épocas, em várias situações, mesmo o próprio Picasso tem Diários Gráficos notáveis e … muitos outros. É um fascínio. E é uma disciplina, porque qualquer manifestação, qualquer forma de expressão para atingir qualidade, exige um exercício disciplinado. Um grande violinista, um grande concertista, um pianista, tem que todos os dias tocar as escalas, tem que fazer uma série de exercícios. No caso das artes visuais é necessário que não esteja perfeitamente apto para representar não só a realidade exterior, mas também a realidade interior. Estou-me a lembrar dum Diário Gráfico, por exemplo, do Albert Durer, que tem mais diários escritos que desenhados. Estou a lembrar-me duma página fascinante que é a representação dum sonho. Ele acorda e escreve logo e aguarela esse sonho. É uma coisa deslumbrante. O Almada Negreiros nunca fez nenhum Diário Gráfico, no entanto, quando ele define o desenho como o nosso entendimento para fixar o instante, é o mesmo que o Diário Gráfico, que é também o fixar o instante. Porque nós estamos comandados por este correr por "este rio que corre" como diria a Marguerite Yourcenar e os filósofos gregos pré-socráticos dizem "o Homem nunca se banha duas vezes na água do mesmo rio", portanto a nossa consciência que estamos em permanente mutação, leva-nos a registar aquilo que é mais importante no nosso dia a dia. O que é importante no Diário Gráfico é que tem também um sentido criativo. Pela filosofia popular podemos dizer: "Quem conta um ponto acrescenta um ponto", ou melhor como dizia o nosso António Aleixo: "A arte é um dom de quem cria, por isso não é artista aquele que só copia as coisas que tem à vista".



Figura 59 – Estação de Metro das Olaias. Lisboa
(Fonte: Autor – Filipe Reis Oliveira)

Portanto o Diário Gráfico acrescenta sempre alguma coisa aquilo que nós vemos, que é a nossa própria personalidade, a nossa própria experiência". (Diário Gráfico, s/d)



Figura 60 – Nos Restauradores- Agência de Espectáculos Públicos.Lisboa
(Fonte: Autor – Filipe Reis Oliveira)

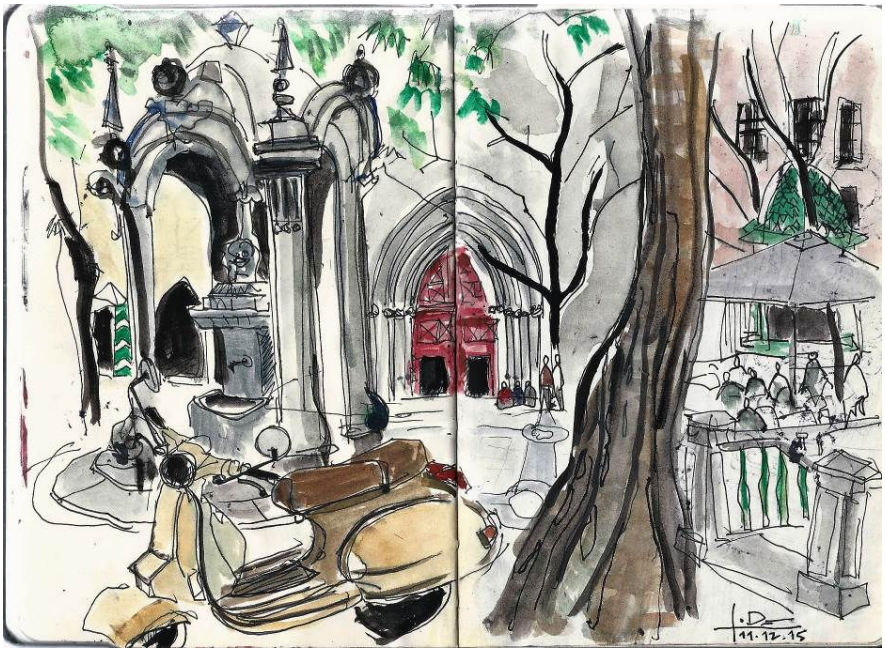


Figura 61 – Largo do Carmo. Lisboa
(Fonte: Autor – Filipe Reis Oliveira)

"Com os alunos mostro-lhes vários exemplos, como o meu caderno que trago sempre comigo, e mostro-lhes com a maior simplicidade. Eles tanto podem desenhar este automóvel que está à nossa frente, como aqueles três caixotes do lixo, como podem fazer uma variante sobre aquele lettering ali, ou o grafitti, etc. O Diário gráfico é um registo do quotidiano que nós pretendemos tornar mais forte e que possam influenciar os outros. Devem "correr de mão em mão". Deve ser um incentivo ao espírito de camaradagem e ao espírito de geração." (Côrte-Real, s/d, p. 86)



Figura 61 – Evento Arte e Conciência em Cascais a convite da Lisa Joanes
(Fonte: Autor – Filipe Reis Oliveira)

Constacto que o Grupo dos Urban Sketchers, só apareceu na vida do Autor, porque realmente tinha que acontecer. Após a procrastinação da escolha do tema e entusiamo para a conclusão da Dissertação do M.I.A.R.Q. foi um encontro dos Urban Sketchers que colmatou esse tema: numa reflexão, enquanto desenhava num encontro a testar caminhos, ideias e as particularidades do lugar, o autor percebeu, que só eram realmente experienciadas "in loco". Ouvindo que vários autores designam por "espirito do Lugar, e para isso nada como esta forma de observar, através do "Desenho de Observação". Esta Relação foi fulcral para o incentivo e término desta etapa académica.

3.1.4 Suportes e materiais

O suporte utilizado no desenho de observação em análise é realizado em "cadernos de bolso", fisicamente, são cadernos no formato A6, A5 e A4 (os Cadernos no formato A4 são somente utilizados em contextos especiais, por apresentarem um tamanho de pouca transportabilidade) a encardenação é feita em capa dura, de forma a proporcionar um suporte sólido e suficiente rigido para que sirva uma superficie plana, em contextos no exterior e nada comodativos, as folhas são constituidas sem serem fixas com argolas mas os melhores suportes são os de folha exclusivamente costurada que permitem a abertura total das suas páginas , a qualidade das folhas vai do papel mais comum ao papel de 200 g/m2, dependendo das intenções do desenho final na utilização de tintas soluveis com água.



Figura 62 – Diários Gráficos do Autor.
(Fonte: Autor – Filipe Reis Oliveira)



Figura 63 – No Parque do A.P.L.
(Fonte: Autor – Filipe Reis Oliveira)

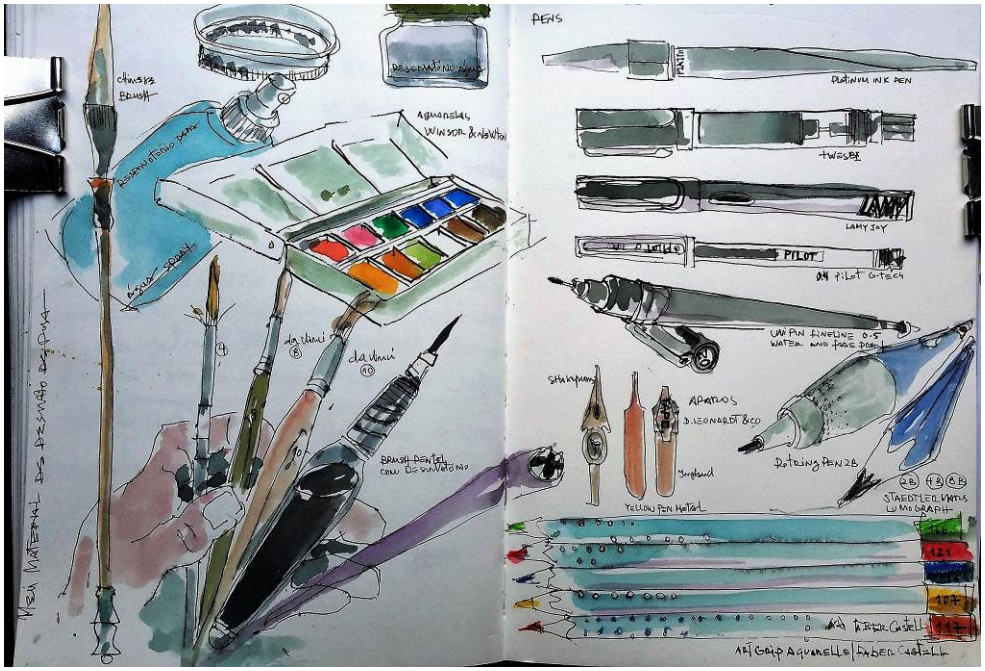


Figura 64 – Os materiais de desenho para o Exterior pelo Autor
(Fonte: Autor – Filipe Reis Oliveira)

Os diários gráficos estão no quotidiano do Autor, como se de documentos pessoais se tratasse. Durante anos, antes de ingressar na Universidade, utilizou materiais riscadores como a Grafite, cuja dureza era sempre a mais mole, por traduzirem sempre em traços mais expressivos pela procura “daquela certeza”, aquele traço com a pressão ideal que qualifica a

linha. Com o tempo, apercebi-me que muitos sketchers e/ou arquitetos como o Mestre Ávaro Siza, riscavam com caneta preta, o que o levou a ter outra atitude no desenho, tornando-se melhor observador e mais atento, através de uma simbiose imediata entre a visão e o tacto.

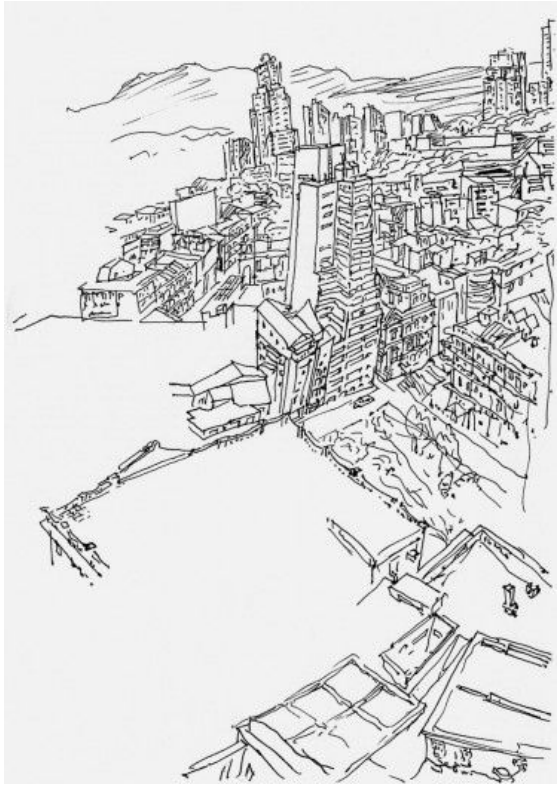


Figura 65– Macau, por Álavaro Silva.
(Fonte: Siza. A.,)



Figura 66– Workshop com a Prof. Filipa A. Oliveira
(Fonte: Autor – Fiipe Reis Oliveira)

"(…) parece que temos cérebros nas pontas dos dedos" (Álvaro Siza). Isto porque a observação e o observar com atenção levou a uma precepção mais precisa do observado, o risco passou a ser continuo e com "personalidade" daquilo que tenciona representar, sem grande margem para o erro, o risco passa a ser permanente como a própria palavra indica, e de forma a poder colorir com aguarela em pastilha, com recurso a pinceis com reservatório de água, evitando borrar a base do desenho.

Mais tarde passou a colorir os desenhos com lápis de cor solúveis com água, materiais que oferecem conforto, para quem pretende dar cor rapidamente e à posteriori solver com água. Desde há alguns anos usa predominantemente aguarela para colorir desenhos a tinta. Procura materiais e técnicas que o satisfaçam.



Figura 67– Exposição: O que é Inovação e Arquitetura.
(Fonte: Autor – Fiipe Reis Oliveira)

As meios riscadores são sempre canetas de aparo com tinta de alcool, de ponta EF, (extra fine) ou F(fine).

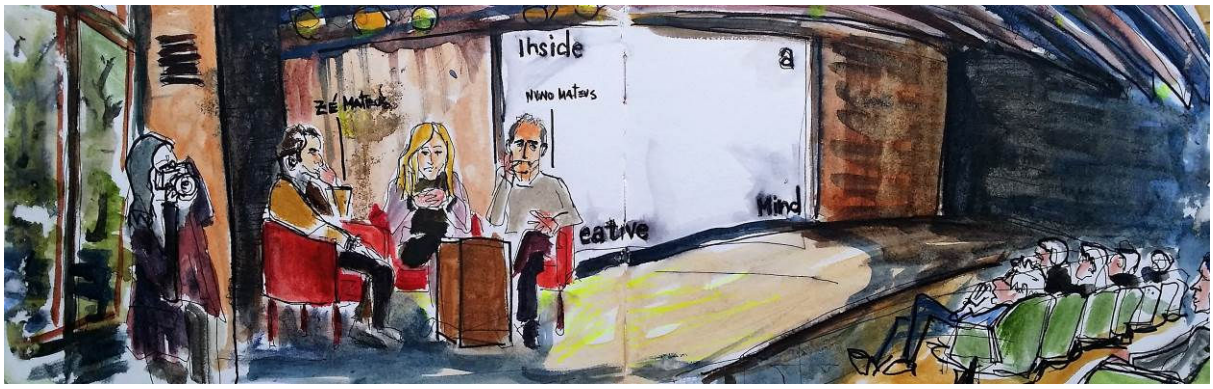


Figura 68 – Entrevista decorrente da Esposição, Inside a Creative Mind,
na Galouste Gulbenkian a José Mateus e Nuno Mateus.
(Fonte: Autor – Fiipe Reis Oliveira)

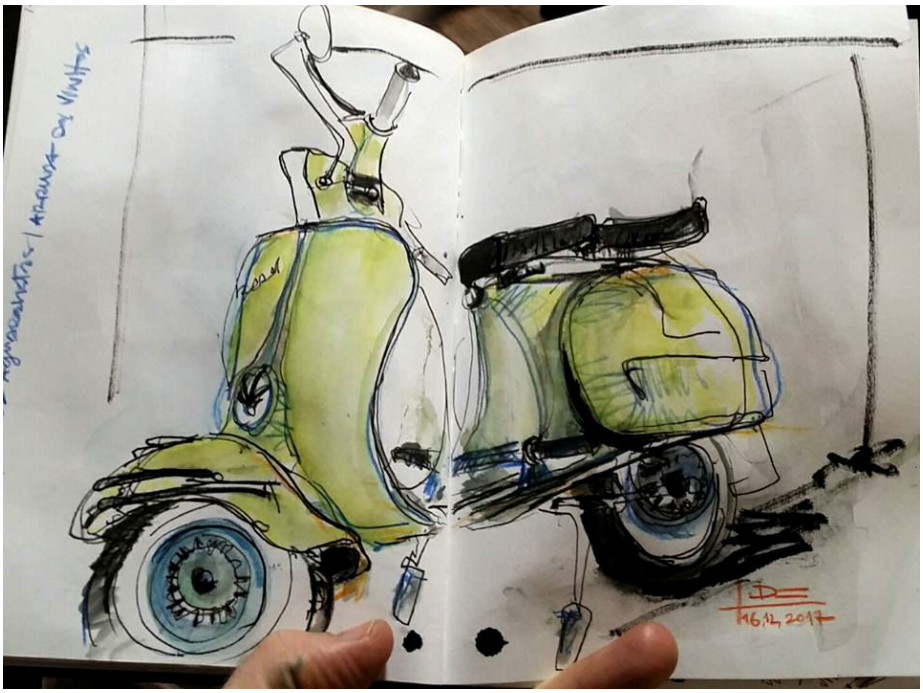


Figura 69 - 1º Encontro Internacional de Aguarelistas e os Oeste Sketchers I Arruda dos Vinhos
(Fonte: Autor – Fiipe Reis Oliveira)

3.2 Urban Sketchers: Fenómeno mundial

Breve contextualização do Urban Sketchers



Figura 70 – Da esqª para a dirtª: André Duarte Baptista, Filipe Oliveira, Gabi Campanário, Tomás Duarte Baptista e Paulo Brilhante (Autor, 2018).

O movimento dos Urban Sketchers surgiu há apenas 10 anos por um ilustrador espanhol, Gabriel Campanário (1969), que trabalha num jornal de Seattle, nos Estados Unidos, onde publica todos os sábados, na 1ª página um artigo com os seus desenhos. Daí à explosão na Internet e à adesão ao grupo no Flickr que Campanário criou para partilha de desenhos foi um passo curto. O grupo no Flickr deu lugar a um blogue que assume uma escala mundial (urbansketchers.org), e o movimento transformou-se numa organização sem fins lucrativos, permitindo-se ramificações em vários países, onde as comunidades se podem organizar em vários grupos.

O grupo Urban Sketchers é um conjunto de pessoas que usa o caderno para registar o seu quotidioano e se junta para desenhar na rua. Como o fotografo tem que andar com a sua máquina fotográfica, o Urban Sketcher utiliza como suporte o caderno (diário gráfico, caderno gráfico, Sketchbook, diário de viagem), não se limitando a um formato no entanto é conveniente que seja fácilmente tranportável, porque os momentos acontecem quando têm de acontecer. O suporte habitualmente apelidado de diário gráfico, é onde registamos o que nos suscita interesse no momento imediato, ou em momentos descomprometidos de pausa ou de contemplação . Desenhar é viajar, o desenho transporta--nos para outra dimensão temporal onde ficamos com os sentidos alerta do nosso redor, o imprevisto e a surpresa podem ser intencionais no desenho, definimo-nos como desenhadores do quotidiano.

Este tipo de registo *in situ*, promove no desenhador uma observação atenta, aprendemos a olhar de forma intima com a realidade na qual sentimos pertença de um todo, o que eleva o estado de concentração, constituindo uma imagem de referência da nossa própria singularidade.



Figura 71 – Encontro OesteSketchers I Vimeiro - Lourinhã , Recriação Histórica da Batalha do Vimeiro
(Fonte: Autor – Fiipe Reis Oliveira)

É isto que fazem os Urban Sketchers. Aprisionam em folhas de papel o quotidiano as paisagens, a arquitetura e os indivíduos, os pormenores e as panorâmicas, com lápis ou canetas, com muitas cores ou sem recorrer a elas. É nos encontros, que cada uma das comunidades organiza esporadicamente, que trocam experiências e partilham técnicas, ou diferentes formas de olhar o mundo.



Figura 72 – A Riscar o Património *(o autor in situ*) – Torres Vedras
(Fonte: André Duarte Baptista)

O Manifesto dos UsK

"Pessoas que retratam o mundo com o olhar e a mão, de uma maneira mais humana e intimista. Os desenhos são feitos no momento, desta forma temos um acesso único às paisagens, igrejas e monumentos, comidas típicas, praias, cidades e serras.

Os Urban Sketchers Portugal são um coletivo de autores que desenham em diários gráficos as cidades onde vivem, os sítios por onde viajam, que se encontram para desenhar regularmente e respeitam o seguinte manifesto:

1. Desenhamos in situ, no interior e no exterior, registando diretamente o que observamos.
2. Os nossos desenhos contam a história do que nos rodeia, os lugares onde vivemos e por onde viajamos.
3. Os nossos desenhos são um registo do tempo e do lugar.
4. Somos fiéis às cenas que presenciamos.
5. Usamos qualquer tipo de técnica e valorizamos cada estilo individual.
6. Apoiamo-nos uns aos outros e desenhamos em grupo.
7. Partilhamos os nossos desenhos online.
8. Mostramos o mundo, um desenho de cada vez."



Figura 73 – Workshop nas Escadinhas de são Francisco com João Catarino.
(Fonte: Autor- Filipe Reis Oliveira)

O Autor acompanha os Urban Sketchers Portugal desde 2009, incentivando-o a participar nos encontros de desenho e partilhar os seus registos através das redes sociais. A integração neste grupo levou-o a desenhar com maior frequência e consequentemente a melhorar os seus hábitos de observação assim como as suas técnicas. Por outro lado, foi através dos Urban Sketchers que descobriu a ilustração em arquitetura passando a fazer parte da sua prática profissional .

3.3 Entrevistas a 31 Urban Sketchers

No Âmbito da investigação sobre o tema em apreço, "Desenho de Observação – Uma ferramenta primordial em Arquitetura", pretende-se analisar a recolha de dados com o objetivo de quantificar a importância que os entrevistados dão ao Desenho de Observação e a todo o processo que envolve o ato de desenhar no exterior.

"uma entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo." Bogdan & Biklen (2010)

O guião da entrevista foi elaborado com a supervisão da orientadora, a qual se decidiu dirigir a amigos e colegas do Grupo "Urban Sketchers" do qual o Autor é membro, e por ser um grupo muito heterogéneo e caraterizar-se pela vontade que têm em desenhar no exterior.

O guião da entrevista foi orientado de forma simples e semiestruturada (de forma a ter acesso a uma grande quantidade e variedade de informação), sempre com o objetivo de mencionar para que fim se destina esta recolha de dados. Os entrevistados foram contactados previamente de forma a sensibilizá-los da importância da respetiva participação, estratégia que teve uma importância preponderante na adesão e motivação do entrevistado para o sucesso da entrevista.

A Entrevista teve como Guião a seguinte estrutura:

1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

2- O que te motiva para o desenho?

3- Desenhas diariamente?

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o ato de desenhar?

8- O que é para ti o desenho?

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

10- Como conheceste estes grupos de "Sketchers"?

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

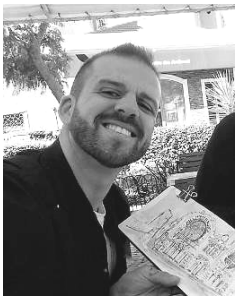
15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

17- Como arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho? (responde caso o sejas).

A Transcrição da Entrevista, apresenta inicialmente a seguinte informação, que é pertinente, já que apesar do Autor conhecer e desenhar frequentemente com a maioria dos entrevistados, desconhecia essa mesma informação.

Exemplo:



Nome: Filipe Reis Oliveira, o Autor

Idade: 36 anos

Área profissional: Arquitetura

Profissão: Desenhador

Posso constatar, que das trinta e uma entrevistas realizadas, por coincidência ou não a área profissional predominante é a Arquitetura e o Ensino (Educação Visual).

- 3 entrevistados, são da área do Design.
- 5 entrevistados, são da área do Ensino, Educação Visual.
- 1 entrevistada, é Jurista.
- 1 entrevistado, é Engenheiro Informático.
- 1 entrevistado, é comercial na área da Construção Civil.
- 1 entrevistada, é Médica Veterinária.
- **17 entrevistados são Arquitetos.**

Não obstante da importância de todo o guião elaborado, somente cinco questões são entendidas como orientadoras do processo de análise que se pretende desenvolver, como a questão **nº 6, nº 13, nº 15, nº 16** e **nº 17 :**

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

17- Como arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho? (responde caso o sejas).

Análise de Conteúdo

É possivel establecer um número apreciável de inferências que se podem destacar nas respostas às questões establecidas:

1. Relativamente à questão **nº 6, "O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?".**

- *"A Escrita está para os Poetas como o Desenho está para os arquitetos*". Pinheiro, A. (2017)

- *"Mais que uma ferramenta é também uma linguagem de expressão do arquiteto".*

- *"O Desenho é absolutamente indispensável à Arquitetura".* Rebolo, J. T., (2017).

- *"O Desenho está talvez no mesmo cordão umbilical que liga o olhar humano ao meio envolvente."* Reis, T. (2017).

- *"O Desenho de observação é o alimento do Arquiteto pensador. É ele quem lhe amplifica o olhar para os pequenos detalhes, usos e hábitos das pessoas. Desenhar a vida quotidiana parece-me uma tarefa base para quem desenha os espaços onde as pessoas vivem".* Linhares, M. (2017)

2. Relativamente à questão **nº 13, "Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um Dom que nasce contigo?"**

- *"Desenhar é algo que se aprende, antes de tudo, por meio de reaprender a olhar. E é esta educação do olhar, ao alcance de todos e que só se dá pelo desenho, que permite aprender a registrar e pensar na linguagem universal que é a linguagem do desenho."* Ricardo, F., (2017)

- *"Sou da opinião que aprendemos a desenhar! Desenhar é como a escrita que se aprende, no caso da escrita as letras são a sua linguagem, em que todos aprendemos a escrever, mas nem todos somos escritores. No caso do desenho tambem se aprende a sua linguagem propria, mas nem todos serão artistas ou profissionais do desenho."* Boto, H., (2017)

- *"Há uma frase no site dos Urban Sketchers do Ruskin que defende a ideia de que qualquer pessoa pode desenhar. Parecendo apenas uma boa intenção, eu acredito, já vi acontecer. Mas há querer muito.*". Rebolo, J. T., (2017).

- Aprende-se. O dom, acredito eu, é o da paciência. E talvez a habilidade de enxergar e compreender aspectos do mundo fisico como a tridimensionalidade." Barbosa. E., (2017).

3. Relativamente à questão **nº 15, "O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?".**

- "Quando desenhamos a partir de observação directa, temos forçosamente de ver/observar com muito mais rigor do que quando observamos ou recolhemos uma imagem através de uma câmara fotográfica. Por isso adquirimos um conhecimento muito mais detalhado do mundo envolvente." Frasão, A. L., (2017)

- "Sim. Quando desenho perco a noção do tempo. A dimensão espacial é diferente porque tenho os 5 sentidos focados no que me rodeia". Procópio, A., (2017)

- Sim, desenhar desenvolve sensações e habilidades em ler e registrar o espaço. Quanto mais desenhamos, mais aguçamos nossa sensibilidade e nossa expressão." Hladkyi, D. Z., (2017)

4. Relativamente à questão **nº16**, **"Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?**

- "Ao fazer um registro gráfico, a desenhista captura diversos aspectos do local, como sons, cheiros, tato, além da percepção visual claro. Essa intensidade de sentidos reforça a imagem mental da cena, que será registrada na memória. O desenho é, certamente, uma forma mais completa de registro para os arquitetos e artistas, que a fotografia, pois o desenhador necessita compreender tudo o que está em sua visão". Barbosa. E., (2017).

- "Sim, quando estamos a desenhar precisamos estar o mais concentrados possível e absorvermos as emoções que pairam à nossa volta". Salavisa, E., (2017)

- "O desenho só me interessa enquanto "desenhar fora" no sentido de ser uma interpretação do tal mundo que nos rodeia. Mesmo que essa interpretação passe muito pelo atelier ou por ferramentas para além da observação directa.

Embora o respeite e até admire, não me interessa a exploração, através do desenho, do interior da mente ou do abstraccionismo.
O desenho que eu mais gosto de fazer é o desenho de viagem exactamente como interpretação do "mundo que nos rodeia". Admito que a viagem possa ser uma viagem de todos os dias, dos nossos lugares mais comuns, em que me esforço por encontrar insólitos, ângulos novos ou motivos de interesse". Cabral, P. M. B., (2017)

5. Relativamente à questão **nº17, "Como arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho? (responde caso o sejas).**

- "Sim claro, quando inicío um projeto, começo primeiro por tentar entender o local em que se insere. Sentir como funciona o ambiente que o rodeia. Depois sonho muitas vezes com a solução e só então é que a começo a passar para o papel, a rabiscar uns volumes, a conseguir um organograma que compatibilize o programa pedido com o local e a envolvente." Tavares, M. L., (2017).

- "Como Arquiteto e Urbanista, considero o desenho essencial na estrutura principal de qualquer projeto, na fase de diagnóstico e interpretação de um local, na fase de conceção de conceitos e relação entre elementos/espaços, assim como na criação de ambientes e percepções sensoriais." (Vieira. B., (2017)

- "*Possibilita a apreensão / conhecimento do objeto, a partir da observação; e possibilita um quadro de memórias que auxilia no processo de concepção projetual".* Nascimento, J. C., (2017)

- *"Sim muito".* Oliveira, F. A., (2017)

- *"Sim, o desenho desempenha um papel primordial na estrutura do meu pensamento arquitectónico, assim como, no pensamento artistico que possa ter."* Boto, H., (2017)

- "Não diria tanto. Já não pratico arquitetura, mas quando o fazia, o desenho servia para compreender e exteriorizar uma ideia que maturava na mente. O desenho não fazia tanto parte do processo de criação, mas sim do processo de comunicação, quer aos outros, quer a mim próprio. Servia também como ferramenta rápida de teste - da distribuição e eficiência de uma planta ou um corte, de um ponto de vista que se queria explorar, de um pormenor ou encaixe entre materiais que exigisse uma visão

tri-dimensional - em todos estes casos, o desenho era o intérprete da mente. Penso que o desenho deve ser uma ferramenta da arquitetura". Loureiro P. (2017)

- "Sem sombra de dúvidas. Uso o desenho para estruturar as minhas ideias para um determinado projeto e só parto para as ferramentas digitais quando tenho projeto 100% estruturado na minha cabeça e no papel. Enquanto não funcionar no papel, não funcionará nunca". Alves P. (2017)

Considerações finais

Concluo que mais de metade dos entrevistados estão ligados à área das Artes, designadamente a Arquitetura e todos os entrevistados têm uma vontade intrínseca de expressar-se através do Desenho de Observação, sendo esta ferramenta comum desde a infância até à idade adulta, permitindo-nos explorar novas formas de sentir, de estar e observar, na qual redescobrimos o mundo com "outros olhos".

A via de desenhar "in loco", é uma ferramenta de análise e desconstrução daquilo que observamos, é colocarmo-nos de novo naquele estado de descoberta do mundo, como se fosse algo de novo aos nossos olhos. É essa sensação que se depreende de todo o entrevistado, a vontade de contemplação e de "tocar no mundo com as mãos" através da necessidade de desenhar o observado, levando-o ao entendimento constante das formas, texturas e luzes até ao conhecimento intelectual do que nos envolve.

Se o "Desenho de Observação" é tão intrinseco a todo o entrevistado, seja ele arquiteto ou não, conclui-se que é deveras uma ferramenta extraordinária de conhecimento do mundo, por outro lado os "entrevistados arquitetos", reforçam a teoria que o "desenho de observação é um Ferramenta Primordial em Arquitetura"

"Para o investigador, a análise nunca está acabada, suficientemente completa. As zonas de sombra inquietam-no tanto quanto o sentido escondido e o mais fundamentado das suas deduções; mas a marcha da análise é limitada pelas possibilidades práticas" (Amado, 2000, Pp. 60)"

CONCLUSÃO

O presente trabalho foi desenvolvido com o entusiasmo com que o desenho tem para o autor e foi desde o primeiro momento um desafio, considerando o Desenho de Observação ser um motivo abrangente na Aquitectura tornando-se um tema que traduz algumas interrogações nos dias de hoje, com a panóplia de informação e meios digitais ao dispôr. Por isso suscitou o interesse em refletir sobre um tema tão sensivel pelo candidato ao grau de mestre em arquitetura.

Tendo em conta a elaboração desta investigação, é sua opinião que deveria ser o desenho livre a forma natural de uma pessoa se expressar e enquanto arquiteto, ser através do Desenho sobre a observação de determinado objeto ou mediante a transcrição para o papel, qualquer ideia que se pretenda transmitir a outras pessoas, quer seja um esboço, um projeto ou qualquer outra forma artística.

Esta abordagem pretende analisar e concluir dois aspetos fundamentais no desenho: aquele que se aprende através do ensino técnico/prático e aquele que designamos de Desenho de Observação e que interessa especificar, dado ser a matéria na presente dissertação.

Há quem defenda que o ensino da técnica de observação e manuseamento básico das ferramentas de desenho é a forma de os alunos de arquitetura aprenderem a desenhar, para além do interesse pela cultura geral das artes e saber desenhar em particular, para ser um bom executante em desenho livre. Segundo o entender do Autor não basta termos uma cultura geral em Artes para ser um bom executante, quer em desenho livre ou outra forma de representação, quer seja em escultura ou pintura ou mesmo na área específica de Arquitetura. O Desenho de Observação exige desde logo o “gosto em desenhar” e depois o exercício contínuo se pretendemos aperfeiçoar o traço e a mão.

A elaboração da presente dissertação de mestrado permitiu estudar de uma forma exaustiva a temática do Desenho de Observação, tornando este estudo muito enriquecedor. Para a abordagem à presente temática foi considerado uma amostragem de quarenta Urban Sketchers escolhidos aleatoriamente, não obstante que a resposta efetiva ao convite apresentado tenha reduzido a amostragem a um painel de trinta e um entrevistados.

Perante este painel supra referido, permite-se extrair um dado relevante: que a maioria dos entrevistados são da área de Aquitectura, e todos os eles referiram que “O *Desenho de Observação*” tem um papel determinante na sua prática profissional. Tais factos

em arqticulação com a investigação desenvolvida leva-nos a crer que o desenho de observação é uma ferramenta primordial em Arquitetura, sobretudo pela aproximação directa que temos do mundo que nos rodeia, com o mundo imaginado e com o mundo projetado.

BIBLIOGRAFIA:

AMADO, J. (2000). *A Técnica da Análise de Conteúdo. Referência* 5, 53-63, disponível em https://woc.uc.pt/fpce/person/ppinvestigador.do?idpessoa=10057

ALMEIDA, P. V. (2008) *Apontamentos para uma teoria da Arquitetura*. Editora: Livros Horizonte.

AMARAL, T. (2009) *Coleção Cadernos de Desenhos.* Edição: Unicamp.

Sebenta de desenho 2011/2012. Faculdade de Arquitetura.

ANÇÃ, L. *Desenhos do alentejo.*

ANDO, T. (2003*). Conversa com Michael Auping*. editora: Gustavo Gili.

BAEZA, A. C. (2011). Pensar *com as mãos*. editora: Caleidoscópio.

BAEZA, A. C. (2013). *Principia Architectonica*. editora: Caleidoscópio.

BAEZA, A.C. (2011). *A ideia construída* editora: Caleidoscópio 4º edição.

BARDIN, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. (2010). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos.* Porto: Porto Editora.

CANTZ, H. (2011). *A ideia construída*. Editora: Caleidoscópio 4º edição.

BENEVOLO, L. (2006). *História da Arquitetura Moderna*, Editora Perspectiva, (234-253).

BRILHANTE, P. (2017). *Vizinhança, Onde Álvaro enconta Aldo*, CCB Editora

CABRAL, **P**. *Bonecos de bolso na via Algarvia*. Editora: Algarviana.

CATARINO, J., (2017) EN.2

CÕRTE-REAL, E., (2001)., *O triunfo da virtude. As origens do desenho arquitéctónico.* Lisboa: Livvros Horizonte, Faculdade de Arquitetura da Universidade técnica de Lisboa.

CULLEN, G. (2008) - *A Paisagem Urbana.* Lisboa: Edições 70. (edição original 1971).

DEBRET, J. B. (1911) *Caderno de Viagem*. Edição fac-símile.

FRANÇA, J. A. (2006) *História da Arte Ocidental 1780-1980*, Editora Livros Horizonte.

FLECK, B. (1999) *Álvaro Siza* , Relógio D´Água Editores

GREGOY, D. (2013) *An Illustrative journey.* Form the private art Journals of traveling.

HAROUEL, J.L. (2004) - *História do Urbanismo.* 4ª Edição. Campinas, SP: Papirus Editora. (Edição original 1990).

HOCHSTIM, J. (1991) *The Paintings and Sketches of Louis L. Kahn*, Editora: Rizzoli 1º Edição

INKE, R. – *Paraty.*

ITO, R. (2014) *Álvaro Siza Design Process: Quinta do Bom Sucesso Housing Project.* Edição: IST Press.

JANEIRO, P. A. (2013) *O papel do desenho.* Edição: Caleidoscópio.

KANDINSKY, W. (2017) *Ponto, Linha, Plano.* Edições 70.

KRIER, L. (1990) Arquitetura: Escolha ou Fatalidade. Lisboa: Estar-Editora.

LAMAS, J.M.R.G. (2010). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade.* 5ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (edição original 1990).

LINHARES, Mario e Ketta. (2014) *Diário de viagem: Costa do Marfim.* Editora: Consolata.

Lisboa por/by Urban Sketchers. (2015) editor: Zest Books.

LYNCH, K. (2008). *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70. (edição original 1960).

MACHABERT, D. D. L. (2009) Álvaro Siza – Uma questão de medida. Casal de Cambra. Caleidoscópio.Pp 104.

MACIEL, M. J. (2006). *Vitrúvio - Tratado de Arquitetura.* Lisboa: IST Press.

MASSIRONI, M. (1913) *Ver Pelo Desenho*. Edições 70 set 2015.

NEVES, V. (2012) *Esquissos de Arquitetura da memória do tempo e dos lugares.* Editora: Universidade Lusíada de Lisboa.

NIEMEYER, O. (1997) *Conversa de Arquiteto*. Editora: eletrónica.

NIERO, C.H. e SOUZA J.M.B. (2016) *Impressões diários gráficos do paço da Liberdade.* 1ª Edição *Sesc PR.*

NOBRE, S. A. *– rota da Bairro da Beira Mor.*

PESSOA, F. (2015) *Lisboa, O que o turista deve ver*. Editora Centro Atlântico 1ºedição

POMBO, O. (2009) *O mito de Prometeu*. Departamento de Educação, Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa. Lisboa.

PORÃO, J. G. *Cuadernos de Australia.*

RODRIGUES, A. M. (2017) - *O observador observado*. Edição: Caleidoscópio.

ROSSI, A. (2001). *A Arquitetura da Cidade.* Lisboa: Edições Cosmos. (edição original 1966).

SALAVISA, E.; ANTUNES, F.O. (2014). *Diários de Viagem 2*. Lisboa. Quimera Editores.

SALAVISA, **E**. (2010) *Diário de Viagem em Cabo Verde. Edição: Quimera.*

SALAVISA, E. (2016) *Cadernos de Viagem de Abrantes. Edição: Delegação do Centro da Ordem dos Arquitetos – Secção Regional Sul.*

SALAVISA, E.(2017) *Caderno da América Latina. Edição: Edições Afrontamento.*

SILVA, V. - *Um ano a desenhar para o futuro.* Arpad scenes.

SILVA, P.N. (2009) *Citações e Pensamentos do Agostinho da Silva* - 2ºedição edição: Casa das Letras.

SIZA, A. (1994) *Desenhos Urbanos. Brigitte Fleck. Basileia.*

SIZA, A. (1999) *Esquissos do Douro. ICEP, Figueirinhas. Lisboa.*

SIZA, A. (2001) *Die Städte von Álvaro Siza (As Cidades de Álvaro Siza). Figueirinhas*

SIZA, A. (2006) Esquissos ao jantar*. Casa da Arquitetura*

SIZA, A. (2006), *Imaginar a Evidência .* Edições 70 2º edição.

SOUSA, R. – *Desenho IV volume. Lisboa: Editoral do Miistério da Educação, coleção de textos Pré-Universitários, nº19, s.d.*

TÁVORA, F. (2006). *Da organização do espaço. 7ª Edição.* Porto: FAUP Publicações. (edição original 1964.

THORSPECKEN. Thomas (2014) – *Urban Sketching: Guia Completo de técnicas de desenho Urbano*. Editorial: Gustavo Gili.

URBAN SKETCHERS (2017) *Porto.* Edição Ponto M.

URBAN SKETCHERS (2017) *Portugal.*Edição: Zest – Books for life.

VIEIRA, J.(1995) – *O desenho e o projeto são o mesmo?* Edição: Faculdade de Arquitetura da Universidade Porto.

OUTRAS FONTES CONSULTADAS

REVISTAS:

BRANCA, (2016). *Revista de Arquitetura da Univesidade da Beira interior.* Editora: Caleidoscopio

ARCHINEWS,03, (2012) *Edição Especial* Editora:

Webgrafia:

https://player.vimeo.com/video/39111914http://dicasdepintura-defatima.blogspot.pt/2011/07/o-que-e-desenho-de-observacao.html(Consultado em várias datas).

https://www.pinterest.pt/explore/desenho-de-observa%C3%A7%C3%A3o/(Consultado em várias datas).

http://www.scmp.com/culture/arts-entertainment/article/2097646/hong-kong-ipad-artist-sketcherman-captures-street-scenes(Consultado em várias datas).

http://sic.sapo.pt/Programas/juntos-a-tarde/videos/2017-06-28-Desenhar-a-Vida(Consultado em várias datas).

http://urbansketchers-portugal.blogspot.pt/search/label/Desafio79(Consultado em várias datas).

https://hakunamatatayeto.blogspot.pt/(Consultado em várias datas).

http://diario-grafico.blogspot.pt/(Consultado em várias datas).

http://desenhosdodia.blogspot.pt/(Consultado em várias datas).

http://www.urbansketchers.org/(Consultado em várias datas).

http://visao.sapo.pt/verde/2016-08-12-O-mundo-magico-dos-ilustradores-cientificos(Consultado em várias datas).

https://player.vimeo.com/video/39111914 (Consultado em várias datas).

http://www.noticiasmagazine.pt/2017/urban-sketchers-mostrar-o-mundo-um-desenho-de-cada-vez/(Consultado em várias datas).

http://diario-grafico.blogspot.pt/2017/05/cadernos-da-america-latina.html(Consultado em várias datas).

http://diariografico.com/(Consultado em várias datas).

https://docplayer.com.br/7139578-Da-existencia-ou-nao-de-pintura-mural-a-fresco-de-expressao-romanica-em-portugal.html

https://noseoscadernos.wordpress.com/(Consultado em várias datas).

http://www.worldsketchingtour.com/inicio/(Consultado em várias datas).

https://naocoisasavista.wordpress.com/(Consultado em várias datas).

http://bonecosdebolso1.blogspot.pt/(Consultado em várias datas).

https://eduardocortereal.wordpress.com/(Consultado em várias datas).

http://ajaneladealberti.blogspot.pt/(Consultado em várias datas).

http://dequemeservemosolhos.blogspot.pt/(Consultado em várias datas).

http://dicasdepintura-defatima.blogspot.pt/2011/07/o-que-e-desenho-de-observacao.html(Consultado em várias datas).

https://pt.scribd.com/document/287054971/O-DESENHAR-DE-UM-ME-TODO

https://www.pinterest.pt/explore/desenho-de-observa%C3%A7%C3%A3o/(Consultado em várias datas).

http://www.plataformaarquitetura.cl/cl/773999/por-que-los-cuadernos-siguen-rigiendo-en-un-mundo-digital?utm_source=Plataforma+Arquitetura&utm_campaign=60482b2bad-RSS_EMAIL_CAMPAIGN&utm_medium=email&utm_term=0_cd7aa242a6-60482b2bad-407796817(Consultado em várias datas).

http://www.archdaily.com.br/br/782756/o-croqui-como-metodo-de-representacao-essencial?ad_medium=widget&ad_name=most-visited-article-show(Consultado em várias datas).

http://www.archdaily.com.br/br/765689/qual-o-papel-do-desenho-a-mao-na-arquitetura-de-hoje(Consultado em várias datas).

http://www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/ - Arquivo Municipal de Lisboa(Consultado em várias datas).

http://www.arquitetos.pt/ - Ordem dos ARQUITECTOS(Consultado em várias datas).

https://www.facebook.com/arteestudioimaginario/videos/1389923731024574/(Consultado em várias datas).

https://hakunamatatayeto.blogspot.pt(Consultado em várias datas).

https://hugobrc.wordpress.com/(Consultado em várias datas).

http://gabicampanario.blogspot.pt/p/bio.html(Consultado em várias datas).

Reportage and Documentary Drawing Veronica Lawlor -The Urban Sketching Handbook(Consultado em várias datas).

http://diariografico.com/htm/outrosautores/Lagoa/Lagoa03.htm(Consultado em várias datas).

http://cutcity10.blogspot.pt/?view=flipcard (Consultado em várias datas).

http://desenholusofona.wordpress.com/elementos-do-desenho_1%c2%ba-semestre/(Consultado em várias datas).

http://go2.wordpress.com/?id=725X584219&site=desenholusofona.wordpress.com&xs=1&url=http%3A%2F%2Fitunes.apple.com%2Fpt%2Finstitution%2Funiversidade-lusofona-humanidades%2Fid420880787&sref=http%3A%2F%2Fdesenholusofona.wordpress.com%2Fcur(Consultado em várias datas).

https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/7308/2/Maria%20Pinheiro%20%20Dissertao%20MPTD%202007.pdf

http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1921-1.pdf

ANEXOS:

Entrevista / Questionário:

Entrevistas elaboradas a uma amostragem de 31 Urban-Sketchers

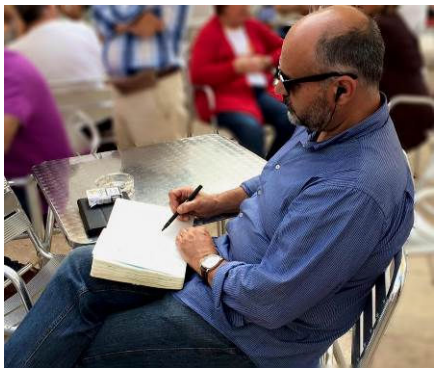
(O AUTOR QUANDO SE DIRIGE AO DESENHO, REFERE-SE SEMPRE AO DESENHO DE OBSERVAÇAO).

1- O desenho sempre fez parte da tua vida?
2- O que te motiva para o desenho?
3- Desenhas diariamente?
4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?
5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?
6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?
7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o ato de desenhar?
8- O que é para ti o desenho?
9- Pertences, ou acompanhas grupos de “Sketchers”, e porquê?
10- Como conheces-te estes grupos de Sketchers?
11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?
12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?
13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?
14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?
15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?
16- Até que ponto, o desenhar “fora” no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?
17- Como arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho? (responde caso o sejas)

Entrevistados:

1- Augusto Pinheiro
2- Ana Barbosa
3- Ana Luísa Frazão
4- André Duarte Baptista
5- António Procópio
6- Latino Tavares
7- Bruno Vieira
8- Clewton
9- Dany Hladkyi
10- Eduardo Bajzek
11- Eduardo Salavisa
12- Edward – *sem resposta*
13- Fernanda Lamelas - *sem resposta*
14- Filipa Antunes
15- Filipe Pinto
16- Flávio Ricardo
17-Filipe Leal Faria - *sem resposta*
18- Helena Barreiros
19- Hélio Boto
20- João Catarino
21- João Teles Rebolo
22- Jorge Vila Nova
23- José Louro - *sem resposta*
24- Luís Miguel Frasco
25- Luís Simões – *sem resposta …*
26- Mário Linhares
27- Nélson Paciência
28- Paulo Brilhante
29- Paulo J. Mendes
30- Pedro Loureiro
31- Pedro MB Cabral
32- Pedro Alves
33- Rita Catita
34- Rosário Félix
35- Susana Nobre
36- Siza Vieira - *sem resposta*
37- Tomás Reis
38- Fenanda Lamelas - *sem resposta*
39 - Gabriel Campanário - *sem resposta*

01 Entrevistado



Nome: Augusto Pinheiro
Idade: 51
Área profissional: Fotografia, imagem, música.
Profissão: Doméstico
https://galeriadopinhas.wordpress.com

1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

De forma reflectida, não. O desenho foi-se integrando na minha vida de forma gradual e na medida das atividades que fui exercendo. Tornou-se mais presente e mostrou-se mais importante nos momentos em que era a ferramenta mais óbvia e expedita para transmitir ideias a outros. Fui desenhando mais por necessidade e isso serviu sobretudo para me mostrar o quão pouco proficiente eu estava no uso do desenho como texto. Foi perante situações concretas que, por um lado senti necessidade de aperfeiçoar a minha capacidade de anotação pelo desenho, e por outro, exercitar a observação como fundamento da prática do desenho.

2- O que te motiva para o desenho?

Nunca reflecti sobre isso. Talvez por pensar que é a mais universal das linguagens, para quem possui a capacidade da visão. Talvez porque me dá mais prazer do que escrever ou fotografar, mas sobretudo porque é uma ferramenta para anotação, descomprometida, imediata, totalmente autónoma e com capacidades expressivas verdadeiramente extraordinárias.

3- Desenhas diariamente?

Sim. Não por disciplina, mas por necessidade. Não exercito de forma metódica (ando sempre a dizer-me que deveria fazê-lo), mas desenho dum modo mais ou menos caótico. O mais das vezes é para testar composições para pinturas, outras porque quero registar isto ou aquilo, uma ideia, um detalhe, copiar qualquer coisa ou por pura diversão.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Não. O desenho no sentido de design, composição, sim. Na minha opinião a observação desempenha um papel fulcral em muitas áreas e isso de certa forma é também o cimento para a prática do desenho. Quando o que fazes (comecei na

fotografia) depende muito da tua capacidade de compor bem (dum bom design), de entenderes consciente ou intuitivamente as "regras" da composição, da harmonia e equilíbrio das imagens, isso oferece uma boa base para desenhares, para te exprimires pelo desenho.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Como já referi o desenho para mim não é um ofício, mas, no entanto, é essencial para a atividade que agora exerço, digamos que usos o desenho mais como escrita para anotações do que como prática literária.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Na minha opinião é essencial. Para mim está para os arquitetos como a escrita para os poetas.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Não faço a ideia dos incentivos existentes para motivar e desenvolver nos estudantes de arquitetura o gosto pelo desenho. Talvez a motivação para desenhar venha mais do campo das afectividades do que da imposição institucional. Um bom professor de desenho não tem de ser um virtuoso ou artista desenhador, será mais como um treinador e motivador profissional. No entanto compreendo que pode ser difícil, tortuoso e desmotivador para muitos jovens o percurso académico no que respeita ao (bom) desenho de arquitetura.

8- O que é para ti o desenho?

Uma forma de expressão, uma linguagem ao mesmo nível da escrita, que se aprende e se aperfeiçoa com a prática e que está ao alcance de todos.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Pertenço aos UskPortugal, acompanho os OesteSketchers, o SketchCrawl de Torres Vedras e os Ribatejo Sketchers. A princípio foi a curiosidade e a necessidade de sair dum certo isolamento. Depois descobri que mais do que desenhar e partilhar os desenhos estes grupos e os encontros desempenham um papel importante no desenvolvimento e enriquecimento pessoal e social daquelas pessoas que os integram.

10- Como conheces-te estes grupos de Sketchers?

Foi numa altura em que atravessava uma crise pessoal e procurava atividades de pintura ao ar livre perto de casa. Foi por mero acaso, numa rede social, como atividade apoiada pela Biblioteca Municipal de Vila Franca de Xira. Isto em Maio de 2015. Nessa altura nem fazia ideia do que era o movimento Urban Sketchers. Dai para cá já não parei.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Prefiro o papel branco, seja em folhas, cadernos ou blocos e a grafite. O primeiro porque é o mais prático a segunda porque gosto muito das possibilidades expressivas. No entanto também uso aguarelas, gouache, tinta e esferográficas, *desenho algumas vezes sobre papel tratado com gesso para pintura.*

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

De estar, não. De te relacionares com o mundo, sim. No desenho, contudo, deixas escapar um bocado da tua forma de relação com o mundo, do teu ser moldado pelo mundo e de ti enquanto agente interventivo.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Desenhar aprende-se da mesma forma que a escrever e, na verdade, o "alfabeto" e a "gramática" do desenho até é mais simples. A aprendizagem do desenho é, mais do que outra coisa, a educação do olhar, da observação, um exercício de comutação de estados mentais. Quem (re)começa a desenhar parte sempre do sítio em que parou. Tenho tido experiência com pessoas que não desenhavam desde crianças e isso nota-se logo nos primeiros desenhos, depois é tudo uma questão de exercício, de treino e insistência. Quem tem talento, ou vocação ou jeito (chamem-lho o que quiserem) pode atingir patamares de excelência, independentemente da idade. Contudo é a prática que revela o dom e esse dom, que certamente se manifesta nos desenhos, não é mais do que um chamamento energético ao qual não se pode fugir e que se transforma num desafio diário, quase obsessivo, de superação de limites.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Penso que as regras não são muitas, é mais a questão dos cadernos e o desenho no local. Mesmo assim acho que há uma certa flexibilidade que acaba por depender da consciência de cada um. Quanto ao saber desenhar isso é uma questão que se pode

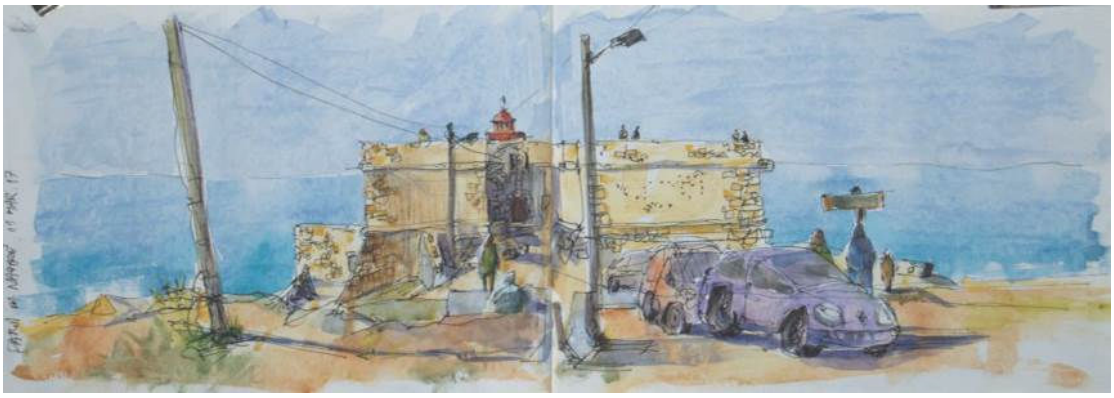
debater: saber desenhar o quê? Cada um desenha o que acha que pode desenhar e ninguém te vem dizer que não sabes desenhar. Podes AINDA não ser capaz de desenhar muito bem, isso é outra coisa. Ninguém me pediu uma prova de capacidade quando comecei a frequentar os grupos de desenho. Os encontros de sketchers são das coisas mais inclusivas e instrutivas que conheço.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

Não sei se me eleva, mas certamente que me altera o estado mental. Tens de por o racional de lado e não dar nomes às coisas que observas, só vês linhas e formas e relações. Não se pensa por palavras e isso é muito agradável.

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

Não tenho a certeza de que desenhar na rua me alargue o conhecimento do mundo, no entanto tenho uma experiência de conhecimento daquilo que desenho, conhecimento no aspecto mais formal e espacial, sobretudo. Enriqueço o meu conhecimento acerca das coisas que desenho, mas mais por via do olhar mais atento a aspectos relacionados com as formas, os volumes, os materiais, etc., mas acho que isso se pode obter sem que tenha que desenhar. Em termos de cultura visual e capacidade de "narrativa" gráfica, isso sim, a prática do desenho no local dá-te uma "bagagem" impressionante.



Desenhos de Observação executados por Augusto Pinehiro



02 Entrevistado

Nome: Ana Barbosa

Idade: 42

Área profissional: Direito

Profissão: Jurista

1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Sempre gostei de desenhar, mas comecei a dedicar-me mais ao desenho de observação após ter participado num encontro dos Urban Sketchers. Em 2012 frequentei um curso de aguarela que o meu marido (que é artista plástico e formador) organizou e ministrou e a partir daí o desenho ficou na minha vida de forma mais permanente.

2- O que te motiva para o desenho?

O desafio, a diversão e o descanso que me proporciona.

3- Desenhas diariamente?

Não.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Não faz parte da minha profissão

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Como hobby

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Embora não seja a minha área de formação, parece-me que é essencial.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Sim. Não só os de arquitetura, mas de muitas outras áreas.

8- O que é para ti o desenho?

O desenho para mim é uma forma de meditar, de poder estar comigo.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Pertenço e acompanho grupos de sktechers, porque gosto do convívio, da partilha e da aprendizagem que se faz em grupo.

10- Como conheceste estes grupos de Sketchers?

Foi um livro sobre os Urban Sketchers que me despertou para o assunto e, depois disso, participei num encontro dos USKP a convite de uma amiga.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Canetas de aparo, marcadores, bloco (para aguarela) e aguarelas em pastilhas.

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Sem dúvida. O desenho altera a forma como olhamos para a realidade à nossa volta, torna-nos mais observadores e cientes do nosso universo.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Qualquer pessoa pode aprender a desenhar, ou seja, com alguma paciência e persistência consegue-se aprender a técnica. No entanto acho que para se ser "artista" é preciso mais qualquer coisa, ou seja, a capacidade de criar e inovar continuamente.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

A principal regra é a disponibilidade para participar.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

Sim, sem dúvida, desde logo porque ajuda a "sossegar" a mente.

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

O desenho compele-nos a parar e VER o mundo com mais detalhe. Diria mesmo que o "nosso" mundo fica maior e mais rico quando desenhamos.





Desenhos de Observação executados por Ana Barbosa

03 Entrevistado



Nome: Ana Luísa Frasão

Idade: 42

Área profissional: Artes e Ensino

Profissão: Profª. Design Industrial / Pintora

http://anagfrazao.blogspot.pt/

1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Não.

2- O que te motiva para o desenho?

O desenho é uma forma de desfrutar do que me rodeia com tempo. Parar para desenhar faz-me sentir bem comigo mesma. Não me preocupa o resultado final, o que me delicia mesmo é o tempo do desenho, quando olho as cores que me rodeiam, a luz, as formas, etc.

3- Desenhas diariamente?

Nem sempre, mas quando não desenho chego ao final do dia e sinto aquele vazio de quem não fez tudo o que queria.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Sim e não. Na altura em que fiz a minha escolha profissional não praticava o desenho de observação como agora. Sou Designer e de forma intrínseca o desenho esteve sempre presente.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Como ferramenta profissional.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Sem qualquer duvida.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Sim, deveria ser uma ferramenta fundamental de expressão.

8- O que é para ti o desenho?

*A melhor forma de **ver e observar** o que me rodeia e, hoje em dia, um meio de viajar e partilhar bons momentos com os amigos.*

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Pertenço às associações: Asociación De Vuelta con El Cuaderno de Zaragoza, Espanha; Associação Urban Sketchers Portugal. Costumo também desenhar regularmente com o grupo de Urban Sketchers de Sevilha e de Santiago de Compostela.

10- Como conheceste estes grupos de Sketchers?

Através da sua divulgação na internet. No DVCC em Zaragoza tenho participado num curso de verão já há nove anos.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Utilizo todo o tipo de materiais desde canetas de tinta permanente, a canetas de pincel, esferográficas, lápis de cor, marcadores de tinta acrílica, colagens, etc. Sou, no entanto, sempre fiel à aguarela e mesmo na rua gosto de utilizar pincéis, as canetas de reservatório não me satisfazem nem consigo os resultados que pretendo. Como suporte faço os meus próprios cadernos normalmente com papel de aguarela satinado de 200gr que admite muito bem as aguadas e todos os outros meios riscadores.

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Sim.

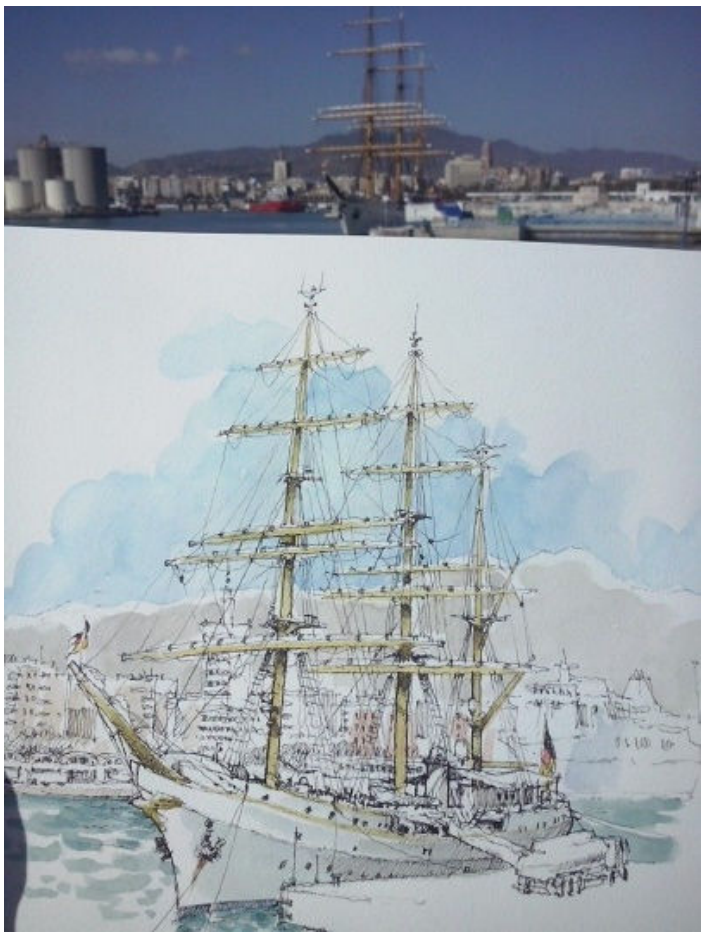
13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Acho que se aprende a desenhar até porque considero que toda a gente sabe desenhar. Claro que há uns que nascem com o tal dom, mas mesmo esses se não o desenvolverem trabalhando todos os dias nunca chegam a evoluir. Entendo, no entanto, que se desenharmos diariamente todos podemos obter bons resultados.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Para mim pertencer a um grupo de desenho é uma forma de estar na vida e disfrutar do meu tempo sozinha ou com os amigos. Pratico desenho de observação em

cadernos desde antes de existirem as "ditas regras" e nunca me preocupei com elas. Pelo que tenho observado tanto em Portugal como em Espanha e em Itália não é necessário saber desenhar para poder pertencer a um dos grupos existentes. Claro que o desenho de um arquiteto:



Luis Ruiz Padrón não é igual ao um desenho de um veterinário



juan maría josa *Ou de um ilustrador:*



Alfredo Gonzalez (prémio Nacional de Ilustración 2017 Espanha)

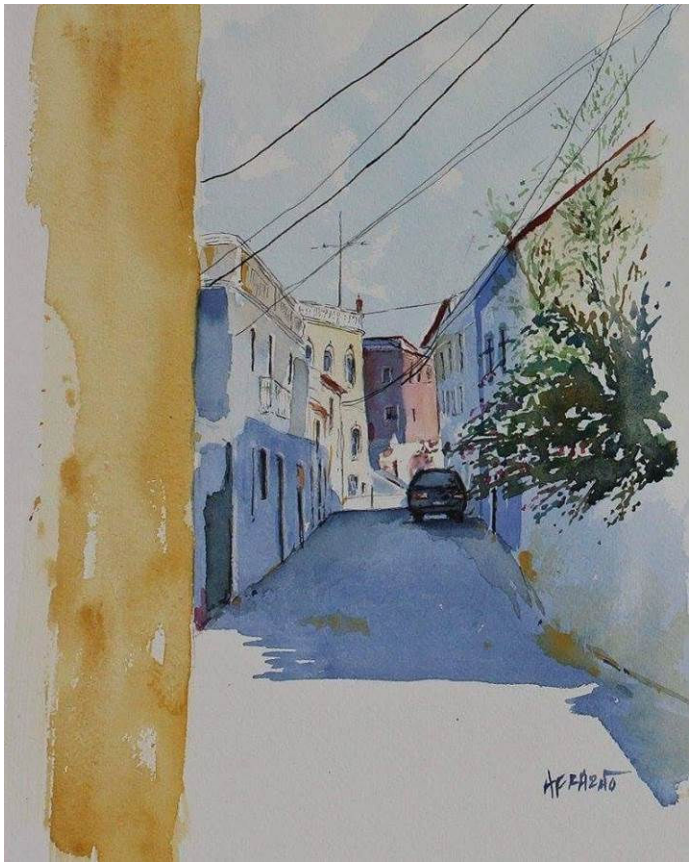
15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

Quando desenhamos a partir de observação directa, temos forçosamente de ver/observar com muito mais rigor do que quando observamos ou recolhemos uma imagem através de uma câmara fotográfica. Por isso adquirimos um conhecimento muito mais detalhado do mundo envolvente.

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

O desenho compele-nos a parar e VER o mundo com mais detalhe. Diria mesmo que o "nosso" mundo fica maior e mais rico quando desenhamos.





Desenhos de Observação executados por Ana Luiza Frazão



04 Entrevistado

Nome: André Duarte Baptista

Idade: 38

Área profissional: Arquitetura

Profissão: Arquiteto

https://andreduartebaptistaarq.blogspot.pt/

1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Não. O meu interesse pelo desenho começou desde cedo, no entanto sempre senti que não teria aquilo que muitos chamam de "dom especial" e que só teria sucesso se trabalhasse muito em busca daquilo que qualquer jovem ingénuo procura: A PERFEIÇÃO. Infelizmente deparei-me quase sempre com professores que me faziam acreditar que a perfeição só se conseguia com a fiel representação de um determinado cenário. Esta busca pela perfeição deixou-me muitas vezes frustrado, afastando-me da paixão que tinha pelo desenho.

No ensino secundário formei-me em Design Gráfico. Durante alguns anos trabalhei como designer gráfico na área da publicidade. Posteriormente, inicio a atividade profissional na área da construção civil, como desenhador e medidor orçamentista. O desenho esteve sempre presente, mas de forma muito insipiente.

Em 2007 decido recuperar um sonho antigo – inscrevo-me no curso de arquitetura na Universidade Lusófona, onde tive a sorte de encontrar dois professores que permitiram a minha reconciliação com o desenho de observação, explicando-me aquilo que hoje encaro como óbvio – ***o desenho é a interpretação que cada observador faz de um determinado espaço – cada observador vê e representa de forma única e irrepetível – "****Fez-se luz" e a partir daí nunca mais abandonei o desenho em caderno, começando a desenhar diariamente, não apenas desenho de observação, mas também estudos/esquissos de ideias para os projetos que passei a desenvolver na disciplina de projeto. Isso devo a esses dois professores de desenho: Sara e Nuno. Não menos importante foi a motivação constante de dois colegas de turma, dois exímios desenhadores: Filipe Oliveira e Luis Martins.*

Foi nos tempos de faculdade, em 2010 que comecei a juntar-me de forma pontual aos urban sketchers de Lisboa, sempre de forma tímida e muito pouco participativa.

A minha referência no desenho em cadernos foi o Eduardo Salavisa, o eterno Desenhador do Quotidiano – desenho em caderno – desenho de observação – desenho sintético – caneta e aguarela. Recordo igualmente outras referências, como João Catarino e Ana Luisa Frazão.

2- O que te motiva para o desenho?

Quando me fazem essa pergunta, recordo-me sempre destas palavras: "Desenhar é, primeiramente, olhar com os olhos, observar, descobrir. Desenhar é aprender a ver (...). Há que desenhar para interiorizar aquilo que se viu, e que ficará então escrito na nossa memória para o resto da nossa vida". Le Corbusier (1887-1965). De forma sintética, explica perfeitamente o aquilo que me motiva no desenho.

3- Desenhas diariamente?

Sim, uns dias mais que outros, mas todos os dias.

7- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Não. Tinha uma enorme falta de confiança nas minhas capacidades de desenho. O Desenho era mesmo o meu calcanhar de Aquiles, pelas razões que referi anteriormente. Felizmente tive professores fantásticos na Universidade, que me abriram os olhos. Comecei com um sofrível "13" e terminei com 18 valores na cadeira de desenho. Devo isso aos professores. Hoje olhando para trás, não tenho dúvidas. O desenho alicerçou o meu sucesso enquanto aluno, tanto na cadeira de projeto, como na tese de mestrado.

8- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Sim, tanto na análise e diagnóstico dos lugares onde intervenho, seja à escala do edifício ou à escala do bairro ou cidade. Privilegio cada vez mais o desenho em detrimento da fotografia. O desenho tem-me ajudado no exercício da minha atividade profissional, durante a pesquisa/investigação, no processo criativo de desenvolvimento de ideias de intervenção e na forma de comunicação. Não tenho a certeza de que a prática diária do desenho me tenha tornado num melhor desenhador, mas tenho a certeza de que o desenho me tem tornado melhor arquiteto, mais observador, mais conhecedor do mundo que me rodeia.

Mas também desenho por hobby, se bem que acredito que um arquiteto, esteja onde estiver, desenhe o que desenhar, nunca desenha por desenhar, está sempre a assimilar, a reflectir, a projectar…

9- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Obviamente. Fico angustiado, quando dizem "ainda desenhas à mão?". Podia dizer muita coisa, mas é tão óbvio, que chega a ser ofensivo…

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Sim, basta analisar a redução das cadeiras de desenho, em número e carga horária. Também neste sentido, a Universidade Lusófona destaca-se pela positiva, pois tem feito um excelente trabalho em apostar no desenho. Saliento o trabalho que a professora Filipa Antunes tem feito pelo desenho de observação, pela sua participação activa com os urban sketchers Portugal e pelo incentivo constante aos alunos para que se juntem aos encontros de desenho. Desde a 1ª edição do Arte ao Centro que a Universidade Lusófona é parceira da Câmara Municipal de Torres Vedras, com a participação de alunos de arquitetura nas oficinas de desenho de rua. É um trabalho meritório que tem de ser reconhecido. É suficiente? Pois, talvez não seja, mas todas as iniciativas somadas farão certamente a diferença na formação dos arquitetos.

8- O que é para ti o desenho?

O desenho para mim, é tudo e nada ao mesmo tempo. Desenhar é para mim, a forma que escolhi para compreender melhor o mundo, para comunicar, para registar momentos, detalhes e ideias, porque afinal, como diria o mestre Álvaro Siza, "O Desenho é o desejo da inteligência."

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Sim, pertenço, acompanho e coordeno. Em 2014 organizo o 1º Arte ao Centro. Após o sucesso deste evento, em maio desse mesmo ano, sou convidado pela Cooperativa de Comunicação e Cultura a criar um grupo de desenho integrado nesta associação: assim nasceu o CCC Sketchcrawl Torres Vedras. Desde então, tenho organizado vários encontros de desenho, privilegiando sempre o património cultural. Em 2015, com Ana Luisa Frazão e Pedro Alves, funda o Oeste Sketchers, núcleo regional dos Urban Sketchers Portugal. Desde 2014 que sou convidado para palestras, tertúlias e Workshops sob a temática do desenho de património, tanto em Portugal como no Brasil. Integrado no Arte ao Centro, que já vai para a 4ª edição, sou responsável pela organização do Encontro Internacional de Desenho de Rua, que privilegia o intercâmbio entre desenhadores portugueses, espanhóis e brasileiros.

Colaboro com a DGPC na organização do (A)Riscar o Património em Torres Vedras. Sou membro dos urban sketchers Portugal e correspondente convidado dos Urban Sketchers Brasil. Faço os possíveis para responder aos inúmeros convites para participar nos encontros de desenho por esse Portugal fora, onde para além da beleza dos lugares, da riqueza da gastronomia, tenho conquistado o fundamental – amigos.

10- Como conheceste estes grupos de Sketchers?

Como referi anteriormente, conheci em Lisboa, quando frequentava o curso de arquitetura. Com o Arte ao centro reforcei a relação com os sketchers de Lisboa, mas tive a oportunidade de conhecer os restantes grupos nacionais, os grupos espanhois e os grupos brasileiros. Em 2014 participei no 5º Simpósio Internacional em Paraty, onde conheci sketchers de todo o mundo. Uma experiência única. De todas as línguas, as mais "falada" foi o desenho – a linguagem universal. De chineses a argentinos, todos se entenderam…

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Privilegio sempre os cadernos. Não sou esquisito, pois uso todos os cadernos que me oferecem, mesmo os de 60 gr. Vou-me adaptando quanto aos materiais riscadores.

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Se olharmos para a dimensão mundial dos urban sketchers, podemos dizer que sim, mas acho isso demasiado pretensioso. Acho sobretudo, que desenhar é uma forma de conhecer o mundo. Uma das minhas paixões é viajar e sempre que desenho em viagens, sinto que "trago mais mundo" comigo.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Apesar de estar sempre a ouvir falar em dons, eu não acredito nisso. Acredito sim, em trabalho, muito trabalho e em que toda a gente pode desenhar, basta querer. Não querendo dramatizar, ultimamente por motivos de saúde tenho-me visto privado de desenhar com a mão direita, tive de me adaptar e começar a desenhar com a mão esquerda. E posso dizer que tenho gostado mais de alguns desenhos com a mão esquerda, pois são mais genuínos, mais depurados. Dom? não acredito nisso.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Geralmente existem regras, mas o essencial é o desenho de observação. Quanto às restantes não me recordo. Gosto pouco de regras, sobretudo numa atividade que é sobretudo um prazer. Quanto à participação, não precisam de saber desenhar. A filosofia que tento implementar no grupo de desenho de Torres Vedras é a seguinte – ninguém sabe desenhar, estamos todos a aprender. Quem desenha um pouco mais tem o "dever" de incentivar quem está a dar os primeiros passos. Ao nível do tratamento, estão todos em pé de igualdade. Todos os encontros são dedicados a quem está a começar.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

Sim, sem dúvida. A fenomenologia despertou a reflexão dos arquitetos sobre a relação entre o ser humano com a arquitetura, através dos sentidos. Esta tentativa de percepção da arquitetura, só é possível, se a entendermos não só pela sua forma, mas por tudo o que a rodeia e transforma. O seu maior valor será provavelmente, a capacidade de nos transmitir a sua singularidade, muito além da forma e da função. A fenomenologia, sendo uma forma de percepção do espaço, não pode restringir-se à sua tridimensionalidade (espaço), é necessário introduzir a 4ª dimensão (tempo): espaço-tempo. Só com o movimento, conseguimos várias perspectivas e uma leitura sensorial e meticulosa do espaço, resultante do contacto directo entre observador e caso de estudo. Esta análise permite, igualmente, conhecer aspectos singulares, como a cor, os revestimentos ou a tectónica. O desenho contribui para essa leitura sensorial dos espaços/lugares.

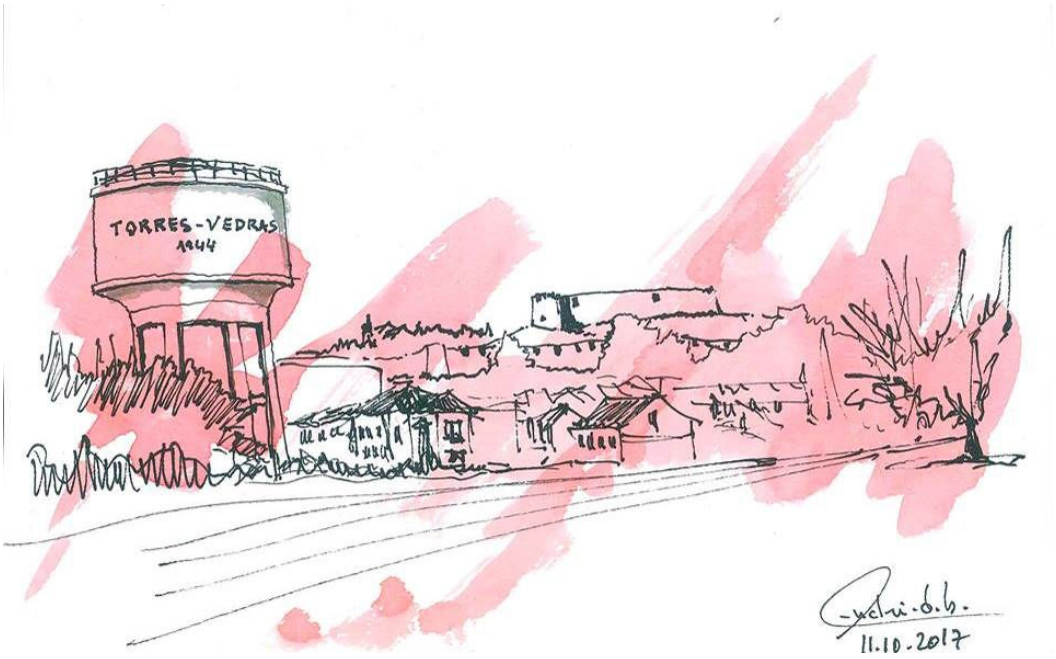
16- Até que ponto o desenhar "fora" no esterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e por consequência enriquecer a cultura visual de cada um?

Desenhar é diferente de fotografar. Desenhar obriga a observar e a compreender o que estamos a tentar representar. O tempo que demoras a observar e a desenhar permite-te estabelecer um diálogo, uma relação entre observador, objecto e o ambiente que nos rodeia. O desenho tem um papel importante nesta forma de percepção e actuação/relação entre arquiteto e Lugar.

Desenhar tem a capacidade de nos enriquecer a nossa cultura visual, não só pelo que desenhamos, mas por tudo o que absorvemos.

17- Como Arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho?

Sim, sem dúvida.





Desenhos de Observação executados por André Duarte Baptista



05 Entrevistado

Nome: António Procópio

Idade: 44

Área profissional: Ensino

Profissão: Professor de Educação Visual

http://antonioprocopio.blogspot.pt/

1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Da maneira como o vejo hoje não. Ao longo da minha carreira de professor, o desenho foi ficando para segundo plano. Em 2013 o desenho volta a entrar na minha vida numa altura em que estava desiludido com a carreira. Foi um escape.

2- O que te motiva para o desenho?

Desenhar devolveu-me a capacidade de parar no tempo e absorver o mundo que me rodeia. Voltar a olhar o mundo com a curiosidade de uma criança e espantar-me com as coisas mais simples.

3- Desenhas diariamente?

Sim. Neste momento o desenho faz parte da minha rotina e é tão natural como respirar ou comer.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Não. Infelizmente não se aposta muito no ensino de desenho nos cursos de ensino para a docência. Mas neste momento é uma ferramenta excecional que utilizo nas minhas aulas.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Desenho principalmente como hobby, mas também como ferramenta profissional.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Sim. Considero que o desenho é uma ferramenta transversal útil em todas as áreas, mas é particularmente importante em Arquitetura.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Sim. O desenho deveria ser uma das ferramentas primordiais em Arquitetura.

8- O que é para ti o desenho?

Desenhar é viajar. É a melhor forma de aprender e compreender o que nos rodeia.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Sim faço parte da Associação Urban Sketchers de Portugal. Neste momento faço parte da sua direção. É um grupo muito heterogéneo tanto na idade como na experiência/formação de desenho. Une-os a mesma paixão, o desenho. Gosto da atitude descontraída em relação ao desenho e do espírito de partilha. É um grupo social muito saudável.

10- Como conheceste estes grupos de Sketchers?

Em 2013 descobri os Urbansketchers por acaso na Internet. Escrevi ao Mário Linhares (um dos responsáveis na altura) a perguntar como poderia aderir. Ele respondeu-me convidando-me para um encontro que iria acontecer no fim de semana seguinte. Apareci no 44º encontro dos Urbansketchers e fiquei encantado. Sou urbansketcher desde esse dia.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Sou um experimentalista por natureza. Gosto de experimentar materiais diferentes e cadernos de vários formatos. Mas uma caneta preta e a caixa das aguarelas andam sempre comigo por ser uma forma prática de registar.

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Para mim é sem sombra de dúvida uma forma de estar no mundo. Quando tenho um problema ou uma decisão difícil desenho. Quando termino de desenhar tenho uma perspetiva diferente que me ajuda a tomar as decisões certas.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Eu sou a prova viva de que não é preciso nenhum dom para se aprender a desenhar. Os desenhadores que conheço trabalham(desenham) muito, alguns desde os 3 anos. É essa a grande diferença. Quem começa agora (com 8 ou com 80 anos) precisa, na minha opinião, de três coisas: ser persistente, ser disciplinado e ser paciente consigo. A última caraterística é talvez a mais importante.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Uma das grandes caraterísticas dos vários grupos que conheço é a simplicidade com que encaram a vida. São pessoas disponíveis para ouvir o próximo e sabem receber os novos muito bem. Não é preciso saber desenhar. Basta aparecerem e serão bem-vindos.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

Sim. Quando desenho perco a noção do tempo. A dimensão espacial é diferente porque tenho os 5 sentidos focados no que me rodeia.

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

Desenhar na rua é tudo. É uma experiência muito rica que nos permite adquirir aprendizagens extraordinárias. É lá fora no mundo que se aprende.



Desenhos de Observação executados por António Procópio

06 Entrevistado

Nome: Arqto Manuel Latino Tavares

Idade: 73

Área profissional: Arquiteto

Profissão: Arquiteto, fundamentalmente restauros e recuperações de edificios alguns classificados.



1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Sim, sempre tive alguma queda e gosto pelo desenho, quer na Escola quer no Colégio ou em casa. Foi a minha Mãe que me incutiu o gosto pelo desenho.

2- O que te motiva para o desenho?

Não sei bem explicar. É um passatempo, é um lazer, é uma ocupação que nos dá prazer.

3- Desenhas diariamente?

Não, acho que nunca tive tempo para isso! Não contando, é claro, quando se está a projectar. Isso não conta!

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Sim, em princípio nem pensava em tirar o Curso de Arquitetura. O meu pai tinha uma Herdade em Abrantes que fez parte de toda a minha juventude, e eu pensava tirar o curso de Agronomia, para lá poder viver e trabalhar. Mas com a sua venda fui obrigado a mudar de planos o que me levou então para a Arquitetura.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Desenho com ambas as intenções. O desenho enquanto hobby é um passatempo descansativo, que me ajuda a combater o stress e a limpar a cabeça.

E também como ferramenta profissional, porque:

- Nos anos 60 não havia computadores.

- Todos os projetos levavam uma ou duas perspectivas feitas à mão.

Ainda estava a meio do curso e já eu e todos os meus colegas trabalhávamos em Ateliers de Arquitetura. Só não tabalhava quem não queria. O meu 1º patrão assim

que percebeu que eu sabia desenhar bem, passou-me a incumbência de fazer todas as perspectivas necessárias para os projetos em estudo.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

É sem dúvida, embora conheça bons arquitetos, que não sabem fazer um desenho!!!Não consigo começar a idealizar um projeto, a conceber uns volumes, sem começar a rabiscar numa folha perspectivas, plantas ou alçados.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Claro é fundamental. No meu tempo, estou a falar de 1962 a 1968, logo no 1º ano numa cadeira da qual já nem me lembro do nome, o professor obrigava-nos a desenhar num bloco A4, e todas as semanas esse bloco era vistoriado.
Mais tarde entre 1976 e 1984 fui Assistente da Cadeira de Projeto, ainda fiz algumas deambulações por Alfama com os meus alunos. Não é aceitável que um arquiteto não se consiga exprimir ou trocar ideias por intermédio de desenhos com o cliente ou com um mestre de obras !

8- O que é para ti o desenho?

Desenhar é um tempo bem passado, mas também viciante e tranquilisante. Eu levo sempre um pequeno bloco. Se puder desenho senão puder não desenho. Muitos amigos meus convidam-me, mas dizem logo ..."mas não trazes o caderno! " Mas quando no Natal ou no Aniversário lhes dou uma aguarela da casa ou da quinta, todos adoram! E é uma prenda barata! O desenho é sem dúvida o meu passatempo preferido.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Sim, pertenço desde 2011. Pertenço porque acho interessante compartilhar experiências e conviver com outras pessoas
que gostam do que eu gosto. Fico fascinado com a facilidade com que alguns desenham e pintam muito melhor do que eu.
Por outro lado, também gosto de ajudar e explicar algumas regras simples sobre prespectiva.
Nota. Nos primeiros anos do meu Curso de Arquitetura tive uma cadeira de Teoria de Sombras e Prespectivas, além de 2 anos de Geometria Descritiva!!!

10- Como conheceste estes grupos de Sketchers?

Foi através de um amigo meu que é pintor e que conhecia os USK mas que nunca se interessou por isso!? Foi ele que me indicou/ apresentou o Eduardo Salavisa e o Mário Linhares.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Bem eu infelizmente desenhava em qualquer papel que me aparecesse à frente!!! Mas não o aconselho a ninguém!

Porque já me aconteceu mais do que uma vez o desenho ficar muito bom numa folha inacreditável!!! E depois!??

Neste momento compro folhas de papel Canson de 300gr. e faço os meus cadernos furando as folhas aonde meto argolas.

Desenho com lápis ou com caneta conforme a finalidade. Se é para fazer uma aguarela como deve ser uso o lápis.

Se estou a fazer um Levantamento Arquitectónico uso sempre uma Bic preta. Por vezes quando estou mais confiado e os desenhos saem mais espontaneamente, mais soltos então uso uma caneta.

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Claro que é. É um ponto de vista como qualquer outro. É uma forma de dialogar e de se entender com qualquer outra pessoa.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Acho que dizer que não é preciso ter jeito para desenhar não é verdade. Porque quem não tem jeito também não gosta.

Mas por outro lado a perseverança ajuda muito!! Era por isso que os meus professores nos mandavam desenhar para a rua. Dou mais um exemplo, o meu neto mais velho, com 11 anos, não gosta de desenhar e não tem jeito. Mas a minha neta mais nova, com 8 anos tem jeito e adora desenhar e pintar e delira com a minha gaveta cheia de tudo, lápis, canetas, lapiseiras, borrachas, x-actos compassos, transferidores, réguas, esquadros, escantilhões, etc. etc.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Não existem regra apenas se tem que desenhar " in loco". Muitos levam os filhos que também desenham conosco.

Muitos deles, não os filhos, mas os próprios USK não teêm muito bem a noção de desenho de arquitetura, isto é, perspectivas, sequência de planos de fundo, graduação de pormenores, sombras próprias e projectadas, etc. Mas divertem-se e desenham e o que interessa.

A principal regra é a disponibilidade para participar.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

Não tenho a certeza, mas acho que sim. Adoro uma boa paisagem mesmo urbana, um bonito pôr do sol, o silêncio de uma montanha, o barulho do mar, o uivar do vento, a solidão contemplativa e o sentir da natureza por si própria.

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

É uma pergunta com uma resposta óbvia. Se eu não for para a rua desenhar, não consigo perceber as diferentes formas de construir, de ocupar, de viver, os costumes, as tradições, etc...

17- Como Arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho?

Sim claro, quando inicío um projeto, começo primeiro por tentar entender o local em que se insere. Sentir como funciona o ambiente que o rodeia. Depois sonho muitas vezes com a solução e só então é que a começo a passar para o papel, a rabiscar uns volumes, a conseguir um organograma que compatibilize o programa pedido com o local e a envolvente.





Desenhos de Observação executados por António Latino Tavares

07 Entrevistado

Nome: Bruno Miguel Apolinário Vieira

Idade: 38

Área profissional: Arquitetura e Urbanismo, Regeneração Urbana.

Profissão: Arquiteto, ocasionalmente Ilustrador



1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Não. Passei por fases completamente ausente de qualquer tipo de desenho. A minha relação com o desenho é complexa, uma relação amor/ódio em reabilitação.

Neste momento, considero que até o desenho de observação, possui uma interpretação muito pessoal, resulta mais das nossas emoções, concentração, inteligência, ideias abstractas/conceptuais e método do que do mundo exterior, este acaba por ser um pretexto para nos descobrirmos e conhecermos os outros.

2- O que te motiva para o desenho?

O me motiva actualmente é o acto de desenhar, o simples rabiscar, o "desligar" do mundo por momentos e a surpresa do resultado quando se experimentam diferentes técnicas sem grande exigência metódica.

3- Desenhas diariamente?

Não, desenhava quase anualmente ou com menos frequência, procurei integrar os urban sketchers para desenhar mais, lentamente fui passando dos desenhos mensais, a semanais e agora em certas alturas quase diários.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Sim, era para mim uma forma de conhecer e aprender, explorar a atenção ao detalhe.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Sim, actualmente, também por alteração do panorama profissional, voltei a usar o desenho como ferramenta de estudo onde a observação se mistura com o desenho conceptual e o desenvolvimento de ideias na ilustração beneficia através do desenho

"in loco" compreender melhor a escala de um espaço, dimensionar de forma mais realista uma representação torna-se mais intuitivo.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Sim, o desenho é a estrutura base para a perceção de varias dimensões, físicas e sensoriais, o acto de desenhar é um acto de simplificação e tradução, de contar uma história, transmitir uma melodia, etc. Fundamental em Arquitetura.
Desenhar revela algo primordial oculto no ruido de formas, acho que tem o potencial de revelar o belo, o que nos transmite emoção ou surpresa, que nos envolve.
Implica interpretação e revelação pessoal e transcende o grafismo técnico, é base de toda a arte... também porque acredito na transversalidade das diferentes variantes artísticas, onde uma melodia pode converter-se em arquitetura assim como uma sinfonia pode traduzir-se em pintura. Interliga elementos, espaços, artes e pessoas, comum à estrutura do conceito que tenho de Arquitetura.
O processo de desenhar também alerta para o detalhe, a compreensão e treina a concentração.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Claro. Acho que as ferramentas de desenho técnico digitais ocupam um peso central na produção de imagem gráfica e sem orientação, tendem a ocultar uma vertente muito importante do desenho na Arquitetura, o desenho livre como geratriz de conceitos e ferramenta essencial para a percepção de espaços, elementos e relações.

8- O que é para ti o desenho?

O meu conceito de desenho sofreu metamorfoses. Desenhava muito em pequeno, tinha sobras de uma tipografia para gastar e riscava muito, inicialmente a partir da imaginação, era um processo de exploração. Começou por ser uma forma de compreender o que me rodeia, lembro-me de descobrir a perspetiva cónica ainda nem sabia o que era. Com o Secundário acabei por associar o acto de desenhar a algo de extrema concentração, atenção e cuidado, o desenho ganhava aos poucos grande exigência mental e emocional, pressão e exigência. Depois evoluiu para algo mais metódico com a arquitetura e ilustração, baseado mais no grafismo e representação final. Por fim, com influencia dos Urban Sketchers e integrando o

grupo Oeste Sketchers torna-se cada vez mais importante como acto de desenhar e desligar, cada vez menos como resultado final, mesmo que por vezes ainda seja um campo de exploração, compreensão e concentração. Actualmente possui um significado muito mais abrangente e transversal, fazendo a ligação entre pessoas com diferentes perspectivas e fomentando amizades.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Faço parte da organização do Oeste Sketchers e acompanho quando me é possível, os encontros dos Urban Sketchers PT, permite ir conhecendo e partilhando olhares diferentes sobre o desenho, possibilita uma aproximação diferente a lugares e situações. Incentiva e desafia a explorar temas muito diversos assim como técnicas gráficas e materiais de expressão plástica.

10- Como conheceste estes grupos de Sketchers?

Quando residia em Lisboa vi uma reportagem sobre os Urban Sketchers e achei interessante, ainda tentei participar em alguns encontros, mas por circunstancias alheias acabei por me dedicar sempre mais à fotografia colocando em segundo plano o desenho. Quando voltei a Torres Vedras, descobri que existia um grupo de desenho local, o CCC Sketchcrawl TV, orientado pelo André Baptista e resolvi participar, aos poucos fui participando cada vez mais e conhecendo mais sketchers, até mais tarde acabar por integrar a organização do Oeste Sketchers, o grupo regional da Associação Urban Sketchers Portugal.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Uso principalmente canetas de tinta permanente e aguarelas com diversos tipos de pinceis, também gosto de canetas pincel pretas ou marcadores.

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Sinto que é uma forma de ver o mundo, mesmo que não chegue ao papel/suporte, permite explorar o que é invisível. Confesso que cada vez mais o utilizo como uma forma de me abstrair do que me preocupa e descontrair, algo impensável há alguns anos atrás

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Não acredito que exista Dom. Depende do interesse que alimentamos quando somos novos, este pode surgir por oportunidade, influência, ambiente, etc.
Os caminhos podem ser muito diferentes, por harmonia ou oposição.
Nunca casa onde não se partilha musica, o interesse poderá surgir mais tarde por oposição, reposição de algo em falta e descoberta. Nunca casa onde existe bastante material de desenho e incentivo artístico, torna-se mais comum que uma criança use o seu tempo em atividades de desenho, desenvolvendo capacidades interpretativas visuais em vez de musicais, inconscientemente desenvolvendo um "Dom". Independentemente do interesse focado que possa ser explorado em criança, se um adulto conseguir manter-se interessado e despender tempo suficiente, pode dominar técnicas e conceitos de desenho. Acho que para um adulto, o maior problema é a renovação de interesse, o equilíbrio no nível de desafio, nem muito alto, nem muito baixo e a destreza mental, algo que numa criança está muito mais predisposta a aprender, a descobrir e com muito menos exigência.
Também se aprende a desenhar, tanto pela parte teórica visual como pelo tipo de material, cada técnica tem as suas especificidades, desafios a serem descobertos.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

São acessíveis, a ideia é partilhar e arriscar independentemente do "background" de cada um.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

Às vezes, depende muito da abordagem, pode ser mais racional/metódica ou sensorial/ emotiva.

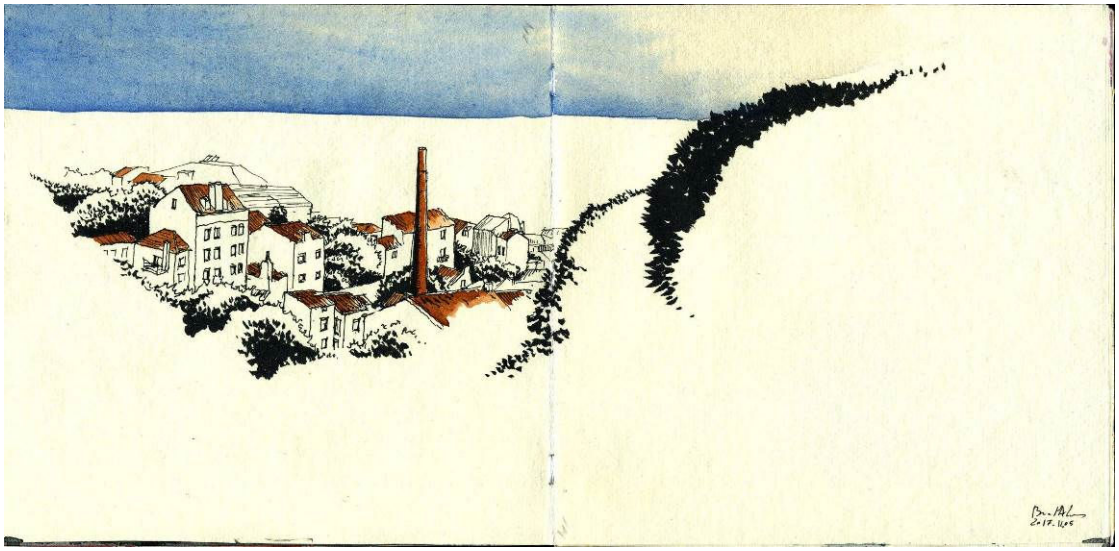
16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

Permite sentir melhor as relações de espaço, de atmosfera, o que nos chega pelos sentidos, independente do que conhecemos mentalmente, o exterior surpreende sempre o que temos de desenho preconcebido mental. Enriquece tanto pela vertente física visual como pelos sistemas dinâmicos que com ela interagem, tudo o que está em movimento, se sente, mas não se vê e influencia. Como exemplo mais extremo, como William Turner chegou a estar preso a um barco para sentir a tempestade e mais tarde poder transportar essa visão para a tela.

Como na Literatura e na arte em geral, é preciso viver momentos para os podermos transmitir plenamente, impossível pintar ou escrever de amor sem nunca ter amado.

17- Como Arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho?

Como Arquiteto e Urbanista, considero o desenho essencial na estrutura principal de qualquer projeto, na fase de diagnóstico e interpretação de um local, na fase de conceção de conceitos e relação entre elementos/espaços, assim como na criação de ambientes e percepções sensoriais.





Desenhos de Observação executados por Bruno Vieira

08 Entrevistado



Nome: José Clewton do Nascimento (Jota Clewton)
Idade: 50
Área profissional: Arquitetura
Profissão: Arquiteto, Professor do ensino superior, (Arquitetura e Urbanismo)

1- O desenho sempre fez parte da tua vida

Até onde me recorde, comecei a desenhar por volta de 10 anos. Desenhava personagens das histórias em quadrinhos que lia (fazia cópias). Depois passei a ampliar o universo de imagens registradas. Passei a desenhar figuras humanas. Somente quando comecei a cursar Arquitetura e Urbanismo (1986/87) passei a ter a cidade como objeto de apreensão e registro.

2- O que te motiva para o desenho?

De uma forma predominante, é o ato de observar, comprrender, entender o o bjeto a ser desenhado (em qualquer que seja a escala: do detelhe aos grandes panoramas). O ato de observar e interpretar o objeto a partir deste olhar é também o que me instiga.

3- Desenhas diariamente?

Não. Mas desenho regularmente.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Sim. Antes de entrar no Curso de Arquitetura e Urbanismo também fiz um curso secundário técnico na Escola Técnica Federal. O curso técnico complementou a dimensão artística.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Desenho também como ferramenta profissional. Aliás ultimamente tenho aliado esses dois aspectos: os meus desenhos são utilizados como linguagem / trepresentação / ilustrações em minhas aulas (sou professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, área de Teoria e História da Arquitetura).

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

No meu entender sim, pois torna-se um canal de interpretação acerca da apreensão do espaço, bem como o uso do desenho em processos de concepção possibilitam a contrução de um quadro de registros / memórias que auxiliam no processo de criação

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

No meu entender sim, pelas razões apresentadas no item anterior.

8- O que é para ti o desenho?

O desenho é uma forma de ver o mundo e por conseguinte, do estabelecimento de um diálogo, e de uma postura frente o que constitui este mundo.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Pertenço ao grupo "Urban Sketchers Brasil", em sua correspondência "Urban Sketchers Natal". Atualmente sou um dos coordenadores do USK Natal.

10- Como conheceste estes grupos de Sketchers?

Fui apresentado por um amigo (Marcos Bandeira, dos USK Fortaleza). Na ocasião, o Marcos Bandeira me pôs em contato com o Eduardo Bajzek, de São Paulo, que à época era coordenador do USK Brasil. Desde então sou correspondente de Natal na página USK Brasil.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Geralmente cadernos tipo Moleskine, ou folhas avulsas de papel Canson. Por vezes, desenho também em guardanapos (já fiz inclusive exposições utilizando guardanapos como suportes).
Utilizo canetas hidrográficas de vários tipos (Micron, Staedtler, Unipin), em cores preto, azul e vermelho.
Utilizo frequentemente marcadores à base de alcool.
Utilizo também grafites, principalmente os de ponta mais mole (de 2B a 9B).
Também utilizo lápis de corres aquareláveis (caran d'ache, Rembrandt).

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Sim. Uma forma de "ver" e "estar" no mundo. Observar, interpretar, e consequentemente, Criar.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Desenhar requer prática, experimentar, experenciar. Considero, portanto, que desenhar envolve tanto "bagagem", ou o que se traz de conhecimento prévio, aliado à prática. Muita prática" (Ar)riscar é o meu lema.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Não existe regras. É democrático. Como afirma Eduardo Salavisa, "não somos desenhadores perfeitos".

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

Certamente. Estimula todos os sentidos. Constroi memórias.

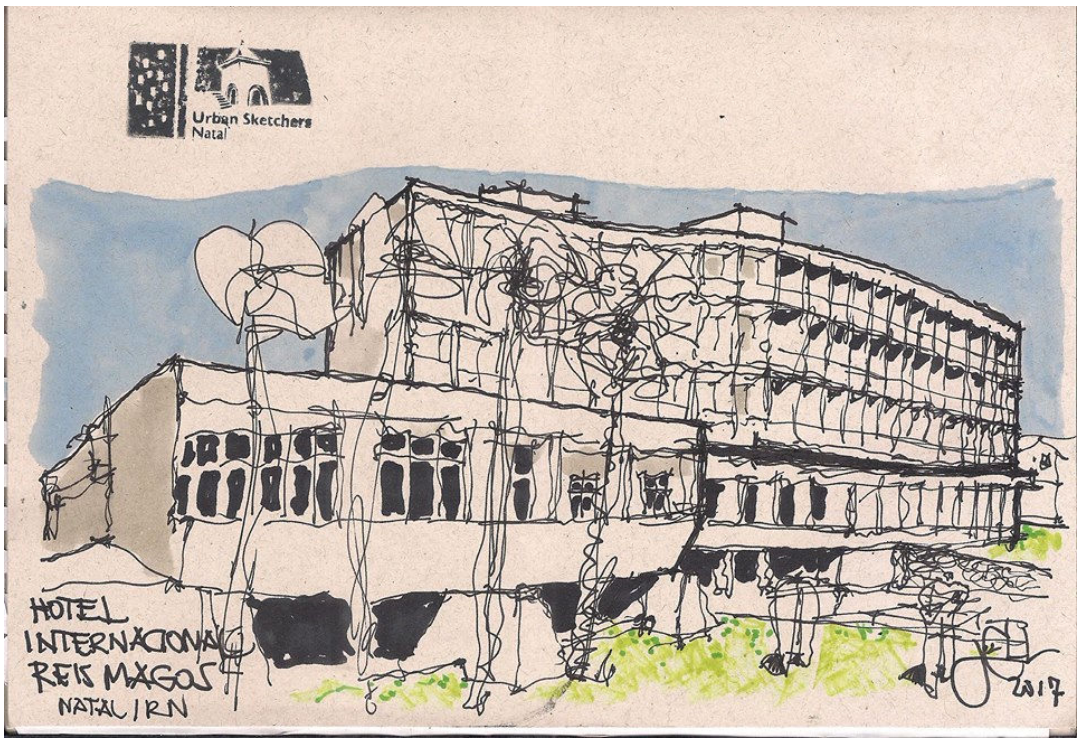
16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

Conforme já observei, desenhar possibilita, pelo observar, a construção de um quadro referencial. Ao desenhar o objeto, você "adentra" o seu universo, a sua lógica. Desenhar "fora" no exterior, portanto, possibilita a construção desse quadro referencial.

17- Como Arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho?

Sim, pelo que já expus anteriormente (possibilita a apreensão / conhecimento do objeto, a partir da observação; e possibilita um quadro de memórias que auxilia no processo de concepção projetual).





Desenhos de Observação executados por Jota Clewton

09 Entrevistado

Nome: Daniela Zavisas Hladkyi

Idade: 34

Área profissional: Arquitetura e Urbanismo

Profissão: Arquitecta, Urbanista, Docente.



1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Desenho desde criança, mas foi na adolescência que o desenho me cativou e busquei uma profissão que pudesse relacionar-se a ele: a arquitetura. Durante a faculdade minhas habilidades foram melhor desenvolvidas no desenho, tanto o de observação, quanto o técnico e projetivo. Depois de formada e de alguns anos de trabalho voltei a desenhar motivada por encontros do grupo Urban Sketchers do qual faço parte desde 2014.

2- O que te motiva para o desenho?

A liberdade de escolha e de expressão.

3- Desenhas diariamente?

Não, mas desenho com certa frequência semanal.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Sim, foi um dos laços iniciais com uma atividade recreativa como o desenho que me incentivou a entrar para primeiro para o segmento da arquitetura e depois seguir carreira acadêmica (mestrado e docência) na área de representação gráfica.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

As duas coisas. Desenho profissionalmente, projetos de arquitetura, interiores e paisagismo, ensino a desenhar em cursos profissionalizantes e desenho por hobby, para expressar ideias e registrar cenas do cotidiano.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Com certeza, mais que uma ferramenta é também uma linguagem e expressão do arquiteto.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Sim. Não só os de arquitetura, mas de muitas outras áreas.

Deveria ter incentivo sempre, não apenas em aulas de desenho e projeto, mas também no aprendizado de outras disciplinas. O desenho pode facilitar o aprendizado por meio da vivência e do registro de espaços visitados, pode capturar instantes de nossa percepção espacial e também o desenho pode gerar novas iformações no processo de projeto.

8- O que é para ti o desenho?

O desenho é algo dinâmico e versátil: é ferramenta, linguagem e expressão, que permite o registro e também o novo por meio da criação.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Pertenço ao grupo Urban Sketchers (internacional), onde sou correspondente do grupo local Urban Sketchers São Carlos (Brasil). Também acompanho as atividades da comunidade SketchCrawl. Pude ingressar no grupo em 2014, quando houve o Simpósio Internacional de Urban Sketching em Paraty, no Brasil, e auxiliei a comissão organizadora do evento. Essa experiência intensa me colocou em contato com desenhadores do mundo todo, diversas técnicas expressivas e me inspirou a voltar a desenhar com mais frequência.

10- Como conheceste estes grupos de Sketchers?

Desde que ouvi falar do grupo Urban Sketchers, tive curiosidade e quis fazer parte. Antes mesmo de participar de algum encontro presencial já acompanhava o grupo virtualmente. O primeiro encontro presencial que participei foi o Simpósio Internacional de Urban Skecthing em Paraty, Brasil em 2014

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Caderninhos de diversos tamanhos e formatos, um pequeno estojo de pastilhas de aquarela, alguns poucos pincéis, pincel com reservatório de água, caneta nanquim e lápis grafite.

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Acredito que sim, é uma forma de presenciar e absorver o entorno, o cotidiano.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Acredito que há uma vontade que se aflora desde pequeno, mas aprende-se a desenhar e, quanto mais desenhamos, mais desenvolvemos nossas habilidades.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Cada grupo possui suas regras, seu manifesto. Estes geralmente são acessíveis. Saber desenhar é relativo. Acredito que seja necessária a vontade de desenhar, mais que saber desenhar. Os grupos não pretendem oferecer aulas e cursos de desenho, mas promover o encontro de pessoas que gostam de desenhar em locais potencialmente interessantes. São abertos a quaisquer suportes e técnicas, qualquer nível de desenho e propiciam o encontro em locais que geralmente não iríamos sozinhos.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

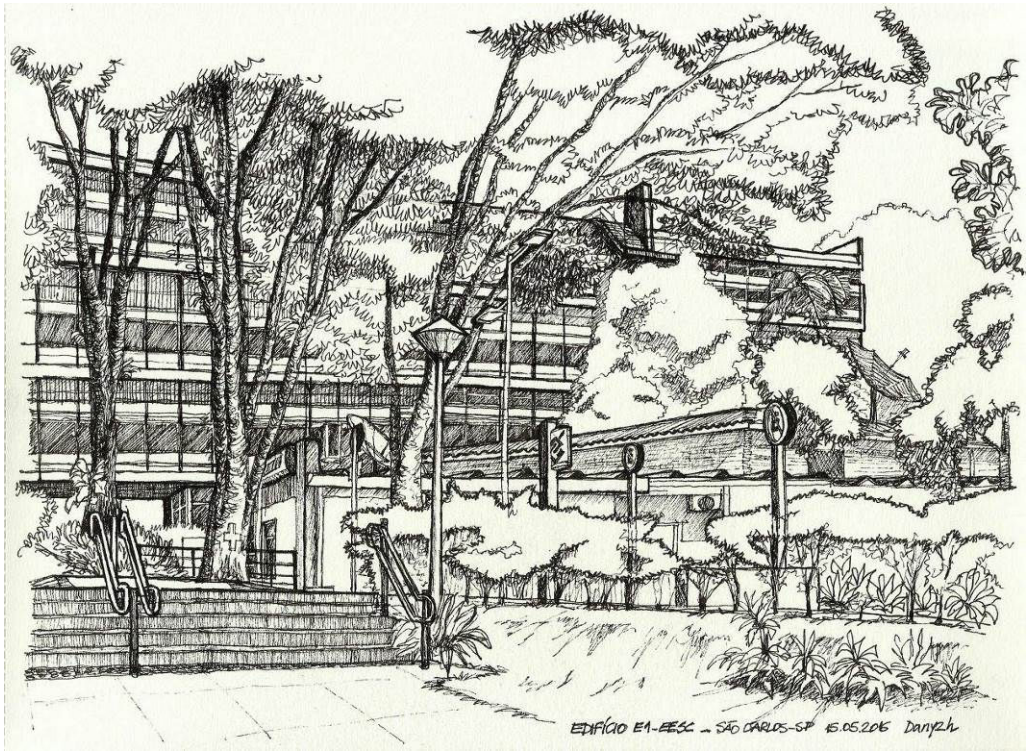
Sim, desenhar desenvolve sensações e habilidades em ler e registrar o espaço. Quanto mais desenhamos, mais aguçamos nossa sensibilidade e nossa expressão.

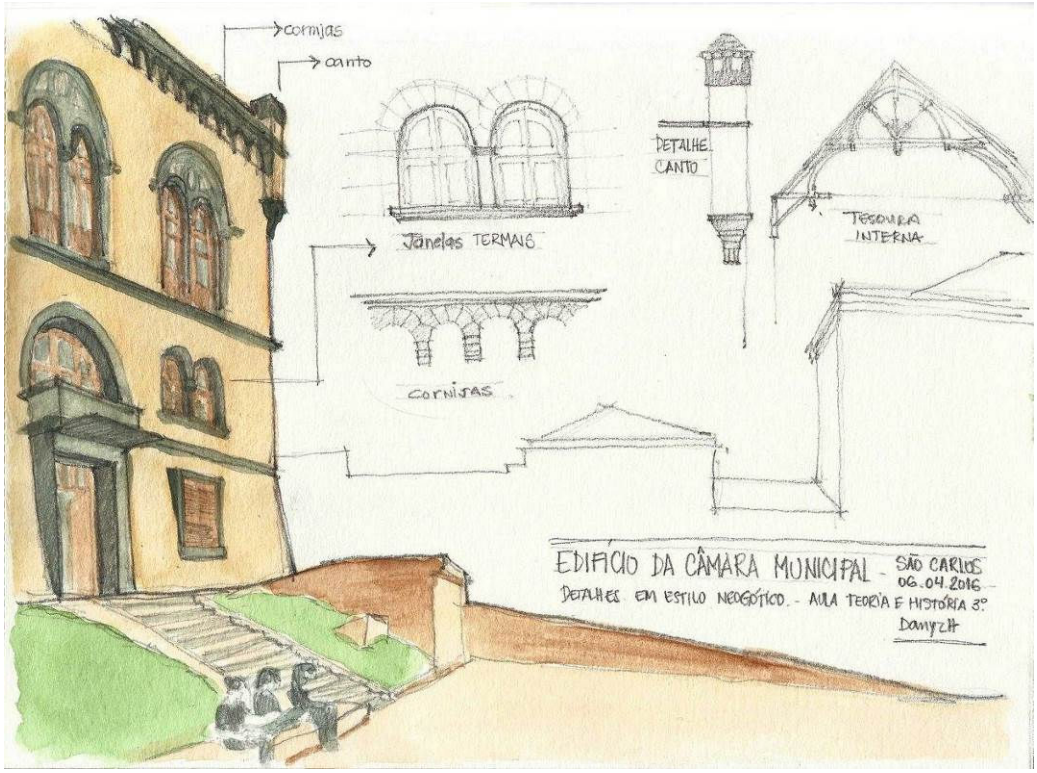
16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

Oferece a experiencia real do mundo vivido, oferece aprender pela mediação do espaço construído e da história nele impregnada.

17- Como Arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho?

Sim, o desenho oferece suporte ao meu pensamento projetivo arquitetônico. O desenho é a base que registra esse pensamento, mas que também cultiva novas possibilidades a partir desse registro, interferindo novamente no pensamento inicial. Faz parte do dinâmico processo de projeto, com suas indas e vindas.





Desenhos de Observação executados por Daniela Zavisas Hladkyi

10 Entrevistado

Nome: Eduardo Bajzek Barbosa

Idade: 42

Área profissional: Arquitetura

Profissão: Arquiteto, desenhador e ilustrador

http://ebbilustracoes.blogspot.pt/



1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Sim, quando pequeno, coloria os desenhos que meu pai fazia para mim. Depois, já adolescente, desenhava sozinho ou com um colega da minha rua. A escolha da faculdade de arquitetura veio, principalmente, por esse interesse e prazer em desenhar.

2- O que te motiva para o desenho?

O prazer de tornar aquilo que está no campo da mente, ou da visão, palpável. Conseguir capturar a realidade através do desenho.

3- Desenhas diariamente?

Praticamente todos os dias.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Foi determinante.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Ambas as coisas.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Não, é apenas uma ferramenta. É importante, mas não primordial. Um bom arquiteto não precisa, necessiariamente, desenhar bem. Precisa apenas ser capaz de transmitir suas ideias através de qualquer ferramenta gráfica.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Tenho visto as faculdades de arquitetura exigindo o desenho a mão livre ainda. Mas devido às facilidades de acesso às ferramentas digitais, os estudantes estão cada

vez mais afastados do desenho tradicional. Permanecem desenhando à mão apenas aqueles que gostam.

8- O que é para ti o desenho?

O veículo pelo qual me relaciono com o mundo.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Fui fundador do USK Brasil e administrador por alguns anos. Hoje apenas acompanho os grupos localmente e através da internet.

10- Como conheceste estes grupos de Sketchers?

Conheci o Sketchcrawl em 2007/2008 e o USK algum tempo depois, através da indicação de amigos.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Grafite, markers, aquarela, lápis de cores, nanquim.

12-Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Para mim, desenhar é uma forma de me comunicar, de pertencer, de me relacionar e de ganhar dinheiro.

13-Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Aprende-se. O dom, acredito eu, é o da paciencia. E talvez a habilidade de enxergar e compreender aspectos do mundo fisico como a tridimensionalidade.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Não é necessário saber desenhar, mas as pessoas que não tem nenhuma experiencia podem sentir-se desmotivadas pela presença de pessoas treinadas e até profissionais. Permanecem aqueles que realmente gostam.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

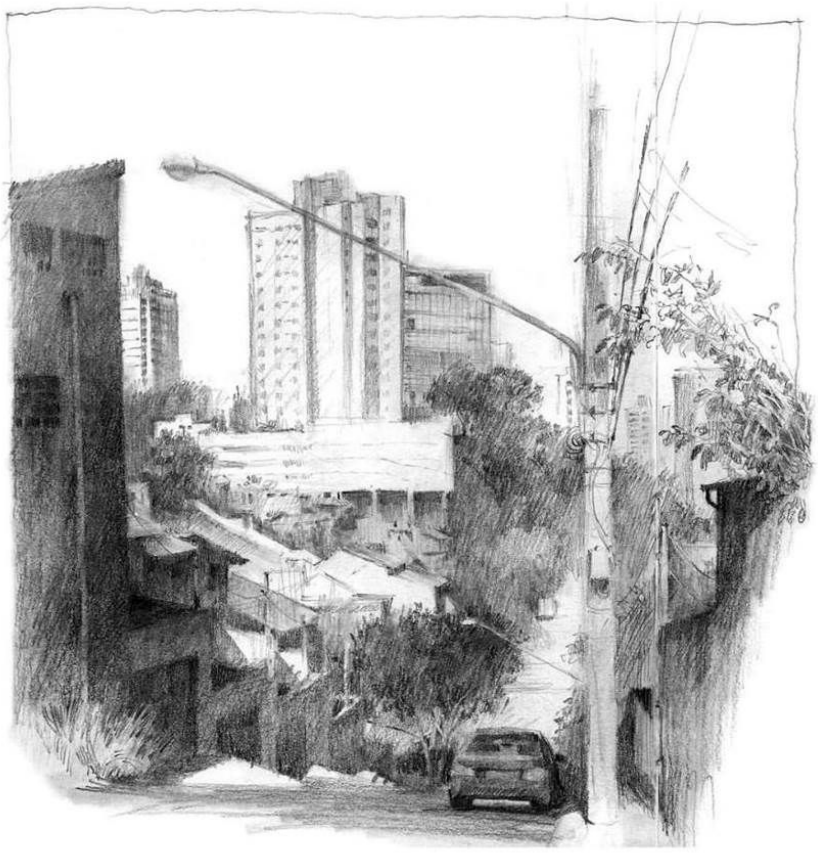
Sem dúvida o desenho traz consigo um aumento da capacidade de concentração, uma percepção apurada que chega a atingir a introspeção e a intuição.

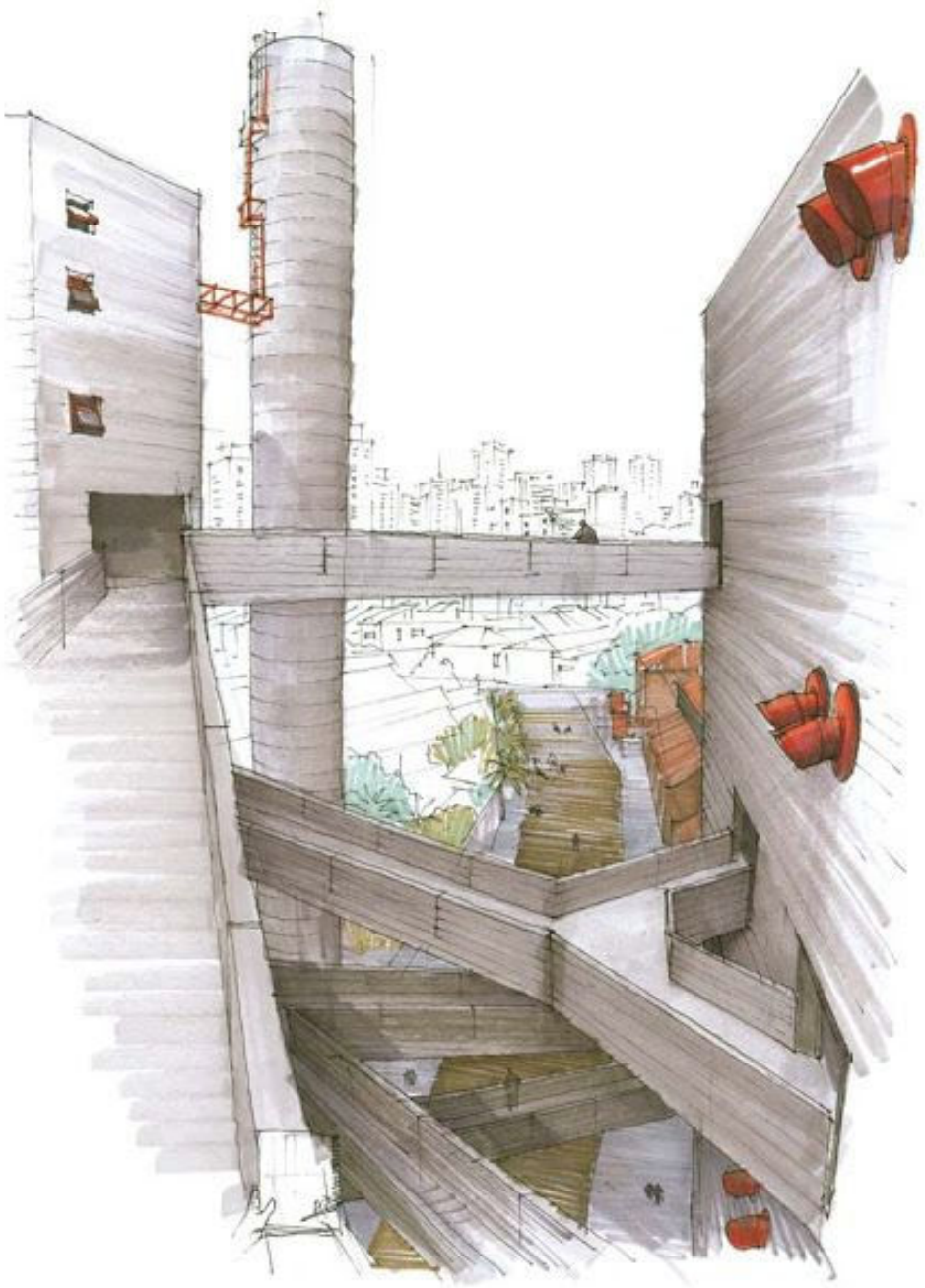
16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

Ao fazer um registro gráfico, a desenhista captura diversos aspectos do local, como sons, cheiros, tato, além da percepção visual claro. Essa intensidade de sentidos reforça a imagem mental da cena, que será registrada na memória. O desenho é, certamente, uma forma mais completa de registro para os arquitetos e artistas, que a fotografia, pois o desenhador necessita compreender tudo o que está em sua visão.

17- Como Arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho?

Sou arquiteto, embora não atue como tal. Mas sempre que tive que realizar projetos, necessitei desenvolver as ideias através do desenho. Sempre que preciso realizar algo que necessite um esforço intelectual, preciso de um papel e uma caneta, quer seja para desenhar, quer seja para tomar notas, escrever, rabiscar.





Desenhos de Observação executados por Eduardo Bajzek

11 Entrevistado

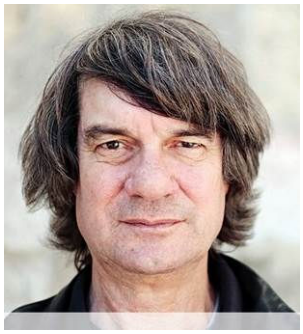
Nome: Eduardo Salavisa

Idade: 66

Área profissional: Ensino

Profissão: Ilustração

http://diario-grafico.blogspot.pt/



1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Teve altos e baixos.

2- O que te motiva para o desenho?

Principalmente as memórias.

3- Desenhas diariamente?

Frequentemente.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Sim. Licenciei-me em Design de Equipamento, que exerci parcialmente, fui professor de Artes Visuais e, neste momento, continuo a ensinar a desenhar e faço ilustração.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Neste momento é a minha principal atividade, profissionalmente e nos tempos livres.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Acho que é fundamental.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Não sei neste momento qual a importância que cada escola dá ao desenho, mas penso que deveria ser dada a maior das prioridades.

8- O que é para ti o desenho?

É uma ferramenta para pensar, perceber, analisar o que vemos e guardarmos a memória daquele tempo.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Pertenço aos Urban Sketchers e USkP (ambos desde o princípio). O desenho é uma atividade solitária e é gratificante conhecer outras pessoas com o mesmo interesse.

10- Como conheceste estes grupos de Sketchers?

O primeiro convidou-me para o integrar quando foi formado e o segundo fui dos iniciadores.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

O suporte é o caderno, que acho que é fundamental para o desenho de rua pela sua facilidade de transporte e pela intimidade que proporciona, o material é a caneta e a aguarela.

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

O desenho tem o factor tempo, o tempo que demoramos a fazê-lo, e quem está nos sítios (no mundo) com tempo, está de um modo particular.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Aprende-se a desenhar, desenhando, observando e percebendo como as coisas são, experimentando, vendo como os outros resolvem. O "dom" aparece quando menos esperamos.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

A única regra que existe diz respeito aos desenhos terem que ser de observação feito no local (não a partir de fotografias). De resto é o mais inclusivo possível.

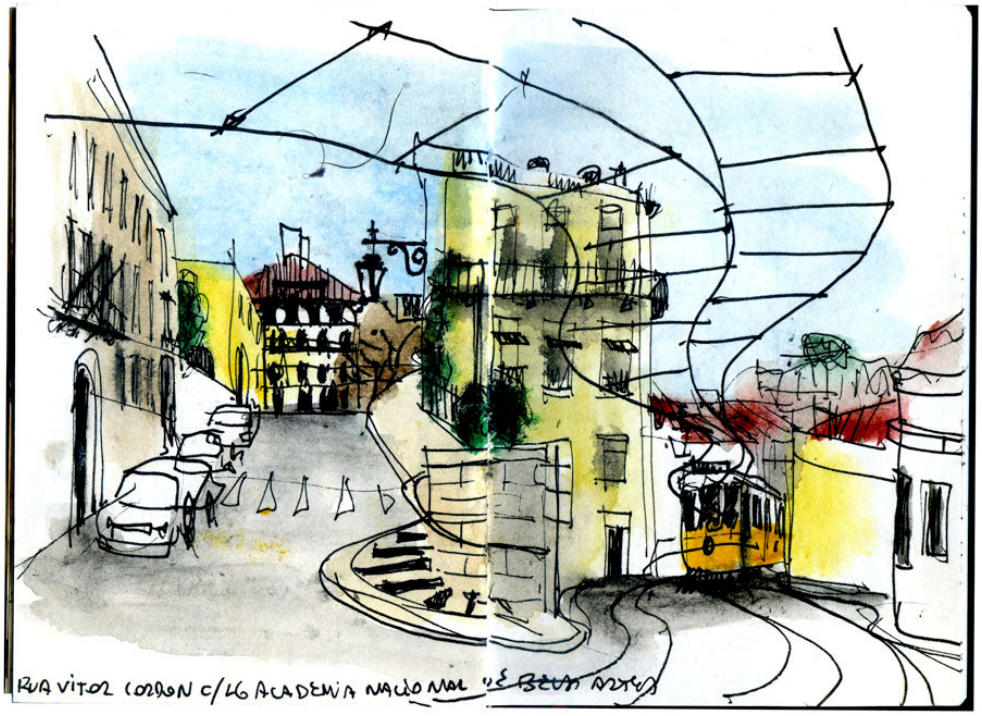
15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

Sim, quando estamos a desenhar precisamos estar o mais concentrados possível e absorvermos as emoções que pairam à nossa volta.

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

Ficamos com um conhecimento muito pessoal dos lugares que desenhamos. Não sei se mais alargado, mas seguramente mais profundo (pelas razões da resposta anterior)





Desenhos de Observação executados por Eduardo Salavisa

14. Entrevistada

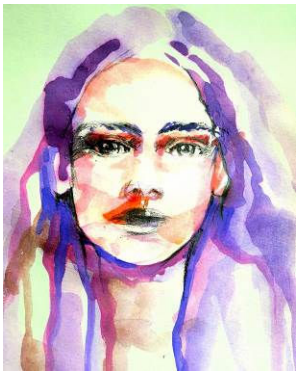
Nome: Filipa Antunes

Idade: -----

Área profissional: Ensino/Arquitetura

Profissão: Arquiteta/Docente

https://desenholusofona.wordpress.com/um-desenho-por-dia/



1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Sim.

2- O que te motiva para o desenho?

Expressar; representar; registar…

3- Desenhas diariamente?

Sim.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Sim.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Ambas.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Sim.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?
Sim

8- O que é para ti o desenho?

uma paixão

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Sim, pela partilha e pela constante aprendizagem

10- Como conheces-te estes grupos de Sketchers?

internet

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Diários, papel e telas.

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

completamente

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Aprende-se.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

São para todos.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

Ambos.

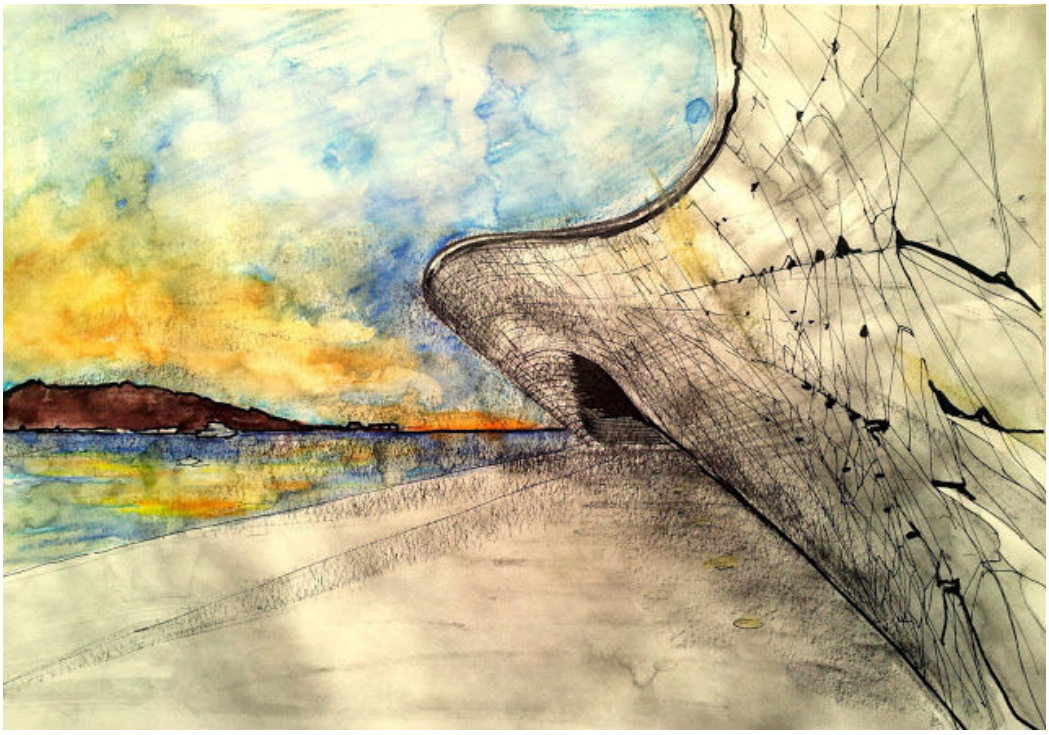
16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

Relaciona-se com a memória visual individual e com o tempo de contemplação.

17- Como Arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho?

Sim muito.







Desenhos de Observação executados por Filipa Antunes

15 Entrevistado

Nome: Filipe Pinto

Idade: 55 anos

Área profissional: Engenharia

Profissão: Analista programador de informática



1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Não, só descobri o desenho de observação com 50 anos em 2012

2- O que te motiva para o desenho?

É como correr ou ir ao ginásio. Sinto a necessidade diária de alimentar a alma com um pouco de criatividade. O desenho é recompensador porque no final transmite uma sensação de satisfação.

3- Desenhas diariamente?

Embora tenha sempre o material para desenhar à mão há dias em que não desenho. Há dias em que preciso de me distanciar dos desenhos para refletir no que vou fazer a seguir. Que técnicas e que materiais devo escolher. Que objetos quero desenhar a seguir. Preciso parar para pensar.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Não, quando comecei o desenho de observação já tinha uma vida profissional a decorrer.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Desenho fora do horário de trabalho diário.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Não sou arquiteto, mas penso que o desenho é uma ferramenta primordial em qualquer área. É como saber uma língua estrangeira ou saber tocar um instrumento musical e faz parte da nossa cultura geral. Na arquitetura decerto que será uma mais valia para compreender o espaço, as relações entre volumes e massas e a implantação no terreno do projeto de arquitetura.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Não conheço muito bem o quanto desenham os alunos de arquitetura mas não concebo um projeto de arquitetura sem que este seja objecto de reflexão e a melhor maneira de dar forma a essa reflexão é através do desenho.

8- O que é para ti o desenho?

É uma forma de expressão na qual me sinto livre para criar.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Sou associado dos Urban Sketchers de Portugal para seguir o calendário dos encontros de desenho e de formações que estão a acontecer. Gosto de desenhar sozinho, mas também gosto de desenhar em grupo porque fico em contacto com outras pessoas que gostam de fazer o mesmo que eu e posso trocar ideias e experiências.

10- Como conheces-te estes grupos de Sketchers?

Conheci-os através do Mário Linhares de quem fui aluno de desenho e que na altura coordenava o blogue dos Urban Sketchers.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Geralmente uso um caderno de papel próprio para aguarela, canetas de desenho técnico com tinta impermeável, canetas pincel com reservatório de água e aguarelas.

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Sim, o desenho de observação dá-nos mais informação o que nos permite ter uma visão mais crítica sobre o mundo à nossa volta e menos centrado em nós próprios.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

O desenho é um conjunto de técnicas que se aprendem da mesma forma que se aprende a conduzir um automóvel. Se diariamente puser um lápis nas mãos de uma criança de um ano de idade a probabilidade de esta vir a ser um melhor desenhador do que uma pessoa que começou a desenhar com 50 anos é muito maior.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Os grupos de urban sketchers que conheço em Portugal funcionam com regras simples, são acessíveis a todas as pessoas independentemente de saberem

desenhar muito ou pouco. Nos encontros basta levar material para desenhar e vontade para o fazer. Cada um desenha por sua conta e no fim há um encontro para partilha de desenhos e experiências.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

Sim, os sentidos ficam mais despertos quer para os sons quer para os cheiros e a visão é obrigada a focar-se em determinados pontos de interesse para o desenho.

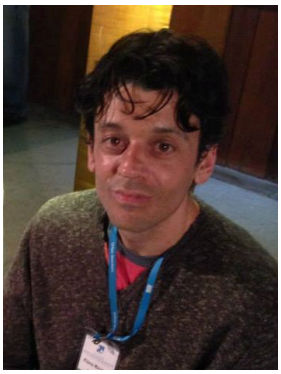
16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

O desenho de observação permite-nos estar em contacto com o quotidiano das pessoas que passam por nós na rua nos seus afazeres diários e interagir com elas o que é frequente. Suscita uma reação das pessoas a maior parte das vezes de curiosidade. Enriquece a nossa cultura visual não só pelo o que desenhamos no caderno ou na folha de papel, mas também pelo registo que fica na memória.





Desenhos de Observação executados por Filipe Pinto



16 Entrevistado

Nome: Flávio Ricardo

Idade: 39 anos

Área profissional: Arquitetura

Profissão: Arquiteto

1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Sim, desde a primeira infância, quando ganhava de presente caixas de lápis de cor e tentava copiar os desenhos de revistas de histórias em quadrinhos.

2- O que te motiva para o desenho?

Logo ao entrar na faculdade de arquitetura, ao folhear o livro da Lina Bo Bardi, recebi o meu primeiro grande incentivo, da mesma maneira como esta arquiteta, construir registos gráficos daquilo que vivencio. Foi também pelo exemplo da Lina que passei a gostar de aquarelas. Achava fantástico poder deixar tantas memórias registradas daquela maneira.

3- Desenhas diariamente?

Sim. Carrego comigo um pequeno caderno (A5) e um kit portátil de aquarelas para registrar rapidamente situações do cotidiano. Desenhos mais demorados, de duas horas, em média, executo nos finais de semana.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Certamente. O desenho foi fundamental para que, formado no curso técnico em edificações, seguisse para a carreira em arquitetura ao invés de engenharia civil

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Sempre que tenho uma questão projetual a ser resolvida, a prática do croquis rápido me ajuda a pensar melhor. Todos os problemas provenientes da arquitetura só consigo enfrentar por meio do pensamento gráfico. Posso então dizer que também desenho na vida profissional.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Sem dúvida. O pensamento arquitetônico é o pensamento visual, expresso e enriquecido por meio do desenho

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Ao comparar o ensino brasileiro com o português, mais especificamente da FAUP (Porto), do qual pude tomar conhecimento recentemente ao assistir a uma defesa de mestrado, posso afirmar que, no caso brasileiro, o desenho deveria ser mais incentivado e, como já ouvi muitas vezes, permear todas as disciplinas, mesmo as mais teóricas ou técnicas.

8- O que é para ti o desenho?

A melhor maneira de entrar em contato mais aprofundado com a realidade e elaborar memórias. No desenho há pouco espaço para a mentira, como diria Le Corbusier.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Pertenço ao Urban Sketchers Brasil e organizo o grupo Urban Sketchers São Carlos e Sketchy Hour. Frequentar estes grupos me permite uma experiência muito rica de troca de informações e contato com a diversidade. Ver o mesmo objeto pelo olhar de outros desenhistas é uma experiência muito gratificante. Há também a intenção de promover a prática do desenho. Ao nos reunirmos, chamamos a atenção das pessoas para a prática do desenho de observação, que costuma ser uma atividade muito bem aceita e apreciada.

10- Como conheceste estes grupos de Sketchers?

Através de uma pesquisa pelo google. Ao digitar "architectural sketches" e selecionar os resultados por "imagens", acabei por conhecer o trabalho de Florian Afflerbach. A partir de sua página, tomei conhecimento do grupo Urban Sketchers, que, para minha surpresa e satisfação, já estava atuante no Brasil com alguns correspondentes. A partir disso, voltei a desenhar depois de uma longa pausa e comecei a frequentar alguns encontros em São Paulo. Participei, em 2013, do Simpósio de Urban Sketchers em Barcelona, onde tive o prazer de conhecer pessoalmente desenhistas de todo o mundo, inclusive os que primeiramente me inspiraram.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Costumo desenhar em papel para aquarela Canson Montval A4 ou A5. Faço o esboço inicial a lápis, o desenho a nanquim e aplico cores e tons com aquarelas. Às vezes desenho a lápis e pinto com guache.

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Sim. O ato de desenhar nos coloca no estado de descoberta e atenção às formas dos objetos e suas relações. O tempo do desenhar é bastante diferente do tempo apressado de quem resolve registrar pelo meio de uma câmara digital.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Desenhar é algo que se aprende, antes de tudo, por meio de reaprender a olhar. E é esta educação do olhar, ao alcance de todos e que só se dá pelo desenho, que permite aprender a registrar e pensar na linguagem universal que é a linguagem do desenho.

14- Relativamente aos grupos de desenho, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Sim, há regras no grupo Urban Sketchers. A principal, é a que determina que os desenhos sejam feitos de observação direta, sem o auxílio de fotografias. Quanto a saber desenhar, não há restrições. Uma das regras diz respeito exatamente a respeitar todas as formas de expressão dos membros

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

Sim. A observação atenta que o desenho exige faz com que o processo nos exercite o olhar. Também o desenho acabado, por ser produto de um processo, permite que quem o aprecie veja belezas onde antes só se via o trivial

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

Desenhar é, acredito, a melhor maneira de nos colocar novamente naquele estado de descoberta do mundo, aquele que vivemos em nossa primeira infância. O olhar atento, a busca de relações entre os objetos e a necessidade de expressá-las nos leva a um outro estado mental. O que acreditamos saber daquilo que vemos começa a dar lugar a um outro tipo de conhecimento, mais próximo de um jogo. O conhecimento intelectual cede espaço a um livre jogo de conceitos, constantemente revistos e reconstruídos. Ao possibilitar ver as coisas de outra forma, ao nos forçar a novamente experimentar o mundo a nossa volta, o desenho se torna, sem sombra de dúvida, uma ferramenta extraordinária de conhecimento.

17- Como arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho?

Sim. Não consigo de maneira alguma elaborar ou compreender algo que se relacione à arquitetura sem que seja por meio do desenho. Textos e discursos de arquitetura só fazem algum sentido se acompanhados de desenhos. Também o que leio sobre o assunto só é absorvido e transformado em conhecimento se tento reproduzir graficamente. Me sinto completamente perdido se, ao lidar com assuntos relacionados à arquitetura, não tenho à mão lápis e papel.



Desenho de Observação executado por Flávio Ricardo

18. Entrevistada

Nome: Helena Barreiros

Idade: 30

Área profissional: Artes Gráficas

Profissão: Designer



1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Nao. Desenhei em menina, claro, mas não o fazia como passatempo. Era mais uma coisa para ocupar o tédio, como brincar ou ler.

2- O que te motiva para o desenho?

A imensa curiosidade que sinto pelo que me rodeia é o meu combustível para criar.

3- Desenhas diariamente?

Rabisco diariamente.

4- O desenho foi importante para a tua escolha p rofissional?

Para a escolha profissional inicial não, mas à medida que a minha identidade foi adotando esta forma de expressão, fui procurando incorporar tarefas que me permitissem desenhar. Construir.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Nesta fase, apenas como hobby. Profissionalmente, o género de desenho utilizado era relativo a ambientes digitais, o que significava uma exigência zero de observação do que me rodeia.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Considero que sim. Aliás, não consigo conceber que um arquiteto não saiba desenhar uma estrutura, seja de que tipo for.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Sim

8- O que é para ti o desenho?

Desenhar é um exercício de liberdade e de expressão. O papel como suporte e a minha ação será o que eu quiser/souber fazer dela.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Sim, porque senti necessidade de partilhar o gosto pelo desenho de rua e valorizo muito a dinâmica de aprendizagem que um grupo permite.

10- Como conheces-te estes grupos de Sketchers?
Internet.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

O típico para sketch: esferográfica e papel. Tenho procurado conhecer o comportamento de outros materiais como as canetas de aparo e aguarelas.

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Se por estar no mundo, consideramos a postura perante a vida, então sim. O desenho enriquece a vida, pela observação e reflexão a que nos obriga. Impossível ficar indiferente aos dados sensíveis que o desenho nos faz adquirir.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Aprende-se. Talvez por feitio(?) alguns tenham mais apetência para as caraterísticas que desenhar, e desenhar bem, exige, como é o caso da paciência, da atenção ou da sensibilidade. Mas tudo se aprende.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Os grupos de desenho têm regras, claro. Não é preciso saber desenhar e todos aprendem com todos. É um espaço acessível de crítica construtiva e intercâmbio.

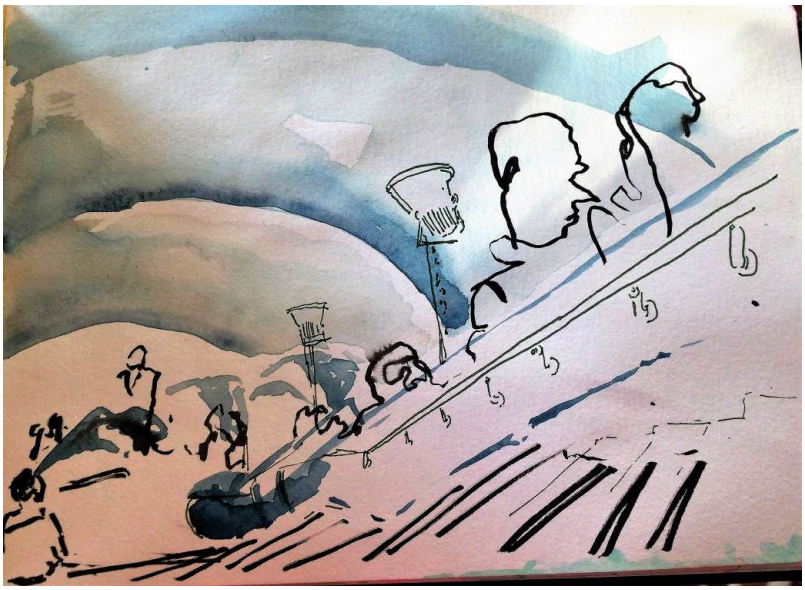
15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

É difícil definir o que entra em jogo quando se começa a desenhar: é o olhar, é a interpretação do que se vê, é a coordenação física, é a emoção do momento? Desenhar implica os dois âmbitos, sensorial e sensitivo. Primeiro porque se usam os sentidos para acolher a "cena" e depois porque estes precisam de filtro e interpretação.

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

Desenhar fora é estar imerso na "cena" que se desenhar. A paisagem rodeia-nos, a temperatura, os barulhos, o movimento. Tudo isso influencia o desenho. Quando prestamos atenção ao contexto para desenhar, gravamos nas memórias e associamos esses pequenos dados de informação. Talvez por isso um desenho de cidade tenha linhas tão frenéticas e numa aguarela de paisagem rural só lhe falte ouvir-se ao longe as rolas.





Desenho de Observação executado por Helena Barreiros

19 Entrevistado



Nome: Hélio Boto

Idade: 36

Área profissional: Arquitetura/ Artes

Profissão: Arquiteto e Ilustrador

http://rua-dos-riscos.blogspot.pt/

1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Sim

2- O que te motiva para o desenho?

Não sei, foi algo que sempre fiz desde pequeno e gostei!

3- Desenhas diariamente?

Existem periodos em que sim outros não, mas tento desenhar com regularidade!

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Sim

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

As duas coisas, apesar de não considerar que desenhar seja a minha profissão ou o meu hobby, simplesmente é algo que gosto de fazer. Por isso costumo dizer que quando fazemos aquilo da qual gostamos/amamos não temos um unico dia de trabalho na vida.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Sim

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Sim

8- O que é para ti o desenho?

Uma forma de expressão.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Sim, porque gosto de desenhar.

10- Como conheces-te este grupo de Sketchers?

Primeiro atraves da internet e depois começei a ir aos encontros.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Qualquer tipo de material para riscar e pintar, mas prefiro, cadernos, canetas e aguarelas.

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Não, mas parece-me que é um meio / forma de expressão de mostrar o mundo.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Sou da opinião que aprendemos a desenhar! Desenhar é como a escrita que se aprende, no caso da escrita as letras são a sua linguagem, em que todos aprendemos a escrever, mas nem todos somos escritores. No caso do desenho tambem se aprende a sua linguagem propria, mas nem todos serão artistas ou profissionais do desenho.

Acho que talento é a desculpa que as pessoas arranjam para se desculpar por nunca terem tentado nem tentar desenhar, é uma forma facil de também dizerem que não gostam o suficiente de algo (desenhar), para se esforçarem a aprender e a fazer, além disso, é uma forma de desvalorização do trabalho, esforço e empenho do outro, pois esqueçe-se o trabalho e esforço e pego no principio de talento e de nascer já a saber desenhar. Parece-me uma ideia injusta para quem desenha e se esforça todos os dias em fazer melhor. (espero me ter feito entender, porque esta ideia dá para qualquer area)

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, sãoacessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Regras depende do grupo, porque no caso dos urban sketchers existe um manifesto que se deve cumprir, relativamente à acessibilidade de uma forma geral, acho que são de acesso muito facil, mas exencialmente parece-me que o principal, é aparecer nos encontros, desenhar e partilhar.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

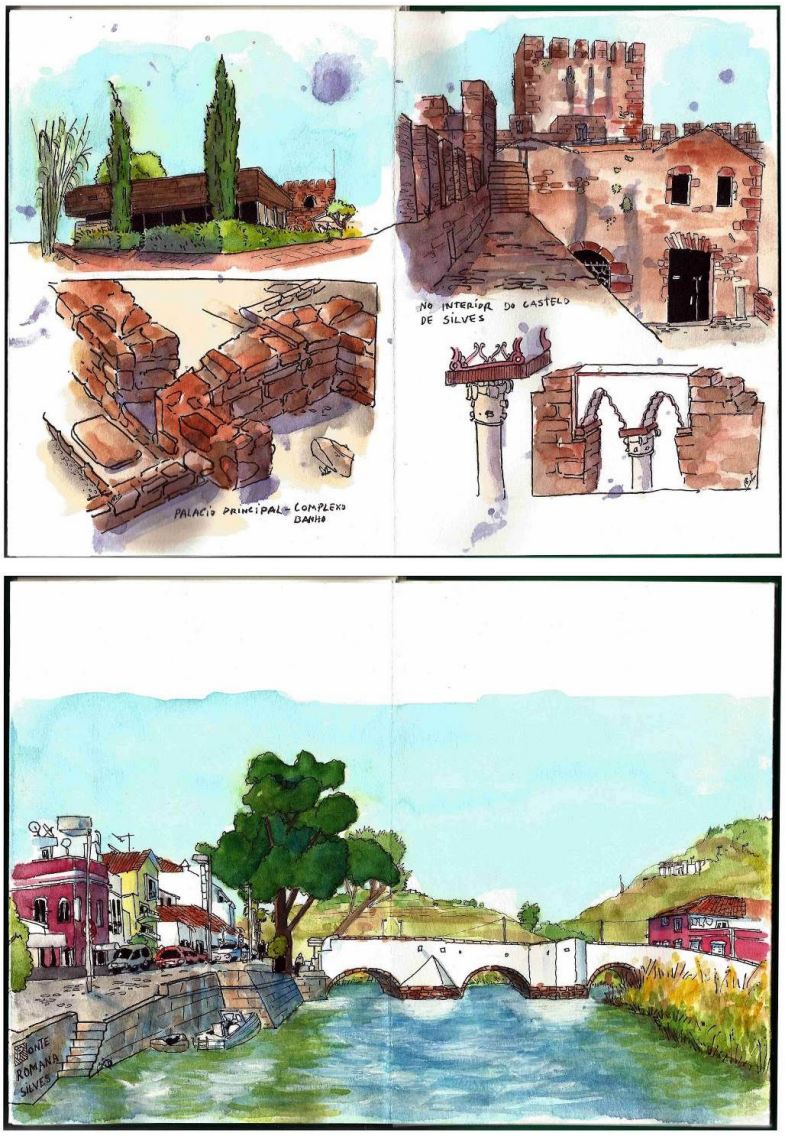
Sinceramente não sei, mas acredito que sim, como toda a arte e atividade da qual gostamos de fazer e participar.

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

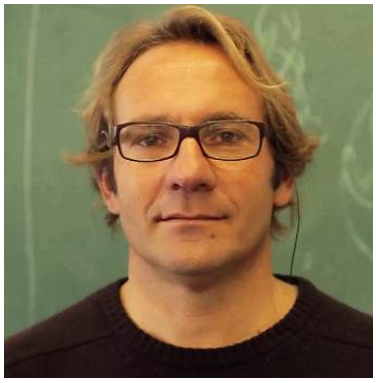
Acho que depende muito das pessoas e da forma como elas encaram o mundo eo desenho, para mim, a questão não esta só no desenhar no exterior, pois este acto é só uma pequena parte de um "bolo" maior, mas em tudo aquilo que absorvemos como pessoas, de uma forma geral, pois isso, é que nos enriquece e faz de nós quem somos.

17- Como Arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho?

Sim, o desenho desempenha um papel primordial na estrutura do meu pansamento arquitectónico, assim como, no pensamento artistico que possa ter.



Desenhos de Observação executados por Hélio Boto



20 Entrevistado

Nome: João Catarino

Idade: 53

Área profissional: Design/Artes

Profissão: Designer

http://desenhosdodia.blogspot.pt/

1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Sim desde que me lembro, na instrução primária era pelo desenho que me diferenciava dos outros colegas, tinha alguma dificuldade de integração e atenção na escola, era desse modo que ganhava algum reconhecimento.

2- O que te motiva para o desenho?

Hoje encontro no exercício do desenho o pretexto para resgatar um tempo meu, a procura de um estado de concentração e abstração de tudo o resto, excepto a observação das formas que desenho.

3- Desenhas diariamente?

Sim praticamente embora grande parte das vezes não sejam os desenhos que me dão real prazer que são aqueles que faço sem nenhuma finalidade específica.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Foi determinante não havia dúvidas nunca fui muito bom aluno a mais nada.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Desenho em ambas as situações.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Não sou arquiteto, mas considero que a pratica do desenho enquanto exercício de observação, forma de pensar esquematizar e apresentar é absolutamente essencial em qualquer disciplina de artes visuais, design e arquitetura.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Sem dúvida, a sua pratica devia ser reforçada mais ainda agora quando os meios de trabalho passaram a ser digitais, acelerando todo o processo, saltando etapas,

perdendo-se o contacto direto com a escala e a necessária demora no tempo de observação, no pensar e conceber.

8- O que é para ti o desenho?

Essencialmente "ver" melhor "pensar" melhor.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Observar os desenhos dos outros é estar atento também a outros olhares e registos, gera novas ideias, e motiva a intensidade de uma prática.

10- Como conheces-te estes grupos de Sketchers?

Através do Eduardo Salavisa, conheci de início a formação do blog internacional dos USk de que fiz parte.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Normalmente pinceis com reservatório para água ou tinta, aguarelas e um diário gráfico com dimensões que variam entre o A6 e o A4

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Não deixa de ser; mas, enquanto afirmação parece-me talvez um pouco pretensioso.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Sem dúvida que se aprende, em qualquer idade, mas existem aqueles que em criança estiveram por algum motivo mais motivados nessa pratica, esses são os que vulgarmente dizemos que têm jeito. Os outros podem recentemente começar do zero, mas em pouco tempo produzirem desenhos bastante curiosos, menos apoiados num "saber fazer" ou numa pratica da qual podem resultar desenhos que eventualmente aparentam técnicas bem dominadas, mas cujo resultado pode ser bem menos interessante.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, sãoacessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Defendo que os grupos de desenho devem procurar trazer o desenho para a superfície, fazer com que todas as pessoas que tenham essa motivação não se inibam de o fazer. Penso que não deve haver espectativas relativamente ao resultado final.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

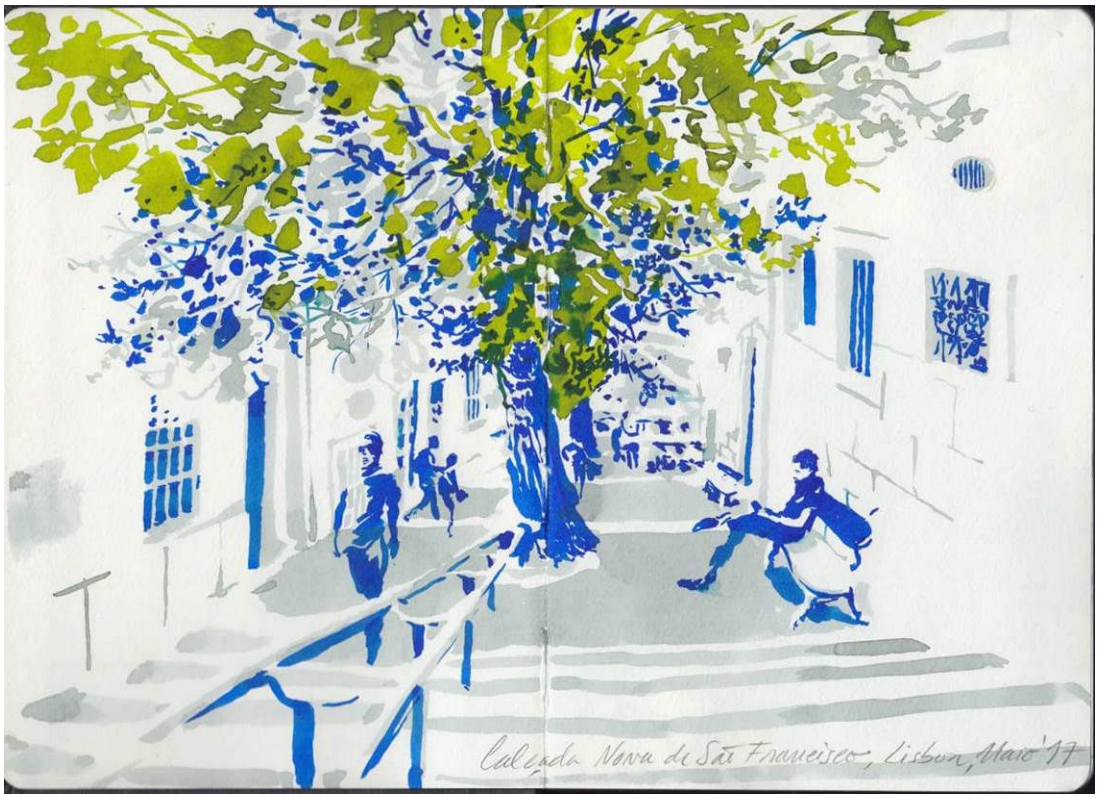
Reside nesses aspectos toda a motivação e o prazer.

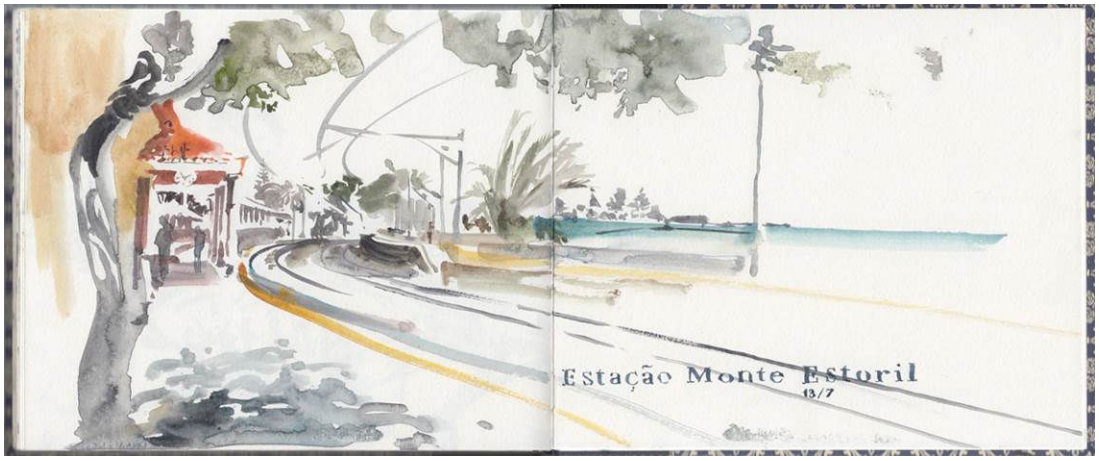
16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

Parece-me que pelo facto da prática do desenho de observação a partir do real nos levar a uma assimilação e entendimento mais apurado das formas materiais e imateriais, das escalas do volume do peso da densidade etc, torna-se altamente provável que nos torne também mais cultos e eventualmente com um conhecimento mais alargado do mundo e da cultura visual que nos rodeia.

17- Como Arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho?

Como disse, não sendo arquiteto, mas enquanto designer, sempre usei o desenho como a mais importante ferramenta de trabalho que disponho.









Desenhos de Observação executados por João Catarino

21 Entrevistado



Nome: João Teles Rebolo
Idade: 60 anos
Área profissional: Investigador no Dinamia/ISCTE
Profissão: Arquiteto

1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Sim, o desenho sempre fez parte da minha vida, mas hoje tem uma importância muito diferente do que no passado, e no passado também variou muito. Direi que já utilizei o desenho de modos muito diferenciados, sobretudo nos últimos vinte anos.

Hoje tenho uma necessidade de desenhar que sinto que é diferente, mais experiente, mas sobretudo mais urgente.

2- O que te motiva para o desenho?

Fundamentalmente sou motivado para o desenho por uma espécie de pulsão ou instinto de sobrevivência. Constantemente eu devo admitir que desenhar se tornou uma questão de sobrevivência!

3- Desenhas diariamente?

Desenho cada vez mais, e no último ano desde que passei a dispor de mais tempo tendeu a ser diária, o que é uma atitude nova, e que é fruto de alguma disciplina também.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Desde muito cedo (14-15 anos) que me senti atraído para as artes plásticas e também a arquitetura. Ambas me pareciam fazer parte de uma mesma realidade, e sentia uma enorme atracção.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Desenho como um hobby por estar um pouco desligado da vida profissional, mas o meu percurso na arquitetura e o gosto particular pelas artes influencia o que faço actualmente, o desenho na e da cidade. O gosto pela observação e registo desta coisa urbana histórica e mistérios, é o que me motiva actualmente.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Considero que o Desenho é absolutamente indispensável em Arquitetura.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Penso que se deveria incentivar os alunos de Arquitetura a desenhar, é o nosso código mais ancestral, não se pode fechá-lo numa gaveta, porque isso tem custos muito elevados para o desempenho da profissão.

8- O que é para ti o desenho?

Não existe um desenho, existem muitas abordagens possíveis ao desenho. Na concepção de projeto por exemplo, existe a atitude de desenhar na busca da fonte de inspiração, da procura de uma ideia, e existe a transferência gráfica dos conceitos já amadurecidos na nossa mente, e que é mais na procura do "real", no sentido de formalizar ideias que só existem na nossa mente. Mas existem muitas outras formas de utilizar o desenho, mesmo na abordagem tradicional ou clássica, desde a fantasia criativa ou utópica até à especificação técnica de um pormenor construtivo. Se extravasarmos para o desenho digital ou em movimento as possibilidades multiplicam-se naturalmente.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Pertenço ao grupo USkP, mas muito recentemente, e ainda pouco acompanhei a sua atividade, mas pretendo fazê-lo mais frequentemente

10- Como conheces-te estes grupos de Sketchers?

Pertenço ao grupo USkP, mas muito recentemente, e ainda pouco acompanhei a sua atividade, mas pretendo fazê-lo mais frequentemente

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Actualmente utilizo apenas o desenho de contorno dos objectos (FB) raramente utilizo a sombra (não tem calhado), e ainda não uso a cor, mas voltarei a utilizar. Uso todos os tipos de marcadores e canetas pretas, tenho uma grande colecção à disposição!

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Desenhar pode ser uma fonte de positividade e uma ferramenta de intermediação entre o exterior e a nossa sensibilidade e modo de pensar e de evoluir.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Há uma frase no site dos Urban Sketchers do William Ruskin que defende a ideia de que qualquer pessoa pode desenhar. Parecendo apenas uma boa intenção, eu acredito, já vi acontecer. Mas há querer muito!

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, sãoacessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Na sequência da pergunta anterior, gostava de ter a oportunidade de transformar um "pé a desenhar" num grande desenhador!!!

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

O desenho eleva o meu estado de espírito (tanto a concentração como a descontracção) a um nível muito elevado, para responder mais em pormenor começava a falar de psicologia ou "mind fulness" ☺.

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

Já andei entretido a desenhar mentalmente imagens, sonhos, imagens obcessivas ou paraísos imaginados. Ultrapassei quase completamente esta fase (guardo o "heterónimo" numa caixinha), mas de momento procuro preferencialmente "o real". Do encontro com a realidade que nos cerca, tem resultado um tipo de desenho que me parece íntimo. E é mesmo isso que para mim é fascinante, descobrir coisas próprias (o que quer que possam ser), ao registar o que observo no quotidiano!

O Matisse disse que apenas desenhava o existente, apenas o que o rodeava o interessava, e ele era muito sábio!

17- Como Arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho?

O meu modo de fazer e de desenhar é muito caracterizado pela minha formação, e é intrínseca a proximidade com a arquitetura, e mesmo não exercendo como

aconteceu nos últimos anos) ela está presente. A proximidade e interesse pelas artes plásticas é igualmente constante.



esenhos de Observação executados por João Teles Rebolo

22 Entrevistado

Nome: Jorge Vila Nova

Idade: 52 anos

Área profissional: Aquitectura/Artes

Profissão: técnico Superior na DGPC/Ilustrador



1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Sim. Nasci em África e apesar de ser um tempo longínquo na minha existência, foi um tempo que me marcou profundamente. Recordo ter um livro ilustrado que me servia para adormecer. Olhava para as ilustrações, lembro-me de umas formigas, e assim ficava, a olhar para os desenhos até cerrar os olhos – isto com 2, 3 anos. E tenho também ideia de que muitos dos meus brinquedos dessa época, serem de origem indígena e profusamente decorados e talhados. Ou seja, todas estas referências foram veículos para a construção da minha primeira personalidade e criatividade.

2- O que te motiva para o desenho?

Permitir-me dominar o que vejo, detalhe ou grande plano, ou o que imagino, transpondo a ideia para um suporte físico. Esse acto comporta na criação um sentimento de liberdade e libertário. Por outro lado, por mais fiel que, eventualmente pretenda ser, o resultado apresenta sempre elementos capazes de surpreender. Essa magia caracteriza todos os actos de criação e o desenho também.

3- Desenhas diariamente?

Sim.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Não. Profissionalmente sou um técnico ligado ao Património Arquitectónico, e cultural na generalidade. Também desenvolvi uma atividade profissional ligada à comunicação. No entanto, o desenho, que compreendo como forma de viver e não de "ganhar a vida", ajuda-me a melhorar o desempenho profissional.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Também como ferramenta profissional.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Completamente. Está na essência do próprio conceito.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Penso que se deveria incentivar os alunos de Arquitetura a desenhar, é o nosso código mais ancestral, não se pode fechá-lo numa gaveta, porque isso tem custos muito elevados para o desempenho da profissão.

8- O que é para ti o desenho?

Uma forma de representar o mundo através da minha criatividade e visão. Uma forma de levar para um universo de duas dimensões, para a abstracção e síntese, conceitos primordiais do ordenamento do mundo que me rodeia.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Pertenço e acompanho. É uma forma de exercer em conjunto, uma prática que faço habitualmente individualmente, o registo gráfico. Acima de tudo, um exercício.

10- Como conheces-te estes grupos de Sketchers?

Através do interesse pela prática e sua divulgação, particularmente em redes sociais.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Aguarela – suportes diferentes, desde lápis a pastilhas e tubos, grafite, tintas resistentes à água, China, ecolines, acrílicos, etc, menos óleos e pastel.

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Quando um português nasce, aprende a falar e a escrever, vai pensar para o resto da vida em português. Mesmo estando entre outros povos com culturas e idiomas muito diferentes. E isto é comum entre nós, portugueses pois somos um povo com uma diáspora global. O mesmo acontece com o desenho, essa expressão criativa que passa a ser inata.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Não é um dom. A única coisa que nasce com o ser humano é a sensibilidade, a capacidade criativa e a apetência pela representação figurativa ou gráfica. O resto educa-se e aprende-se. Exercita-se.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Os únicos grupos de desenho de que faço parte têm em comum o gosto pelo desenho, nada mais.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

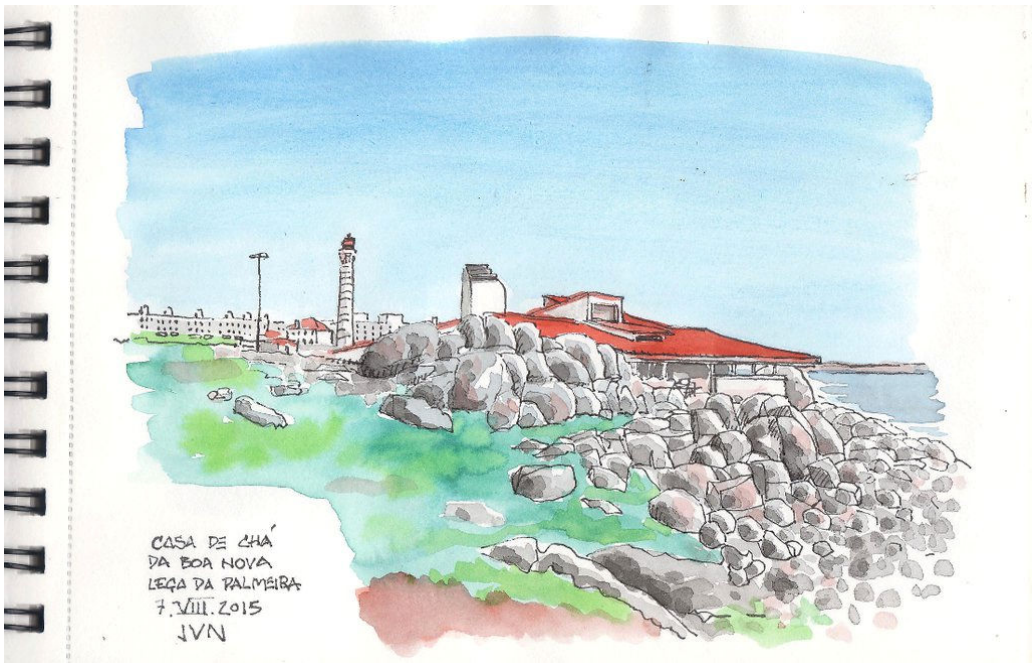
Ambos. Tenho consciência do que ganho, do que alcanço com o desenho e com a arte em geral. Sensorialmente também sinto que a criatividade e a intervenção através da arte acrescenta-me bastante enquanto ser humano.

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

A ignorância e a incapacidade são geradas a partir da distância. De certa forma o mesmo acontece com o desenho de registo gráfico se descontextualizado do tempo e espaço. A proximidade transmite genuinidade no resultado, mesmo quando não se trata de uma representação fiel do motivo desenhado. O facto de o desenho ter sido feito no lugar, marcado pelas circunstâncias do momento, caracteriza a sua genuinidade, a sua exclusividade.







Desenhos de Observação executados por Jorge Vila Nova

24 Entrevistado

Nome: Luís Miguel Frasco
Idade: 50 anos
Área profissional: Aquitectura/Artes
Profissão: Arquiteto/Ilustrador



1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

O acto e o gosto de desenhar sim. O desenho de observação apenas desde 2012.

2- O que te motiva para o desenho?

O que me atrai no desenho de observação é que me permite guardar/registar o que assisto e me reodeia, o espaço e as gentes, fixar para sempre locais e eventos que vivencio, e abriu-me ainda a desafiar-me, testar-me com técnicas e materiais diversos. Por outro lado, motiva-me fazr parte de uma comunidade imens, que comunga este interesse pelo desenho, seja próxima ou afastada, e com quem posso partilhar este gosto.

3- Desenhas diariamente?

Não desenho diariamente quando sigo a rotina do dia a dia, trabalho/casa. Mas desenho sempre que saio dessa rotina, e faço-o diariamente se em férias ou fim de semana fora.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Sem dúvida! Não concebia uma vida profissional sem uma liação ao desenho, mesmo que na vida profissional (projeto de aquitectura) o papel do desenho se tenha progressivamente diluido, com o incremento da informáticana prática do projeto de arquitetura.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Não recorro (e acho que nunca recorri) ao desneho de observação na minha atividade de arquiteto. Sempre desenheo apena de "cabeça", registando ideias e desenvolvendo-as. Assim, o desneho de observação +e apenas um hobbiy (embora actualmente me tenha permitido obtr algum rendimento paralelamente à arquitetura.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Embora eu não utilize o deseho de observação como ferrmanta na minha prática de Arquiteto, penso que poerá ser útil para apreender o local de interven ção, as suas particularidades, a sua viv~encia, o chamdo "espirito do lugar"de modo a adequar o projeto ao local. Por outro lado, num sentido amis amplo do desneho este assume-se idela para o desenvolvimento do projeto, para testar caminhos e ideias, para promover o foco na reflexão sobre o que se projecta.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Sem duvida! O desenho é a ferramenta ideal para abordar as primeiras ideias para estudar soluções diversas do programa, para analizar até alguns defeitos do desenho e deixaar-se surpreender com hípoteses inesperadas de desenolvimento do projeto.

O desnheo de observação no caso da Arquitcetura promove uam evolução das aptidões do saber desenhar. Além disso o tempo do desenho permite uma imersão no tema desenhado, promovendo a concentração do estudante, a sua focalização.

8- O que é para ti o desenho?

O Desenho de observação é para mim um modo de me envolver com o que me rodeia, estar atento a detalhes que me escaparia, a registar/fixar momentos e eventos. O tempo de desenho permite-me uma imersão no próprio acto, secundarizando tudo o resto.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Pertenço aos Urban Sketchers Portugal. Atrai-me o desenho em grupo, pela comunhão de interesses, pela partilha de técnicas, materiais, modo de observar um tema, pelo convivio fácil e genuino com os pares, baseado nesta paixão comum. Agrada-me ainda a partilha dos próprios desenhos, até pelo estímulo recíprocuo da troca de ideias sobre a criação de cada um, que tantos nos diz a todos.

10- Como conheces-te estes grupos de Sketchers?

Falando com Outros Sketchers que conheci nos workshops onde iniciei a minha prática do desenho de observação, e depois através da exploração e acompanhamento do blog e das suas publicações.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Como suportes uso exclusivamennte cadernos de folhas costurada, que permite a abertura total das suas páginas, embora varie bastante nos seus formatos, gramagem e qualidade do papel e mesmo da luz e orientação (ao alto, panorâmico, harmónico). Com os materiais sou muito diversificado embora com preponderância com caneta de gel ou de aparo com tinta impermeável e aguarela. Além destes trabalhos com lápis de cor, com tinta permanente azul que diluo em água, com feltros, etc.

12- **Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?**

Não associo ao desenhouma filosofia de vida uma visão do mund, um modode encarar os dias. No entanto tenho para mim que o desenho convida à reflexão, à serenidade, encontro com si próprio, pela calma que promove, pelo encontro consigo próprio que permite, pela interiorização que potencia.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

È-me fácil aceitar que é possivel ter uma aptidão natural para o desenho, algo que nasce consigo. Mas tenho a convicção que qualquer pessoa sabe desenhar, basta querer desenhar algo e dedicar atenção e esforço a isso.

Além disso, o mais importante, é possivel aprender e evoluir sempre com a prática, ou seja, quanto mais se desenha melhor se desenha, digo isto quer por experiência pessoal quer pelo que testemunho dos meus colegas Sketchers.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Referindo especificamente aos grupos de Urban Sketching, o que procuramos é incentivar qualquer pessoa a desenhar, a juntar-se a nós independentemente da sua experiência e aptidão para o desenho. Procuramos ser totalmente inclusivos, recebendo e apoiando todos os que nos procuram. As únicas regras a respeitar prendem-se com os termos do nosso manifesto, que no essencial resume o que é o Urbansketching: desenhar no local o que se vê, registando o contexto da cena.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

O momento do desenho faz-nos parar, focados no que desenhamos e todos os sentidos tornam-se disponíveis para aprender o que no rodeia naquela altura, e fixar na memória tudo o que acontecer paralelamente ao desenho. Claramente o olhar

desenvolve-se, fica mais atento ao detalhe, ao modo como a luz molda os volumes e nos devolve as formas, as texturas os padrões repetitivos.

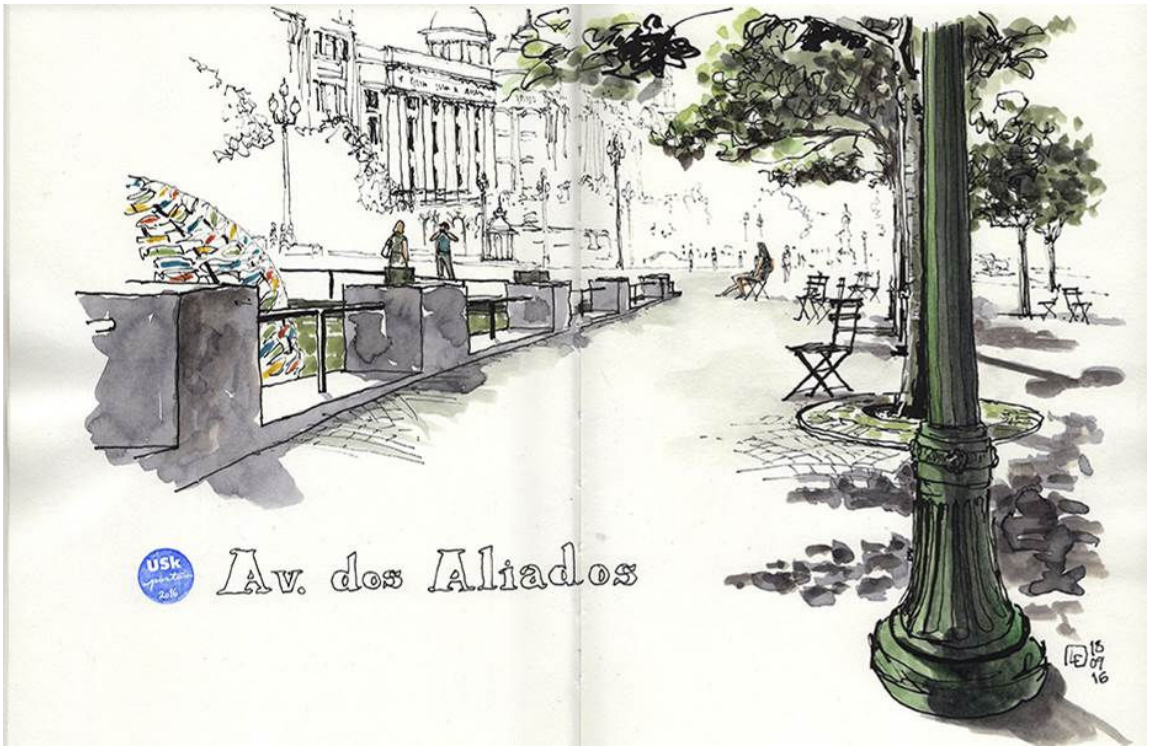
16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

Ao desenharmos no contexto urbano (mas não só), a necessidade de descodificar a disposição dos volumes, a sua posição a diversidade de texturas, materiais, a vontade de encontrar forma de traduzir graficamente toda a informação que se nos depara, desenvolve no desenhador uma perspicácia e satilância para a miríade de camadas de atividade que coexistem na cidade: Sinalização, infraestruturas. O próprio registo dos cidadãos pode permitir conhecer e multiplicidade de tipos urbanos, etnias, profissões, etc.

17- Como Arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho?

Entretanto o desenho como ferramenta para desenvolver os conceitos de projeto, para testar soluções alternativas, como mecanismo de reflexão e exploração de ideias pelo tempo que impõe, torna-o sem duvida essencial para a minha prática arquitectónica.

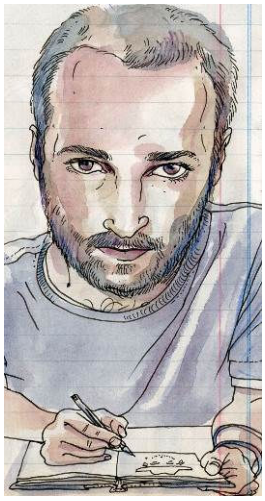






Desenhos de Observação executados por Luís Miguel Frasco

26 Entrevistado



Nome: Mário Linhares
Idade: 37 anos
Área profissional: Docência
Profissão: Designer / Professor

1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

As memórias mais antigas que tenho sobre mim a desenhar remontam aos 4 ou 5 anos, no meu quarto, a fazer cópias de desenhos de livros. Aquele momento de concentração atraía-me do início ao fim. Por isso, sim, o desenho sempre fez parte da minha vida.

2- O que te motiva para o desenho?

Neste momento, a maior motivação prende-se com o facto de registar o meu quotidiano em desenho. Não há a tentativa de fazer nada mais do que isso mesmo: desenhar, diariamente, o que me rodeia, seja na cidade onde vivo, ou outra por onde estou de passagem.

3- Desenhas diariamente?

Quase sempre.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Quando estudava no 9.º ano, nem cheguei a fazer testes psicotécnicos. Era bom aluno, mas nem colocava a hipótese de não seguir Artes Visuais. Depois estudei Design Paisagístico e mais tarde Design de Equipamento. O desenho, no design, tem outra componente, mais de projeto ou para explicar o pensamento conceptual. Curiosamente, as escolhas académicas que fui fazendo não estavam relacionadas diretamente com o desenho de observação, mas a minha vida profissional acabou por estar muito mais relacionada com ele do que com o Design.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Desenho em primeiro lugar para mim, sempre, e sem uma utilidade específica. Depois, a partir daí, muitas oportunidades profissionais já apareceram e continuam a surgir.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Não sendo arquiteto, mas conhecendo muitos, diria que o desenho, em Arquitetura, tem duas funções:

- Explicar de forma rigorosa o projeto, com o mínimo de falhas na comunicação das ideias;
- o desenho de observação é o alimento do arquiteto pensador. É ele quem lhe amplifica o olhar para os pequenos detalhes, usos e hábitos das pessoas. Desenhar a vida quotidiana parece-me uma tarefa base para quem desenha os espaços onde as pessoas vivem.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Um aluno de arquitetura deverá aprender a pensar, problematizar e questionar-se. O desenho é uma das ferramentas fundamentais para essa aprendizagem.

8- O que é para ti o desenho?

O desenho serve-me para guardar memórias, abrandar o olhar e compreender o que me rodeia. O ato de desenhar é um prazer.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "sketchers", e porquê?

Pertenço aos Urban Sketchers. A razão é simples: as pessoas que se identificam com este grupo gostam de desenhar e fazem-nos sem outra pretenção que não seja a de desenhar apenas. A partilha é genuína e é um grupo que ajudou a democratizar o desenho como algo acessível a qualquer pessoa. Não se pretende fazer Arte ou expor em galerias artísticas. Pretende-se, somente, desenhar.

10- Como conheceste este grupo de Sketchers?

Conheci em 2008, depois de ter sido fundado pelo Gabi Campanario em 2007.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Uso preferencialmente um caderno para desenhar, também chamado de diário gráfico. Quanto a materiais, gosto de utilizar a caneta preta e as aguarelas, mas procuro diversificar os registos e experimentar muitos outros materiais (lápis de cor, lápis de grafite, pastéis, ceras, etc.)

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Não sei se podemos dizer que é uma forma de estar. Diria que desenhar é, em primeiro lugar, uma necessidade de quem desenha. O desenho genuíno existe por

necessidade expressiva do autor. Depois, o que acontece a partir do momento em que o desenho está feito, é um mistério.

13- **Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?**

Aprende-se a desenhar como se aprender a escrever, a tocar guitarra, piano, a nadar, a andar de bicicleta. A distinção não está na aprendizagem, está no que se faz com ela. Todos aprendem a escrever, mas depois há autores que se tornam poetas, fruto do interesse e identificação que têm pelo ato da escrita. O mesmo acontece com a música. É possível aprender a tocar uma peça de piano sem falhar uma nota. Isso não faz da pessoa um músico de distinção. É preciso uma identificação e sensibilidade com o instrumento musical para que a peça seja mais do que um conjunto de notas afinadas. Acredito que o mesmo se passa com o desenho. Todos podem aprender a desenhar, mas alguns terão a sensibilidade e profundidade de comunicar algo mais com os seus desenhos, fruto de uma identificação plena com este tipo de linguagem gráfica.

14- **Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?**

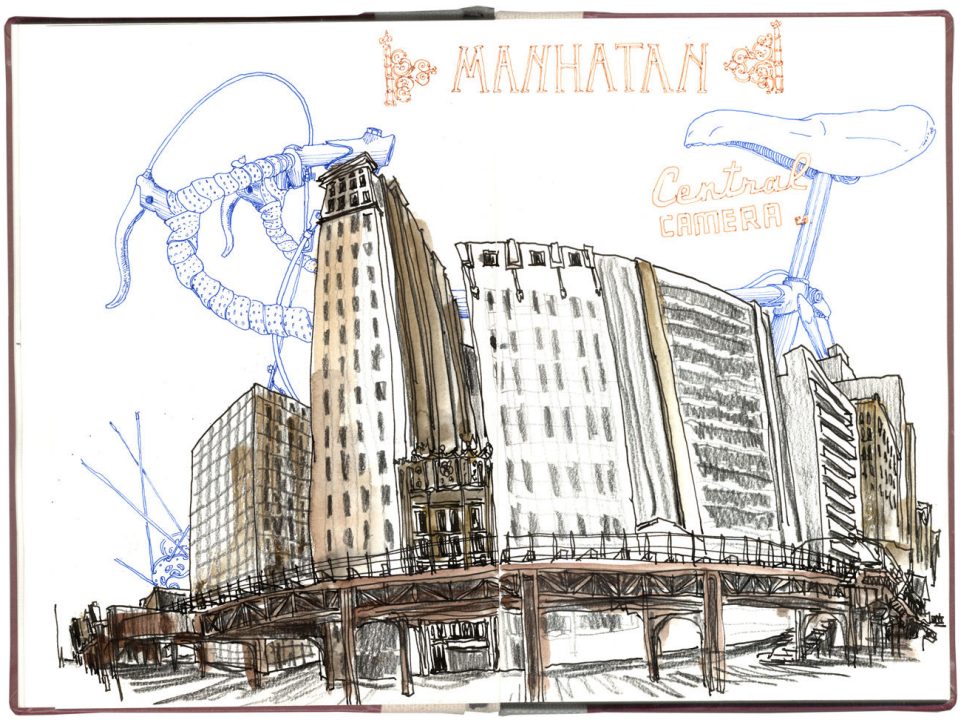
Só poderei falar pelos Urban Sketchers. Existe um manifesto, criado pelo Gabi Campanario, que procura centrar a motivação no desenho de observação, na valorização técnica de cada autor, no contar de uma história do que está a acontecer e na partilha desses desenhos. É, talvez, o grupo de desenho mais inclusivo que conheço.

15- **O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?**

O desenho é concentração, por isso, é sensato dizer que ele amplifica os nossos sentidos, passamos a dar maior atenção a aspetos aparentemente irrelevantes, só por estarmos a desenhar.

16- **Até que ponto, o desenhar "fora", no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?**

Desenhar o dia a dia, na rua ou em casa, aumenta a cultura visual porque o desenho é uma construção, parte por parte, de um todo que estamos a observar. Ver outros desenhos, feitos com diferentes técnicas, é também uma aprendizagem e elevação da culura visual. Aprende-se muito só a ver. Ao desenhar, aprende-se também com o errar e o acertar.





Desenhos de Observação executados por Mário Linhares



27 Entrevistado

Nome: Nélson Paciência

Idade: 41 anos

Área profissional: Artes/ Arquitetura

Profissão: Arquiteto/ Presidente da Associação de Urban Sketchers Portugal

http://nelsonpaciencia.blogspot.pt/

1- **O desenho sempre fez parte da tua vida?**

Julgo que não. Em criança gostava de desenhar, mas talvez de forma igual quando comparado com outras crianças. Apenas mais tarde, com 14 ou 15 anos, comecei, de forma não intuitiva, a desenhar nas aulas, coisas de imaginação, e sem um propósito. Só depois dos 18 anos, e já coincidente com a vontade de estudar arquitetura, comecei a interessar-me verdadeiramente pelo desenho.

2- **O que te motiva para o desenho?**

O desenho é uma ferramenta de comunicação. É uma forma de te expressares, não necessariamente para os outros, mas para ti mesmo. Essa ferramenta é o que permite conhecer-me melhor enquanto indivíduo. Comunico melhor e de forma mais criativa, entro em mundos que de outra forma não conseguiria entrar, conheço pessoas e lugares que apenas o desenho me permitem.

3- **Desenhas diariamente?**

Não.

4- **O desenho foi importante para a tua escolha profissional?**

Sim, importantíssimo.

5- **Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?**

Como ferramenta profissional e como ferramenta emocional e de comunicação. Não acho que se desenhe só por hobby, quem o faz não irá evoluir verdadeiramente. Mesmo quando se faz uma coisa por livre prazer, é fundamental dar-lhe um objectivo, porque se o desenhar por prazer não muda nada nas nossas vidas, no nosso registo e perfil enquanto seres, e no nosso relacionamento com os outros, não acho que valha tanto a pena. É como fazer desporto: faz bem à saúde, é um facto, mas só faz sentido se empurrar outras coisas nas nossas vidas.

6- **O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?**

Óbvio que sim. Não existe arquitetura sem desenho.

7- **Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?**

Sim, mas mais enquanto processo mental e criativo, e menos técnico.

8- **O que é para ti o desenho?**

É uma forma de expressão e de comunicação, de me dar a conhecer aos outros depois de me dar a conhecer a mim próprio. É a forma que escolhi para representar o que vejo e que me rodeia. É a minha linguagem primária, que me define enquanto pessoa, e que pauta o meu caminho pessoal e profissional. Para que entendas do que falo, não saio de casa nunca sem uma caneta no bolso.

9- **Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?**

Pertenço e acompanho com grande intensidade. E porque essas pessoas já fazem parte da minha vida, alguns como se fossem da minha família ou amigos desde longa data.

10- **Como conheceste estes grupos de Sketchers?**

Descobri os UskP em 2012, e quase por acaso. Desde então que procuro sempre conhecer novas comunidades de sketchers, principalmente a nível internacional. Tive a sorte de em poucos anos ter viajado muito, sempre atrás dos desenhos e das pessoas que eram as minhas referências no desenho em cadernos.

11- **Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?**

Desde que comecei a desenhar em cadernos, e até hoje, uso sempre a mesma caneta BIC 1.6mm preta. Depois uso sempre o mesmo caderno A5 da CANSON, com folhas de 90g e muito lisas e engomadas, para que a caneta deslize bem. Depois uso lápis de cor aguareláveis e pincel de água.

12- **Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?**

Acho que não. A nossa forma de estar no mundo carateriza-se por quem somos, o que fazemos e como o fazemos. O desenho, em muitos casos, ajuda-nos a sermos mais esclarecidos, melhor resolvidos e mais criativos.

13- **Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?**

Estou convencido que se consegue aprender a desenhar. Mas sem uma característica inata (não lhe chamaria dom) nunca se será efectivamente alguém de

destaque. Existem pessoas que têm aulas de música e aprendem a tocar um instrumento, mas nunca serão músicos. Acho que com o desenho é igual.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Não é preciso saber desenhar, mas é preciso gostar e ter vontade de desenhar.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

Totalmente.

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

O desenho é apenas a ferramenta. Adquirir conhecimento e enriquecer a cultura visual é algo que acontece a quem está ávido de conhecer o mundo. O desenho pode potenciar essa vontade, mas não acho que a faça adquirir.

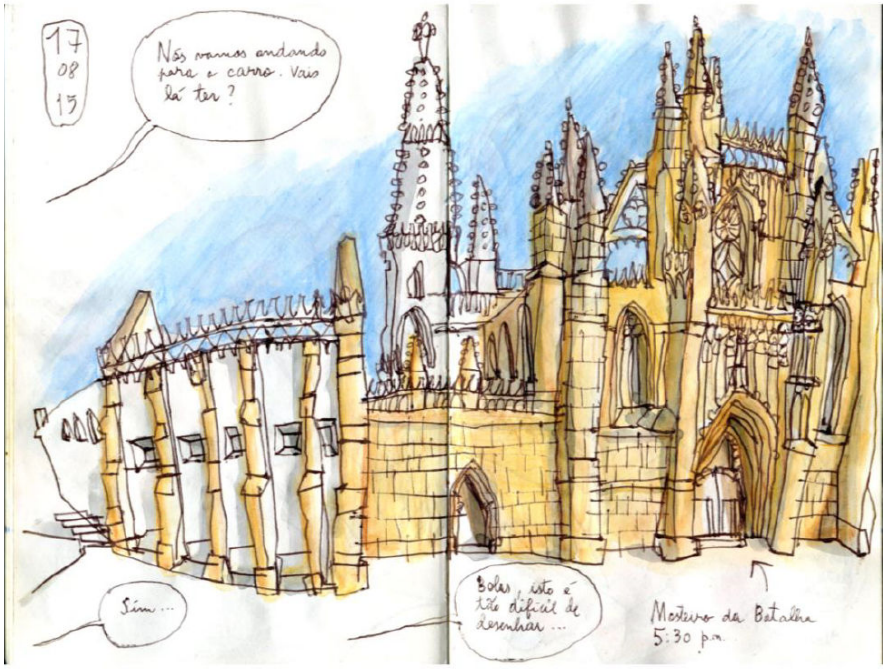
17- Como Arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho?

Sou arquiteto, mas não sei o que possa vir a ser o pensamento arquitectónico. A minha actuação e sensibilidade enquanto arquiteto são conduzidas pelo meu pensamento, que é só um e é o mesmo que guia todas as outras coisas da minha vida, a nível pessoal, profissional e comportamental.

O desenho estrutura o meu pensamento, e consequentemente a minha vida. Mas tem cada vez menos que ver com o facto de ser arquiteto.







Desenhos de Observação executados por Nélson Paciência



28 Entrevistado

Nome: Paulo Brilhante

Idade: 41 anos

Área profissional: Construção Civil

Profissão: Coordenador de uma Delegação Internacional de pavimentos Industriais.

1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Nem sempre. Quando criança, e isso julgo que passou por todos nós, desenhava coisas vulgares, casinhas e carrinhos. E adorava as cores dos marcadores, dos lápis de cor, etc. A adolescência foi muito vazia neste hobbie. A escola não me fez despertar para o desenho. Agora, em adulto, e desde 2007, o desenho vive comigo e eu vivo com o desenho.

2- O que te motiva para o desenho?

Registar um percurso da minha vida cotidiana. Ver e sentir a evolução do traço, da interpretação do observado. O desenho "in situ" faz-nos pensar sobre o local e toda a envolvência a ele inerente.

3- Desenhas diariamente?

Não, mas sinto que devia. E digo isso porque cada dia que passa e não desenho, fico com a sensação de que poderia tê-lo feito.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Eu diria que a escolha profissional foi o desenho. Porque o primeiro curso que faço, depois da escolaridade obrigatória, foi de desenho técnico de construção civil.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Hoje desenho somente como hobby. Isso porque o meu percurso profissional, a partir de 2014, foi evoluindo para a área de coordenação e direção de obras.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Sim, sem dúvida. Tanto que as melhores pormenorizações são aquelas que são feitas em obra, em cima do acontecimento. Fáceis de interpretar e diretas ao assunto.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Não sei responder a essa pergunta, porque a minha formação é um Curso de Especialização Tecnológica na área da construção civil.

8- O que é para ti o desenho?

O desenho é um meio de comunicar. Não só para os outros, mas uma forma de introspeção, logo, uma excelente forma de analisar os nossos sentimentos e pensamentos.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Fui um dos impulsionadores da criação em S. Miguel do grupo USK Azores, logo, julgo pertencer a esse grupo. Acompanho todos quanto posso. A razão de os acompanhar é precisamente para poder evoluir, aprendemos muito com os outros. E se víssemos fazer tanto melhor. Não esquecer que; "macaco vê, macaco faz".

10- Como conheces-te estes grupos de Sketchers?

Através da internet. Inicialmente pelos blogues, depois facebook.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Uso grafite, tinta da china, aguarelas, lápis de cor. Quanto ao suporte essencialmente cadernos A6, A5, A4 e blocos de folha solta.

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Mais do que uma forma de estar no mundo, é uma forma de ver o mundo. Quando desenho não tenho a pretensão de fazer "ipsis verbis" o observado. Aliás, Felix Scheinberger, urban sketcher, diz que a preocupação de criar um retrato objectivo está a cargo da fotografia.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Eu aprendi a desenhar e logo na instrução primária, não fossem as letras do alfabeto desenho gráfico.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

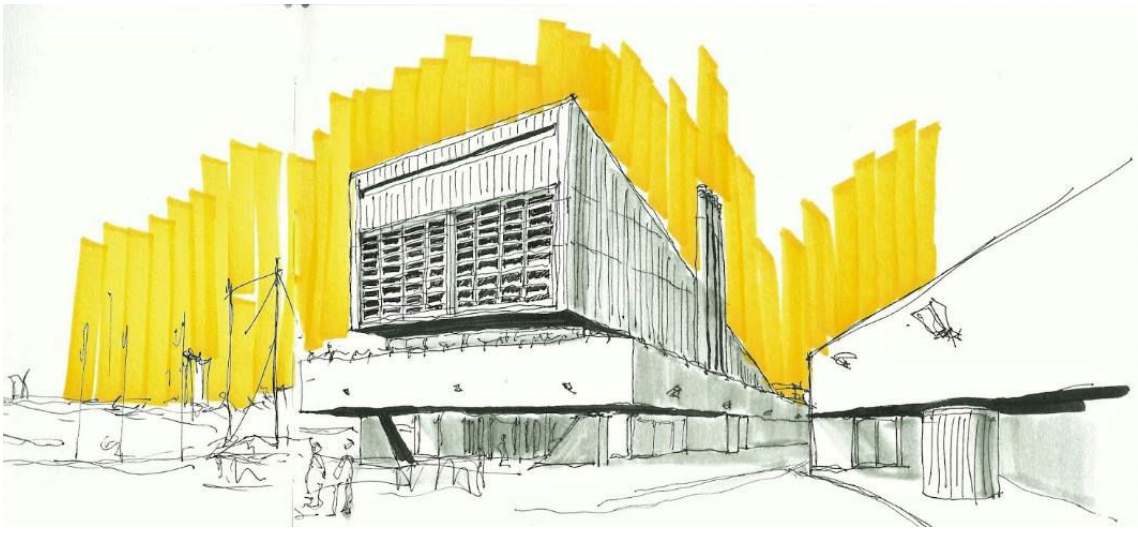
Existem regras, são acessíveis a todos e não é necessário saber desenhar. No entanto, sendo esta uma atividade lúdica, sem preferências clubísticas ou políticas, diria que as regras existem, mas que se podem quebrar, com estilo. A única regra que eu acho dever ser respeitada, para no caso de querer partilhar em grupos de urban sketch, é a regra de desenhar "in situ", ou desenhar diretamente para o suporte (caderno, blocos, folhas soltas, etc) aquilo que observamos.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

Sim, sem dúvida. E o primeiro impacto que obtive com o desenhar à vista, foi começar a observar de forma diferente tudo aquilo que me rodeia. As formas, os lugares, as cores, os cheiros, a importância da luz, etc, etc.

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

Eu diria que este é daqueles aspectos que mais nos enriquece sem esforço. Porque o simples facto de estar no lugar, ler, ouvir e interpretar o observado é, por si só, enriquecimento cultural. Indo um pouco mais longe, e isso já vai da curiosidade de cada um, na falta de informação prestada no local, sempre podemos pesquisar sobre o que estivemos a desenhar. Desde datas, impulsionadores, fundadores, beneméritos, mutações arquitetónicas, importância do espaço histórico, etc, etc.



Desenhos de Observação executados por Paulo Brilhante

29 Entrevistado

Nome: Paulo J. Mendes

Idade: 52 anos

Área profissional: Desenho

Profissão: Professor de Desenho

http://postalguarelas.blogspot.pt/



1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Embora desenhasse desde criança, o desenho de observação só entrou na minha vida a partir de 2014

2- O que te motiva para o desenho?

A vontade de registar um tempo e um lugar, o desafio técnico, o instante de paragem na azáfama diária.

3- Desenhas diariamente?

Sim, desde 2014

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Sim

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Toda a minha vida profissional esteve sempre mais ou menos directamente ligada ao desenho; no caso específico do desenho de observação, surgiu como um hobby mas estou num processo de transição para que possa ir mais longe.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Embora não esteja ligado à arquitetura, creio que será absolutamente essencial.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Sem dúvida, todo e qualquer incentivo.

8- O que é para ti o desenho?

Tal como o alimento nutre o organismo, o desenho é a nutrição do espírito; É também muito provavelmente a única coisa em que sou realmente competente.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Sou associado dos Urban Sketchers Portugal e, localmente, membro do PoSk – Porto Sketchers; acompanho todos os encontros e atividades desde que me interessem e a agenda e a carteira permitirem. Embora desenhe tendencialmente sozinho, gosto do saudável contraponto de estar em contacto com outros sketchers, partilhar ideias e conhecimentos sobre desenho, ajudar quem está no início.

10- Como conheces-te estes grupos de Sketchers?

Blogosfera e redes sociais.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Cadernos de vários tamanhos e formatos, com preferência para o quadrado; Canetas Uni-ball, esferográfica Bic azul, aguarelas e pincel tradicional.

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Uma forma como qualquer outra.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Não creio em "dons", é o resultado de prática intensiva, vontade e persistência.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

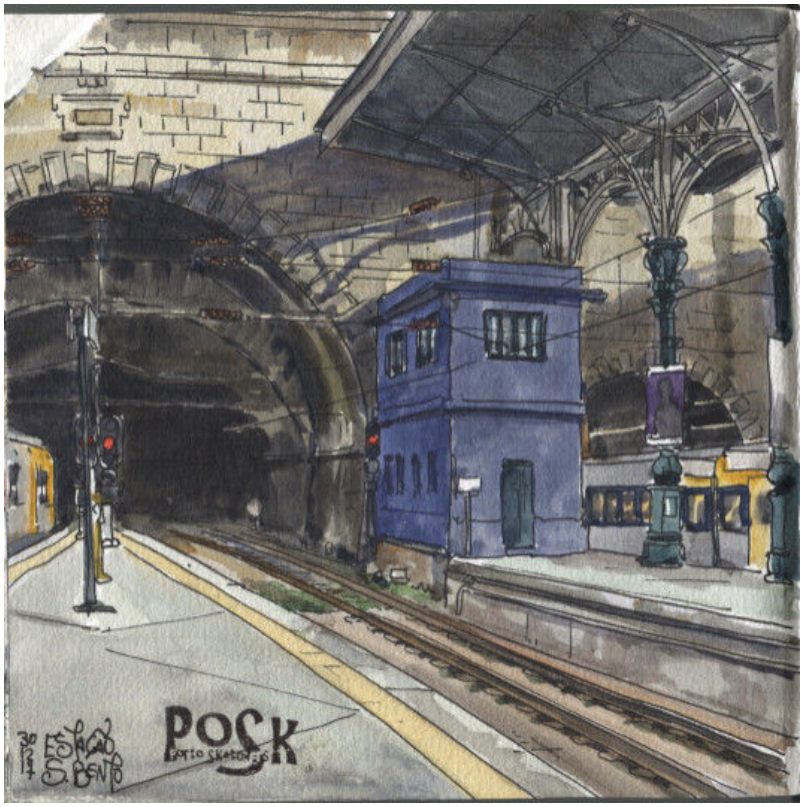
Não é necessário à partida saber desenhar, tudo vem com a prática, e quanto menos regras e restrições, melhor.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

O desenho de observação aprofunda a capacidade de estarmos atentos ao que nos rodeia, e apercebemo-nos de detalhes e sons e outros elementos que de outra forma nos escapariam, pelo que arriscaria dizer que sim.

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

A resposta está na própria pergunta.





Desenhos de Observação executados por Paulo J. Mendes

30 Entrevistado



Nome: Pedro Loureiro
Idade: 37 anos
Área profissional: Arquitetura
Profissão: Arquiteto / Ilustrador de Arquitetura
http://pedromacloureiro.com

1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Nem sempre. Desenhava muito em criança, como toda a gente. Pouco na adolescência. e regressei ao desenho, sobretudo ao desenho de observação ao ingressar no curso de arquitetura, aos 18 anos.

2- O que te motiva para o desenho?

Tenho diferentes motivações para cada desenho. Podem ser desenhos para passar o tempo, para desenvolver determinada técnica, para observar a realidade ou para criar. Muitas vezes, a motivação é mista.

3- Desenhas diariamente?

Ultimamente sim. Desde há um ano que o desenho é a minha profissão. Antes, não tinha o hábito de desenhar diariamente. Era um desenho esporádico e de oportunidade.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Sim. Diria até que não escolhi por causa do desenho, mas sim que fui escolhido por causa do desenho.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Ambos. Sendo que o progresso no desenho profissional melhora o desenho de hobby e vice-versa.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Sim. Sempre considerei isso, desde que comecei a estudar. Usava o desenho para estudar e analisar o sítio, para configurar volumes e circulações, para estabelecer diagramas e vistas. Não digo que seja fundamental para toda a gente, mas é sem

dúvida, a forma mais económica de estudar problemas e soluções e para comunicar em arquitetura.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Sem dúvida. No ano em que ingressei em arquitetura (1999) já havia muitos colegas meus que optavam por não desenhar à mão livre e eu sentia que os projetos não cumpriam o seu verdadeiro potencial por não terem sido estudados do ponto de vista do desenho.

8- O que é para ti o desenho?

Neste momento, e trabalhando como ilustrador de arquitetura, o desenho é sobretudo uma ferramenta de charme e comunicação. Mas há momentos e fases dada minha vida em que o desenho é a minha forma de compreender certos aspectos da realidade e do mundo, especialmente as pessoas com quem me cruzo. Muitas vezes essa compreensão vem, não através do tempo que passo a observar as pessoas, mas sim da reacção que as pessoas têm ao ser desenhadas e ao verem o desenho a ser feito.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Acompanho os Urban Sketchers Portugal desde 2010, porque me incentivaram a mostrar os meus desenhos. Esse desafio obrigou-me a querer melhorar a minha técnica e os meus hábitos de observação. Por outro lado, foi através dos Urban Sketchers que descobri a profissão de ilustrador de arquitetura, que agora desempenho. Como tal, sinto-me compelido a apresentar os Urban Sketchers ao máximo de pessoas possível, para que elas também tenham a possibilidade de descobrir algo ou algum potencial nelas próprias que desconheçam ou tenham receio de mostrar. Pertenço actualmente à direcção dos Urban Sketchers Portugal.

10- Como conheces-te estes grupos de Sketchers?

Através de um amigo meu ilustrador, que também tinha o hábito do desenho de observação e que era amigo de vários dos fundadores do grupo.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Principalmente cadernos de papel de aguarela. Tenho começado a entrar na área da aguarela propriamente dita, o que me faz explorar outro tipo de suportes mais relacionados com a especialidade - papel de aguarela 100% algodão. No entanto, esta exploração não me afasta dos cadernos mais corriqueiros de papel de baixa

qualidade, que são sempre úteis para os desenhos mais descomprometidos do dia a dia. Prefiro canetas a lápis - especialmente canetas de aparo com tinta à prova de água. São mais duráveis, mais elegantes e mais expressivas que as canetas de ponta de feltro. Uso quase sempre aguarelas para a cor. Comecei a usá-las porque achava que os desenhos iriam chamar mais a atenção com um pouco de cor, mas depressa comecei a usar a própria aguarela como uma ferramenta de mancha e de sombra.

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Sim. É um hábito que os meus amigos e familiares já conhecem bem e já se habituaram a ver-me a compreender o mundo e as pessoas através do desenho. Desconhecidos aproximam-se com curiosidade e sinto que consigo ligar-me de uma forma mais eficaz às pessoas ao partilhar este hábito com os curiosos. Por outro lado, permite-me relacionar com os locais e objectos, uma vez que o desenho obriga à observação e a passar tempo com o local ou objecto.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Tudo me leva a crer que é um artifício que se aprende. Até hoje, noto que apenas pessoas que não são curiosas pelo desenho não conseguem aprender. Todos os que tentam e têm vontade, progridem tão rapidamente quanto mais frequentemente praticam. Praticamente todos desenhámos enquanto crianças. Muitos de nós parámos porque a educação está focada na eficiência, e o desenho ainda é, em grande medida, visto como um produto de luxo, uma extravagância ou um passatempo na melhor das hipóteses.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Os Urban Sketchers, o exemplo que melhor conheço, é acessível a todos, independentemente da proficiência em desenho. Apenas é necessária vontade de desenhar e de partilhar. Existem apenas algumas regras tácitas nos temas que se abordam no desenho: tem de ser desenho de observação, tem de reflectir uma realidade e comunicá-la, e tem de haver uma narrativa envolvida, uma história, uma observação. Estão excluídos, por exemplo, o desenho de modelo ou a ilustração.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

Não directamente o desenho, mas sim o silêncio e o tempo a que o desenho obriga. Esses são os dois factores que elevam a atenção e a sensibilidade.

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

Mais uma vez o tempo de observação é o factor crítico. Ao passar alguns minutos a desenhar um local, vamos começar a ouvir conversas ao redor, sons e cheiros. Vamos questionar-nos porque é que determinado elemento do espaço é como é, como é que as pessoas se movem no espaço, etc. Este questionamento e esta sensibilidade não é tão eficiente num desenho feito no estirador. A não ser que estejamos a fazer uma ilustração que nos obrigue a uma pesquisa aprofundada sobre o tema. Mas este último exemplo já é do campo profissional e já foge do desenho de observação.

17- Como Arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho?

Não diria tanto. Já não practico arquitetura, mas quando o fazia, o desenho servia para compreender e exteriorizar uma ideia que maturava na mente. O desenho não fazia tanto parte do processo de criação, mas sim do processo de comunicação, quer aos outros, quer a mim próprio. Servia também como ferramenta rápida de teste - da distribuição e eficiência de uma planta ou um corte, de um ponto de vista que se queria explorar, de um pormenor ou encaixe entre materiais que exigisse uma visão tri-dimensional - em todos estes casos, o desenho era o intérprete da mente. Penso que o desenho deve ser uma ferramenta da arquitetura e não o contrário.







Desenhos de Observação executados Pedro Loureiro



31 Entrevistado

Nome: Pedro MB Cabral

Idade: 63 anos

Área profissional: Arquitetura

Profissão: Arquiteto

http://bonecosdebolso1.blogspot.pt/

1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Desde sempre desenhei, embora de forma esporádica. Em 1987 comecei a desenhar mais regularmente e desde 2005 quase diariamente.

2- O que te motiva para o desenho?

Comecei a desenhar muito frequentemente quando os estiradores foram substituídos por écrans e teclados. Pouco depois percebi uma nostalgia insuspeita dos lápis, borrachas, canetas e papeis.

Esta frequência do desenho despertou-me para as inúmeras possibilidades e vantagens do exercício. É uma espiral de prática e aprendizagem que se vai acelerando a ela própria. Uma espécie de vício bom. Não sei se cria endorfinas, mas comparo o desenho enquanto disciplina à corrida (jogging), em que o desportista arruma a vida e as ideias à volta dos treinos que se tornam meios e fins. Objetivos e ferramentas.

3- Desenhas diariamente?

Já passei a fase em que a obrigação do desenho diário foi importante enquanto disciplina. Agora a coisa acontece naturalmente e há dias em que não desenho e acho que isso não me afeta. Sei que o desenho está lá e posso considerar-me um diáriodesenhador.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Ao fim de muitos anos o destino (outro nome para a "crise") afastou-me da arquitetura pura e dura não podendo dizer que agora uso profissionalmente o desenho na arquitetura.

Actualmente o desenho é, portanto, um hobby, mas, frequentemente conduz a propostas de ilustrações ou outras atividades remuneradas (que raramente se traduzem em lucros propriamente ditos).

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Ao fim de muitos anos o destino (outro nome para a "crise") afastou-me da arquitetura pura e dura não podendo dizer que agora uso profissionalmente o desenho na arquitetura.

Actualmente o desenho é portanto um hobby mas, frequentemente conduz a propostas de ilustrações ou outras atividades remuneradas (que raramente se traduzem em lucros propriamente ditos).

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Sim, sem dúvida.

Não necessariamente de uma forma académica nem muito regrada, mas como capacidade de pensar, ver e transmitir uma ideia.

Apesar disso acredito nas academias e nas regras como construtoras ou caminhos para a aprendizagem do desenho.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Não sei qual o incentivo actual pelo que desconheço se será necessário aumentá-lo.

Não tenho dúvidas que os incentivos para desenhar são importantes não apenas para os alunos de arquitetura (aí serão fundamentais) mas para toda a gente. Não que todos venham a ser desenhadores, mas porque, antes de o experimentarem, nunca a vocação, o gosto e a aprendizagem serão possíveis.

8- O que é para ti o desenho?

Isso é uma abstracção muito difícil. Posso dizer que gosto tanto de desenhar como de ter desenhado. Que me dá prazer o acto e o resultado, entendendo o resultado não necessariamente como um desenho, mas como uma aprendizagem. Aprendizagem do desenhar e do desenhado.

É também uma ocasião de recolhimento (não de isolamento porque estou em ligação directa com o modelo) e de procura individual (ninguém desenha por mim) mas que, a partir da exposição, proporciona o "desrecolhimento" o estabelecimento de relações.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Desde 1987 que, com o começo do "desenho frequente", participo em grupos mais ou menos alargados de troca e exposição dos desenhos que, historicamente, passaram por vários suportes: sobrescritios de correio, faxes, blogs. Acredito neste tipo de relações, acompanhei e pertenço aos USk- Urban Sketchers desde a origem da ideia.

10- Como conheces-te estes grupos de Sketchers?

Em 2005 comecei o blog BONECOS DE BOLSO, que me proporcionou contacto com outros desenhadores de todo o mundo através de comentários e relações "bloguistas". Foi no meio dessa comunidade que nasceu, por intermédio do Gabi Campanário, a ideia dos USk onde estive presente desde a primeira hora.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

O que gosto mais é da caneta de tinta preta em papel branco, que usei em exclusividade durante anos. Mais tarde passei a colorir os desenhos e também e a desenhar com lápis de cor, material de que continuo a gostar imenso. Desde há alguns anos uso predominantemente aguarela para colorir desenhos a tinta. Procuro (menos do que devia), sair destes hábitos tentando outros materiais e técnicas mais desinstaladores e desafiantes por saírem da rotina.

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Esta pergunta também é demasiado filosófica. Digamos que o desenho me ajuda a ver o que tenho à volta. Obriga-me a seleccionar e focar um modelo, a inseri-lo ou destacá-lo de um contexto e a dedicar-lhe algum tempo e atenção. Entendido como disciplina tem também a vantagem (talvez não maior do que em outra qualquer disciplina tal como música, leitura, meditação, …) do esforço, superação ou melhoria pessoal.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Acho que todos os bébés nascem sabendo desenhar, dançar, tocar, escrever …Dependerá do ambiente e da educação em que crescerem a identificação e desenvolvimento das respetivas vocações. Qualquer pessoa pode escrever uma lista de mercearia ou trautear os parabéns a você. Nem todos chegam a Camões ou Mozart. Quem nunca passou, por repressão, descuido, falta de ambiente ou falta de oportunidade, do desenho, música ou escrita dos primeiros anos, não pode saber se tem ou não as capacidades para o fazer. Qualquer pessoa com mais ou menos aprendizagem pode escrever uma lista de mercearia ou trautear os parabéns a você. Nem todos têm capacidade, meios ou vocação para chegar a Camões ou Mozarts.

Para além disso acredito que o estudo, aprendizagem e treino representam uma proporção enorme no desenhar. Quem fica na instrução primária terá tanta dificuldade em escrever uma carta como em desenhar uma folha.Ficam de fora os génios em que, maior parte das vezes por desequilíbrio, a vocação é tão forte que fura barreiras de outra forma impossíveis de ultrapassar. Quantas vocações, quantas vidas felizes se vão perdendo por esta falta de acarinhamento ou discernimento vocacional.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Falo só nos USk que têm regras muito precisas e simultaneamente muito abrangentes, estabelecidas no respectivo manifesto. Nos USkP não só não é preciso saber desenhar (quem é que sabe desenhar?) como são especialmente bem-vindas as pessoas que, sem experiência querem lançar-se nesta aventura.Não há escala de valores entre desenhadores nem desenhos, não há concursos, todos temos a certeza (e a prática e a experiência) do que aprendemos uns com os outros. Mesmo com a frescura da abordagem de quem desenha pela primeira vez.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

Filosofias à parte, é verdade que quando desenho, particularmente quando desenho em viagem, estou particularmente sensível ao que me rodeia e que constitui o universo ou o contexto dos modelos de desenho. Sons e ruídos, temperatura, ventos, cheiros… tudo isso, de alguma fora será (ou deveria ser) integrado no desenho.

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

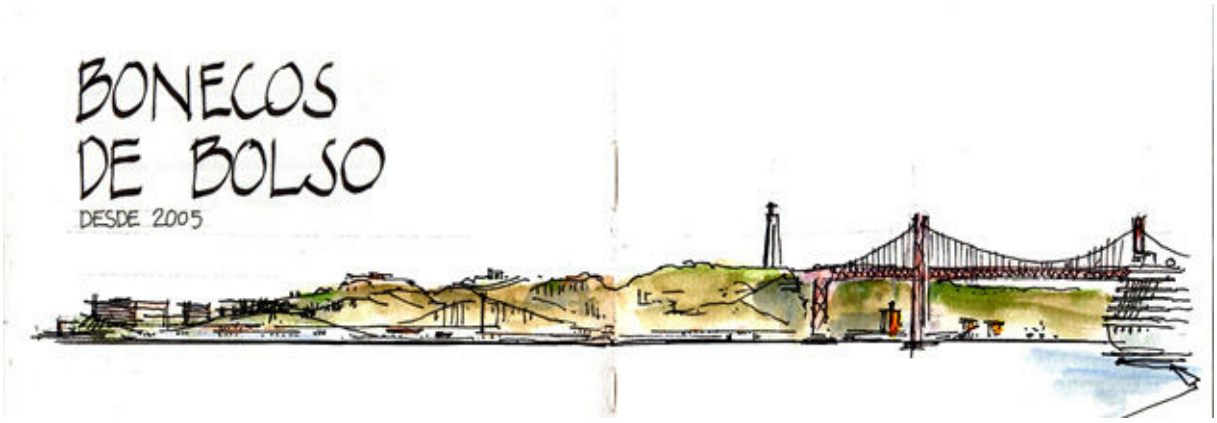
O desenho só me interessa enquanto "desenhar fora" no sentido de ser uma interpretação do tal mundo que nos rodeia. Mesmo que essa interpretação passe muito pelo atelier ou por ferramentas para além da observação directa.

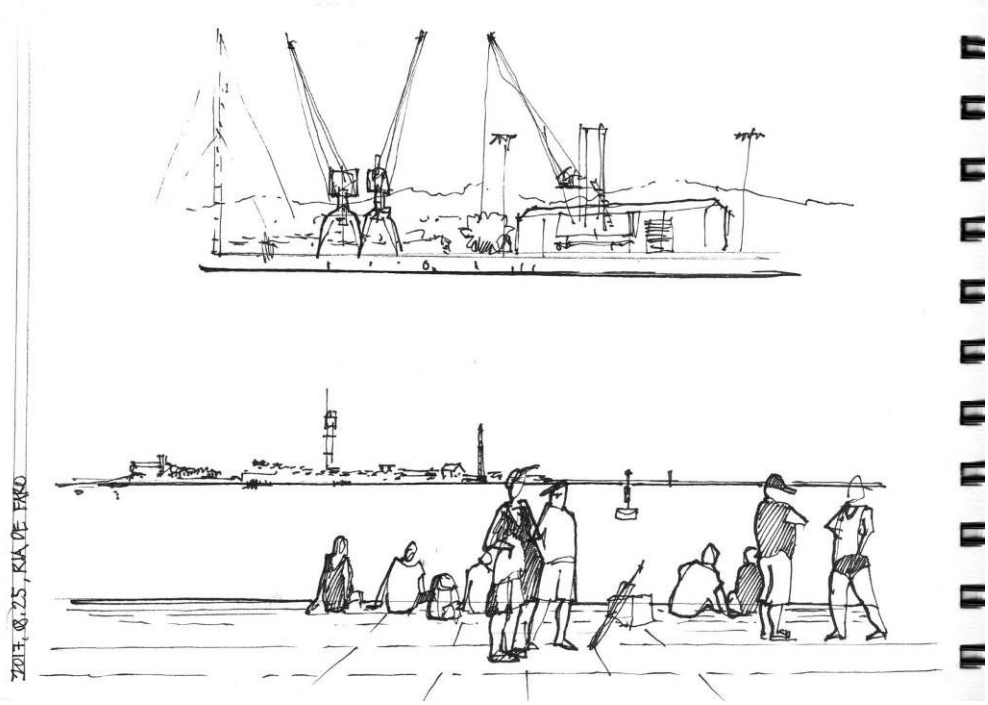
Embora o respeite e até admire, não me interessa a exploração, através do desenho, do interior da mente ou do abstraccionismo.

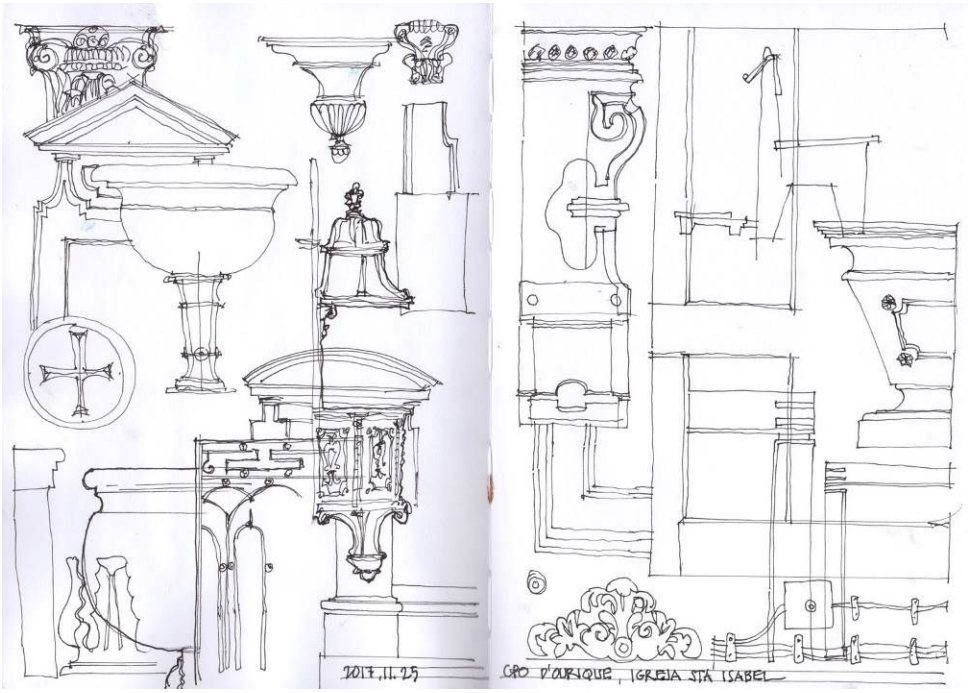
O desenho que eu mais gosto de fazer é o desenho de viagem exactamente como interpretação do "mundo que nos rodeia". Admito que a viagem possa ser uma viagem de todos os dias, dos nossos lugares mais comuns, em que me esforço por encontrar insólitos, ângulos novos ou motivos de interesse.

17- Como Arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho?

Acho que o pensamento arquitectónico é indissociável da representação, seja apenas mental ou em suportes mais ou menos físicos, durante a conceção e durante o projeto, quer esses suportes tenham modos mais comuns (maquettes, plantas, alçados e cortes, papel ou ficheiro) ou mais exotéricos, filme, 3D, …

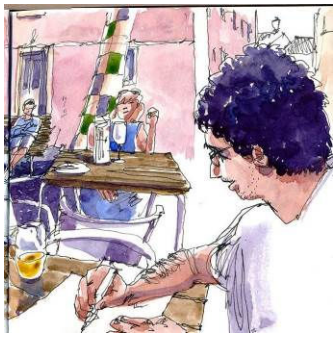






Desenhos de Observação executados por Pedro MB Cabral

32 Entrevistado



Nome: Pedro Alves

Idade: 35 anos

Área profissional: Arquitetura

Profissão: Arquiteto / Ilustrador

http://intervalosalmoco.blogspot.pt/

1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Sempre desde que me conheço. Usei sempre o desenho para fazer os eternos "bonecos" em tudo o que era caderno escolar, desde muito novo.

2- O que te motiva para o desenho?

A eterna descoberta e a abordagem de diversas temáticas. Sempre que faço um desenho eu aprendo com ele, mesmo quando faço um mau desenho. Claro que o bom e mau desenho é uma eterna discussão, mas eu sei perfeitamente quando um desenho meu sai bem ou mal e tanto um como outro permitem-me evoluir.

3- Desenhas diariamente?

A toda a hora... Às vezes começo a pensar se será normal?...

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Sem dúvida porque desenhar é o que faço melhor e como tal tive de escolher uma profissão que envolvesse o desenho. Claro que não foi fácil, mas quando gostamos de algo de uma forma tão apaixonada e entusiástica, superamos todos os obstáculos.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Ambos... Desenho a toda a hora, já disse isto não? (risos). Após um dia de trabalho a desenhar constantemente, nada melhor para relaxar do que desenhar mais um pouco ;)

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Mais uma eterna discussão que daria um debate bem inflamado devido ao grande numero (e cada vez maior) de arquitetos que defendem que "isso do saber desenhar" é apenas um mito que não é essencial para ser arquiteto. Sim claro, podemos ser arquitetos e não saber desenhar, mas se souberem serão certamente

melhores profissionais. Eu digo muitas vezes: "é possível ser arquiteto sem fazer um risco no papel, mas todos os BONS arquitetos que conheço sabem desenhar muito bem..." Um bom arquiteto que consiga transmitir o seu pensamento para o papel de uma forma clara que todos consigam entender, consegue resolver uma série de problemas inesperados (numa obra por exemplo) recorrendo apenas a um pedaço de papel e caneta.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Sem dúvida. Eu tive a sorte de ter 3 anos de desenho na faculdade e só tivemos autorização para pegar num computador a partir do 2º ano. Na última vez que olhei para um plano curricular de arquitetura na minha faculdade, havia apenas um ano de desenho. Caso não haja espaço para mais horas semanais no plano curricular, penso que os alunos deveriam ser incentivados a produzir mais desenhos fora das instituições.

8- O que é para ti o desenho?

Penso que muitos esperam uma resposta meio poética da minha parte mas eu sou bastante sério e tecnicista relativamente ao desenho. Claro que o desenho é o que me move, me apaixona, mas eu não me considero artista apesar de produzir arte. Acima de tudo eu sou um técnico e o desenho é uma técnica que uso para me expressar e como eu estou constantemente a dizer, não é um dom ou algo místico que só alguns conseguem fazer. Não, o desenho é uma técnica e como qualquer técnica, temos de treinar arduamente para a conseguir dominar.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Sim, sou membro dos Urban Sketchers Portugal (USkP) e do CCC Sketchcrawl Torres Vedras desde 2014. Recentemente fui convidado para ser um dos fundadores do Grupo regional dos USkP Oeste, o qual baptizamos de Oeste Sketchers - USkP. Assim que vi que iria haver um encontro de desenho em Torres Vedras fiquei de rastos porque estava a caminho do Algarve e assim que lá cheguei tratei logo de me inscrever em ambos os grupos. Pertencer a um grupo destes traz muitas vantagens para o nosso desenho, onde destaco a rapidez com que evoluímos. Pertencer a uma comunidade faz-nos desenhar mais e a "obrigatoriedade" de termos de partilhar os nossos desenhos com os outros membros acentua ainda mais esse facto.

10- Como conheces-te estes grupos de Sketchers?

Os USk foram-me dados a conhecer em 2009 pelo meu antigo professor de desenho que curiosamente me iniciou no desenho de rua em 2001. Assim que o grupo Português foi dando os primeiros passos, fui vendo o blog deles de vez em quando. O CCC sketchcrawl Torres Vedras foi descoberto por mim, por mero acaso no Facebook, da forma que já descrevi na pergunta anterior.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Folhas banais e caneta preta (caneta, não esferográfica) são o meu suporte de eleição. Usei o lápis e a grafite durante anos a fio, mas quando me começaram a exigir mais cuidado e limpeza nos desenhos, mudei para a caneta. Recentemente desenvolvi uma paixão pela aguarela e as folhas banais deram lugar ao bloco com folhas de 200g/m² + kit de aguarelas, água e pinceis.

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Já toquei guitarra da mesma forma que agora desenho e nunca achei que tocar guitarra fosse uma forma de estar no mundo ou coisa que o valha. Desenhar é muito especial para mim mas como já disse, não sou poético relativamente a isso e não acho que o facto de desenhar me torna mais especial do que qualquer outro. A melhor forma de estar no mundo é em paz com os outros e comigo mesmo.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Já abordei este tema na pergunta 8. Como dizia o meu professor Mario Kong: "Desenhar requer 10% de inspiração e 90% de transpiração," portanto, um dom não é de certeza ;)

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Existem regras que terão de ser cumpridas, são acessíveis a qualquer um e saber desenhar é uma vantagem, mas não é essencial. O mais importante é partir para estes grupos de espírito aberto e despojarmo-nos de vedetismos e egos que toldam a nossa aprendizagem e evolução.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

A resposta a esta pergunta está na pergunta em si, basta retirar o ponto de interrogação.... Desenhar é ver, ponto. Para ver temos de estar atentos ao que nos rodeia e ao concentrarmo-nos minimamente os nossos restantes sentidos são

também eles estimulados. Uma vez desenhei junto a uma padaria que estava com os fornos ligados e esse desenho ficará para sempre ligado ao cheiro bom que emanava do exaustor. Todos os meus trabalhos de faculdade começavam com uma análise sensitiva, que não era nada mais do que um conjunto de desenhos e texto que descrevessem tudo o que senti ao chegar ao local pela primeira vez

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

Mais uma que se auto-responde. Como qualquer técnica, quanto mais se treina, mais conhecimento adquirimos. Desenhar no exterior permite-nos enriquecer aquilo a que eu chamo de "Biblioteca Visual". Por exemplo, se desenharmos pessoas a viver o seu dia-a-dia durante várias horas, dias, meses adquirimos uma vasta quantidade de informação visual que depois nos permitem desenhar pessoas em qualquer pose sem que estejamos a olhar para elas. O mesmo se passa para qualquer outro elemento da paisagem urbana ou natural.

17- Como Arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho?

Sem sombra de dúvidas. Uso o desenho para estruturar as minhas ideias para um determinado projeto e só parto para as ferramentas digitais quando tenho projeto 100% estruturado na minha cabeça e no papel. Enquanto não funcionar no papel, não funcionará nunca.







Desenhos de Observação executados por Pedro Alves

33 Entrevistado



Nome: Rita Catita Afonso

Idade: 36 anos

Área profissional: Medicina

Profissão: Médica Veterinária

1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Não. Desenhava muito na infância principalmente os personagens dos livros que estava sempre a tentar escrever e os vestidos de noiva da minha irmã e das minhas primas que eram muito mais velhas que eu. Na adolescência parei de desenhar e recomecei há 2 anos aproximadamente.

2- O que te motiva para o desenho?

Gosto de desenhar porque é como se o tempo parasse. Deixo inclusivamente de ouvir. Interessa-me o processo, experimentar novas abordagens e quando o resultado final ultrapassa as minhas expectativas, fico mesmo contente.

3- Desenhas diariamente?

Não desenho diariamente. Desenho ao fim de semana e nas férias.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Não.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Somente como hobby.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Eu não sou arquitecta embora prive com muitos arquitetos por causa dos Urban Sketchers. Conheço também alguns arquitetos que não desenham. Dizem que não sabem ou que não precisam. Penso que o desenho, para um arquiteto, pode servir para arrumar ideias, para pensar sobre uma solução ou para mostrar aos outros de forma rápida e dinâmica algum ponto do projeto. Um desenho acaba por ter mais magia e personalidade que um esquema no computador.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Sem dúvida. Desenhar treina a observação. Se formos mais observadores servimos melhor os clientes. Observar permite fazer uma base de dados na nossa cabeça que nos ajuda muitas vezes, inconscientemente. Observar melhor desenvolve também o nosso espirito critico e capacita-nos a pensar de forma mais transversal e menos preconceituosa.

8- O que é para ti o desenho?

O desenho é a forma primordial de conhecer as formas, as emoções dos espaços onde me movo. É um momento em que se desliga o piloto automático. Não percebo muito de neurociências, mas quando desenho devem libertar-se quantidades gigantes de dopamina ou outros neurotransmissores responsáveis pelo bem-estar.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Sou associada dos USkP.

10- Como conheces-te estes grupos de Sketchers?

Os pais de um amigo da escola costumavam ir aos encontros e convidaram-me para participar.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Sempre aguarelas e, muito raramente, caneta preta impermeável ou não. Cadernos de gramagem superior de 160g por causa da aguarela

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

É uma forma de estar atenta ao mundo. É uma forma de extravasar a minha criatividade, e também uma forma de alheamento, quando desenho paro, o tempo pára e experimenta-se o prazer do focus absoluto.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Aprende-se sem dúvida. Mas só se aprende se desenharmos muito e só se desenha muito quando se gosta muito. Penso que a premissa para aprender a desenhar na idade adulta, e quando não se tem obrigatoriedade, é mesmo desenhar muitíssimo.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Penso que há algumas regras intrínsecas à preservação de um tipo de abordagem. Por exemplo, os USkP desenham em cadernos e só devemos publicar no blog se o desenho tiver sido feito num caderno. É uma questão polémica, na minha opinião faz

sentido. O Urban Sketching tem como base o desenho descomprometido, como se fosse um diário de vivências. Se os desenhos saíssem dos cadernos, rapidamente íamos ter partilha de telas, pinturas etc que nada têm a ver com esta liberdade. As regras têm por base a manutenção do espirito do velhinho diário gráfico.

Relativamente ao grupo que conheço – os USkP – penso que é muito acessível a quem quiser participar independentemente do nível de desenho. Penso que o julgamento acaba por vir de nós próprios e tem a ver com a nossa personalidade. Eu, por exemplo, nunca tive vergonha de partilhar os meus desenhos. E o facto de haver desenhos muito melhores que os meus só me fez desenhar cada vez mais e conhecer as pessoas que faziam aqueles desenhos. Contudo, tenho a noção que nem toda a gente gosta de se expor. E na verdade não é preciso mostrar os desenhos. Podemos ir aos encontros e fechar o caderno.

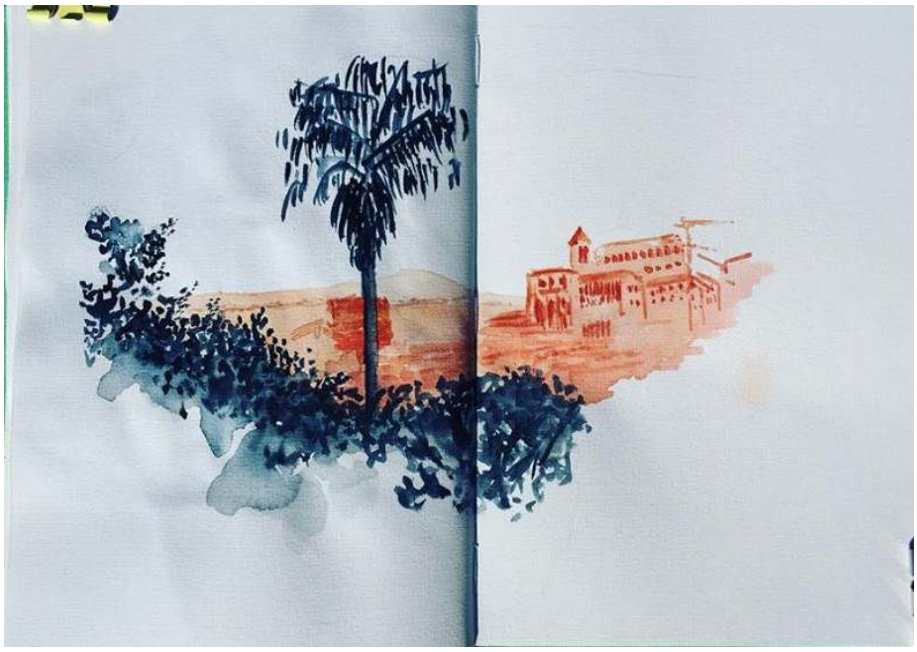
15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

Sim. Penso que o que melhor descreve o desenho de observação é a atenção plena.

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

Desenhar no exterior permite observar melhor as cores, os movimentos e a relação entre objetos, pessoas e atmosfera. Muitas vezes a cores mudam porque passou uma nuvem ou temos a visão tapada porque um carro estacionou. Todos esses incidentes fazem parte da nossa interação com o ambiente. Quando desenho algo tendo a interessar-me pela história ligada aquele cenário.







Desenhos de Observação executados por Rita Catita Afonso

34 Entrevistado

Nome: Rosário Félix

Idade: 67 anos

Área profissional: Ensino

Profissão: Professora (aposentada)

http://dequemeservemosolhos.blogspot.pt/



1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

O desenho sempre fez parte da minha vida.

2- O que te motiva para o desenho?

Riscar, ver melhor e sentir aquilo que vejo.

3- Desenhas diariamente?

Não.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Foi. Escolhi uma profissão ligada ao desenho, que por ironia me tirou tempo para desenhar.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Como hobby, mas que muitas vezes ultrapassa diversão.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Acho que sim, é uma forma de pensar mais intensa.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Penso que sim, principalmente incentivados a pensar/desenhar as ideias sem o crivo do computador. Depois então o computador que é uma preciosa ajuda.

8- O que é para ti o desenho?

É uma forma de pensar.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Sim, acompanho. Gosto de desenhar em grupo, embora sozinha. Gosto de descobrir coisas que até agora não tinha dado por elas, incluindo as pessoas com quem desenho e os lugares, claro.

10- Como conheces-te estes grupos de Sketchers?

Através de um amigo meu e colega de trabalho (o Eduardo Salavisa)

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Utilizo um caderno, caneta com tinta impermeável, aguarelas e lápis de cor aguareláveis

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Sim

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Acho que a vontade e o gosto de desenhar é um dom. Aprender qualquer pessoa pode.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

São acessíveis a qualquer pessoa

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

Sim

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

Não tenho dúvidas que o desenhar nos enriquece.



Desenhos de Observação executados por Rosário Félix

35 Entrevistado

Nome: Susana Nobre

Idade: 46 anos

Área profissional: Design

Profissão: Designer

http://suzananobredesenhos.blogspot.pt



1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Talvez a partir dos 8/10 anos tenha começado a fazer desenho por observação tanto de fotografia como de situações reais. Atualmente pratico essencialmente o desenho por observação.

2- O que te motiva para o desenho?

para mim ou me emociona; ficar com uma recordação do momento que presencio e Conseguir captar e ficar com um registo do que gosto e que de alguma forma é importante que tem alguma importância para mim; conhecer e entender melhor o que vejo; é um momento relaxante e de certo modo terapêutico pois abstraio-me do resto.

3- Desenhas diariamente?

Não, durante a semana geralmente não consigo desenhar, as atividades diárias, sejam profissionais ou não, deixam-me muito pouco tempo livre. Faço-o durante o fim de semana quando estou mais livre ou durante as férias.

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

Sim, foi. Segui Artes no secundário tendo em conta que queria seguir algo ligado ao desenho ou às artes, embora não tivesse a escolha bem definida. apenas na Universidade optei pelo Design Industrial.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Na minha atividade diária profissional utilizo algumas vezes, essencialmente na fase inicial de projeto na delineação dos conceitos. Utilizo o desenho também como ferramenta de atividade profissional extra ao trabalhar em ilustração, e uso também como hobby.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

Creio que sim, a procura de conceitos e de materialização rápida e flexível das ideias concretiza-se muito no desenho e o fato de ser feito manualmente permite expressões mais interessantes.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Não tenho a noção de como atualmente o desenho está presente no ensino da arquitetura, mas sim, creio que deveria ser bastante incentivado, creio que as noções de espaço estão muito associadas à prática de desenho de observação e para as concetualizações creio ser essencial

8- O que é para ti o desenho?

É uma ferramenta de expressão

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Sim, localmente pertenço aos ASK, grupo de desenho de Aveiro e vou acompanhando o que se faz nos grupos regionais e locais, assim como no internacional. Sempre que posso, procuro ir aos encontros dos grupos, gosto de trocar ideias, desenhos e técnicas com os colegas sketchers, e é sempre uma forma muito boa de aprender e partilhar. É também uma forma de conhecer pessoas que partilham muito dos mesmos interesses.

10- Como conheces-te este grupo de Sketchers?

Através da comunicação social e redes sociais.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

Utilizo essencialmente cadernos com papel de aguarela, mas vario muito nos mater iais, pois, gosto de experimentar as diferentes expressões que os materias possibilitam. Uso aguarela em pastilha, canetas permanentes, grafites, lápis de cor, canetas bic...

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

Sim porque se aprende a ver o mundo de uma forma diferente, a contempla-lo de uma forma mais demorada e minuciosa, ficamos mais atentos aos pormenores e formas, observamos tudo mais atentamente.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Aprendes a desenhar assim como aprendes a falar ou a escrever, nunca desenvolves uma técnica ou forma de expressão ou comunicação se não a praticas. Técnicamente podes ter uma facilidade mais inata de execução, mas creio que é sempre uma questão de insistir e encontrarmos uma forma e uma técnica que para nós é mais fácil de desenvolver e atingir os nossos objetivos na expressão do desenho.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

Creio que é uma questão de alguém se identificar com o que o grupo pratica e de não ter problema com seguir algumas regras impostas, mas creio que nunca limitam a participação de ninguém por serem iniciantes ou não dominarem bem as técnicas.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

Sim, estar concentrada no que estou a desenhar, principalmente em desenhos mais demorados, permite-me abstrair de tudo e focar-me unicamente no que estou a desenhar, percebendo melhor todos os pormenores com todos os sentidos.

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

Quando se desenha "fora" estamos em contacto com o mundo, não estamos simplesmente isolados a desenhar, estamos a interagir com as pessoas e com as situações que ocorrem ao nosso redor, envolvemo-nos e participamos, e o registo visual é uma forma de interpretar tudo isso.





Desenhos de Observação executados por Susana Nobre

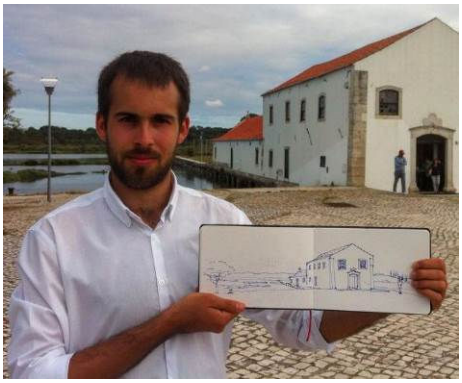
37 Entrevistado

Nome: Tomás Reis

Idade: 27 anos

Área profissional: Arquitetura

Profissão: Arquiteto



1- O desenho sempre fez parte da tua vida?

Mais do que parte da vida, o desenho sempre fez parte da educação, quer em casa, quer na escola.

2- O que te motiva para o desenho?

Motiva-me a criação de um repertório sensorial e a criação de futuras memórias.

3- Desenhas diariamente?

4- O desenho foi importante para a tua escolha profissional?

O desenho, mais do que importante, foi determinante no meu percurso profissional.

5- Desenhas como ferramenta profissional, ou somente hobby?

Desenho não só como ferramenta profissional, mas também como hobby.

6- O desenho é uma ferramenta primordial em Arquitetura?

O desenho está talvez no mesmo cordão umbilical que liga o olhar humano ao meio envolvente. Mas hoje em dia, há muitas formas de fazer arquitetura, e no tempo do BIM, nem tudo passa pelo desenho de observação.

7- Deveria haver mais incentivo nos alunos de Arquitetura para o acto de desenhar?

Esse incentivo existe na faculdade. Trata-se de um dos selos que distinguem os cursos de arquitetura em Portugal de outros países que conheço. É bom que esse vínculo não se perca e contribua para distinguir a arquitetura portuguesa.

8- O que é para ti o desenho?

O desenho é uma das formas de coreografar o que vemos e de registar futuras memórias.

9- Pertences, ou acompanhas grupos de "Sketchers", e porquê?

Pertenço sim; é uma forma de partilhar o desenho de observação.

10- Como conheces-te estes grupos de Sketchers?

Conheci em redes sociais e também através de amigos e colegas de trabalho.

11- Que tipo de materiais e suportes utilizas no desenho?

O caderno de desenho é o suporte de eleição. Mas nos materiais "riscadores" tento variar, para combater o tédio e progredir com novos desafios.

12- Consideras que desenhar é uma forma de estar no mundo?

É uma forma de ver o mundo, que naturalmente se transforma numa forma de estar.

13- Aprende-se a desenhar ou consideras que saber desenhar é um dom que nasce contigo?

Desenhar é uma inquietação para captar o que nos rodeia; essa inquietação é pessoal e intransmissível, mas pode ser trabalhada.

14- Relativamente aos grupos de desenhos, existem regras, são acessíveis a qualquer pessoa, é necessário saber desenhar?

São grupos muito tolerantes, onde a diversidade nas formas de expressão é amplamente defendida. Porém, a participação em workshops dos associados cria vícios de representação que acabam por ser comuns a muitos sketchers.

15- O desenho eleva-te o estado sensorial ou sensitivo?

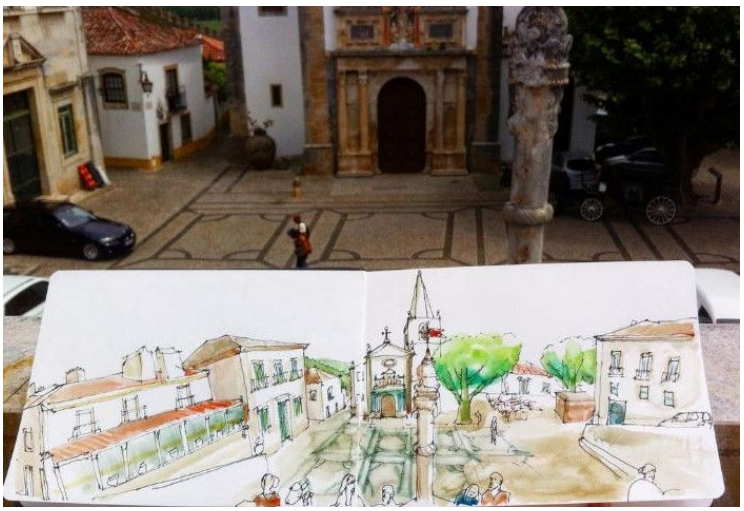
Haverá diferença?

16- Até que ponto, o desenhar "fora" no exterior nos permite adquirir um conhecimento mais alargado do mundo que nos rodeia e, por consequência, enriquecer a cultura visual de cada um?

A cultura visual é influenciada pelas memórias de cada um. O desenho enriquece essas memórias, torna-nos mais atentos e atrevidos.

17- Como Arquiteto o teu pensamento arquitetónico estrutura-se pela via do desenho?

Sem dúvida. A concepção de espaços arquitectónicos pressupõe uma codificação do espaço, para a qual o desenho contribui.







Desenhos de Observação executados por Tomás Reis